

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS
CULTURAIS

Reinventando a si mesmo no fio da carreira.

Uma reflexão sobre as metamorfoses nas segundas escolhas profissionais

Tatiana Oliveira Siciliano

Rio de Janeiro

Março de 2006

Reinventando a si mesmo no fio da carreira.

Uma reflexão sobre as metamorfoses nas segundas escolhas profissionais

Tatiana Oliveira Siciliano

Dissertação de mestrado apresentada ao Mestrado Profissionalizante em História Política, Bens Culturais e Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Sarmento

Rio de Janeiro

Março de 2006

Ficha Catalográfica

Siciliano, Tatiana Oliveira.

Reinventando a si mesmo no fio da carreira. Uma reflexão sobre as metamorfoses nas segundas escolhas profissionais. Rio de Janeiro: FGV / CPDOC / Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2006, 166 folhas.

Dissertação (Mestrado Profissionalizante em História Política, Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas - Rio de Janeiro. Pós-Graduação em História Política, Bens Culturais e Projetos Sociais – CPDOC, 2006.

1. Indivíduo e sociedade 2. Indivíduo psicológico 3. Trajetórias 4. Metamorfoses
5. Segundas escolhas 6. Construção de carreiras

Reinventando a si mesmo no fio da carreira.
Uma reflexão sobre as metamorfoses nas segundas escolhas profissionais

Tatiana Oliveira Siciliano

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getulio Vargas - Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.

Aprovada por:

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sarmiento (orientador)

Prof. Dr. Celso Castro

Prof. Dr. Gilberto Velho

Rio de Janeiro

2006

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação foi para mim um processo bastante “sofrido” e, com certeza, eu não teria conseguido chegar ao fim sem a ajuda direta e indireta de várias pessoas.

Agradeço ao meu orientador, Carlos Eduardo Sarmiento, pela sabedoria, bom humor, respeito e paciência em lidar com as minhas “crises de insegurança” durante a confecção do trabalho, além do seu apoio e demonstração de confiança nos momentos em que mais precisei. Estendo o agradecimento a todos os professores da FGV/CPDOC, dos quais fui aluna e que contribuíram, com suas aulas e discussões teóricas, para minha reflexão, além de terem indicado leituras para a realização deste trabalho. A Marieta Ferreira agradeço pelas críticas feitas ao meu projeto, na primeira apresentação, durante a disciplina de Seminário. Sem elas, talvez não tivesse me questionado e procurado outra forma, mais adequada, de abordar o tema que desenvolvi.

A banca da qualificação foi fundamental para a configuração final desta dissertação. Agradeço, sinceramente, aos professores Gilberto Velho, Celso Castro e Carlos Eduardo Sarmiento pelas sugestões feitas durante o exame, as quais procurei incorporar no presente trabalho. Tenho consciência de que grande parte das idéias aqui apresentadas foi inspirada por estes professores. Se, no entanto, alguma imperfeição permaneceu, cabe a mim inteira responsabilidade.

Preciso registrar a imensa dívida com o professor Gilberto Velho. Sem as suas aulas de Antropologia das Sociedades Complexas e Laboratório de Pesquisa em Antropologia Social – cursadas como disciplinas eletivas no Museu Nacional, UFRJ – o presente trabalho não teria a forma atual. Sou muito grata também aos meus colegas de turma de Laboratório – Liane (também pela leitura dos meus

originais), André, Júlia, Elvira e Mila – pelo ambiente de troca e pelas contribuições para o meu projeto.

Não poderia esquecer de Fernanda Eugenio, minha mentora, que me apresentou e despertou meu interesse pelas questões antropológicas e relativas ao “indivíduo e sociedade”. A Fê, meu muito obrigada.

Agradeço a todos os meus colegas de turma do Mestrado da FGV/CPDOC. Particularmente, às minhas amigas Silvana, Georgy, Ivone e Ana Christina pelas contribuições mas, sobretudo, pelo carinho e afeição e por terem – com nossos papos, risos e encontros – tornado tudo mais leve e prazeroso.

À minha mãe, gostaria de dedicar esta dissertação, por todo apoio durante o Mestrado, pelo ouvido, o carinho, a dedicação e a leitura dos originais de todos os trabalhos realizados até então. Estendo o agradecimento aos demais familiares e amigos que me apoiaram e me incentivaram durante todo o processo.

Ao Claudio, meu marido, mais do que meu muito obrigada. Sem a sua compreensão em aceitar que eu dividisse, com os livros, nossos finais de semana e tempo livre, jamais conseguiria concluir uma dissertação, sem parar de trabalhar. E, certamente, nenhuma conquista teria sentido sem a sua presença.

Agradeço aos meus chefes na Intelig Telecom, Vania Carvalho e Kleber Meira, por flexibilizarem meu horário e permitirem que eu fizesse esta passagem com mais conforto e segurança.

E, finalmente, agradeço aos meus informantes pois, sem eles, não conseguiria nem ao menos esboçar o presente trabalho.

RESUMO

O trabalho propõe uma reflexão sobre as trajetórias profissionais do ponto de vista subjetivo, abordando as “histórias de vida”, os relatos daqueles que, por vontade própria, fizeram deslocamentos em suas carreiras ou se encontram em meio a tal processo. O universo pesquisado é constituído por pessoas das camadas médias urbanas, moradoras do município do Rio de Janeiro. A análise tomou como base vinte entrevistas pessoais gravadas, realizadas entre julho de 2004 e junho de 2005. As principais questões discutidas são a relativização da categoria “mudança” quando aplicada à carreira; os sentidos e os significados dos deslocamentos e o modo como a reinvenção profissional se integra a um projeto pessoal de autoconhecimento e autotransformação, nos quais as práticas psicológicas e alternativas contribuem para seu desenvolvimento e fortalecimento. A dimensão analisada é a do sujeito psicológico que possui um projeto individualizador e se reinventa a partir das condições que detém. Para contextualizar o significado que o indivíduo possui na cultura ocidental moderna, a discussão destes temas é precedida por um histórico sobre o indivíduo-valor e sobre o trabalho-valor.

ABSTRACT

The present work proposes a reflection on professional trajectories from a subjective point of view, approaching the "histories of life", the stories of who has made, or is in the process of making, at personal will, important career changes. The research universe is composed of people from average socio-economic status, who live in Rio de Janeiro city. The analysis is based on 20 in-depth, personal interviews that took place between July 2004 and June 2005. The main questions discussed were the relativization of the "change" category applied to the career, the directions and meanings of these changes, and how the professional reinvention is related to a personal project of self-knowledge and self-transformation, of which psychological and alternative practices contribute for its development and strength. The analyzed dimension is of the psychological subject who possess an individuation project and who reinvents herself or himself based on the conditions that he/she withholds. In order to contextualize the meaning that the individual has in the modern western culture, the discussion is preceded by a historical description of the genesis of individual-value and the work-value.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 - O entrevistador no campo de pesquisa: uma reflexão.....	13
1.2 - Pesquisador e informantes: discussão sobre alguns aspectos metodológicos.....	15
1.3 - Os entrevistados.....	19
1.4 - O contexto histórico e geográfico	28
2. CAPÍTULO 1: A gênese do indivíduo moderno.....	34
2.1- O surgimento do indivíduo-valor.....	34
2.2- O trabalho e o cálculo racional como atributos essenciais do indivíduo moderno.....	53
3. CAPÍTULO 2: “Transformar é preciso”: em busca da profissão que melhor expresse o eu.....	63
3.1 - Os sentidos da(s) “mudança(s)”	67
3.2 - Um mergulho dentro de si: a mudança como uma forma de singularização.....	85
4. CAPÍTULO 3: Fabricando uma nova profissão. Experimentando o processo de mudança	94
4.1 - Um resumo sobre a trajetória dos que vivem o processo de mudança.....	95
4.2 - Identificando a vocação: as angústias e sacrifícios durante a mudança.....	113
5. CAPÍTULO 4: Configurando um sentido para a trajetória. Um olhar retrospectivo	129
5.1 – Uma descrição das trajetórias.....	137
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	161

1. INTRODUÇÃO

Os projetos, como as pessoas mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. Gilberto Velho, 2003.

Sempre considerei fascinante a reflexão sobre como uma pessoa torna-se “aquilo o que ela é” e que caminhos poderia ter percorrido, ao invés da trajetória já traçada. O que faz com que uma vida assuma certas configurações, em detrimento de outras e qual o papel do sujeito neste processo? Até que ponto uma trajetória é fruto das escolhas individuais e em que medida estas escolhas são circunscritas pelos limites do quadro sócio-histórico¹? Afinal, este indivíduo vive e age no mundo, transformando-o e sendo por ele transformado e sua posição como sujeito é constantemente negociada e reconstruída nesta interação.

O presente trabalho propõe uma investigação sobre pessoas das camadas médias urbanas – todas moradoras do Rio de Janeiro² – que deslocaram (ou encontram-se em vias de), consciente e voluntariamente, suas representações profissionais. Trata-se de uma tentativa de “mergulhar” na dimensão existencial dos indivíduos e de suas escolhas ao longo da “carreira”, aqui entendida segundo o conceito de Hughes (1971), como um ciclo de vida percorrido dentro de uma sociedade específica, ao longo de um determinado tempo. Carreira vista, então, como sinônimo de uma trajetória profissional³ e que, conseqüentemente, incorpora os “projetos”⁴ individuais e

¹ Tal discussão não é original e faz parte da questão clássica sobre determinação e agência, presente nas obras de Simmel, Schutz e nos autores da Escola de Chicago. No Brasil, Gilberto Velho é um dos principais autores a lidar com esta problemática.

² Recorte geográfico que pode conferir ao conjunto pesquisado um caráter particular, conforme será posteriormente discutido.

³ O conceito de carreira é bastante plástico e pode ser aplicado em diversos contextos, implicando uma adesão a um tipo de projeto e, conseqüentemente, um aprendizado e uma experimentação de uma forma de viver e de ver o mundo. Hughes (1971) é o pioneiro no aprofundamento do tema. Junto a alunos como Becker, Goffman, Strauss, entre outros, constitui referência teórica fundamental nesta discussão. Há inúmeros trabalhos nos quais o conceito de carreira é aplicado às mais diversas situações e usado em distintas etnografias. Howard Becker,

suas transformações, sendo eles “dinâmicos e constantemente reelaborados” (VELHO, 2003:10), permitindo e, por vezes, incentivando as reinvenções e “metamorfoses” do sujeito.

Ao reelaborarem suas identidades profissionais, estes sujeitos reinventam a si mesmos, uma vez que a expressão profissional é entendida, no universo pesquisado, como uma das “apresentações do eu” (GOFFMAN, 1999) que mais espelham sua essência, seu “self”. Pretendo discutir as razões que levam as pessoas a almejam estes deslocamentos na carreira e qual o significado a eles atribuído. Quais seriam os fatores subjetivos e os fatores externos impulsionando o desejo de mudar de profissão? Por que estas pessoas agem? Se ninguém tem certeza se vai dar certo, por que a vontade acaba levando à ação e não à paralisia?

É importante ressaltar que a ênfase privilegiada neste trabalho foi a do ator social, que interage com outros sujeitos, e experimenta subjetivamente a vida social, possuindo um projeto individualizador e se autofabricando a partir do material que dispõe – mas que, ao transformar-se, também modifica o mundo à sua volta. A própria escolha do público pesquisado recaiu sobre indivíduos

em *Outsiders* (1966), descreve carreiras desviantes como a dos fumantes de “marijuana” e a dos músicos de Jazz. Loic Wacquant, em *Corpo e Alma* (2002), analisa a carreira do boxeador. Jane Russo, em *O Corpo Contra a Palavra* (1993), aborda a carreira dos terapeutas corporais na década de 80. Andréa Moraes, em *A Dama e o Cavalheiro* (2004), aponta outra possibilidade de “carreira” para as mulheres da 3ª idade para além dos papéis de mães e avós, tradicionalmente atribuídos a elas. As mulheres pesquisadas por Moraes têm como projeto a dança de salão cujos significados extrapolam a mera diversão. Trata-se de uma carreira, uma expressão de si que abrange, no universo pesquisado, uma afirmação do papel de damas e o compartilhamento de uma visão de mundo e de um *ethos* cavalheiresco (expresso nos gestos, no vestuário, na apresentação de si, nos rituais de aproximação, na forma de comportar-se em relação ao par, etc). Karina Kuschnir analisa, em *O cotidiano da política* (2000), a carreira de Marta Silveira, uma psicóloga que no intuito de ajudar o pai (um político do subúrbio), ingressa na vida política e acaba por gostar e aderir a esta nova carreira. Em *Santos e Canalhas. Uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*, Adriana Facina analisa a carreira de Nelson Rodrigues construída em duas direções: como dramaturgo e jornalista. Em *Os Militares e a República* (1995), Celso Castro aborda a carreira de Benjamin Constant, mostrando como na interação com a “mocidade militar” se dá sua configuração em líder revolucionário – que combinada a outros fatores e atores políticos, acabou desencadeando a proclamação da República no Brasil, em 1889.

⁴ No sentido usado por Schutz (1979), como uma ação direcionada para se atingir determinados fins.

de camadas médias urbanas⁵, oriundos de profissões tradicionais e socialmente reconhecidas⁶, gozando de certa renda⁷ e que conscientemente mudaram (ou estão em processo de mudança de) sua referência profissional, isto é, a forma pela qual eram antes conhecidos (e reconhecidos) profissionalmente. Assim, a ênfase da dissertação recaiu na discussão sobre as histórias de vida destes atores sociais que enfatizaram seus deslocamentos de carreira ao falarem sobre si. O que não significa que as categorias “mudança” e “permanência” não estejam contidas nas biografias tanto dos que priorizam os “deslocamentos” nas carreiras, como entre os que se percebem seguindo trajetórias mais lineares.

Como toda abordagem pressupõe uma escolha teórica e metodológica, friso que, deliberadamente, optei por não utilizar o enfoque da exclusão social, do desemprego, da falta de garantias no mundo do trabalho. Tampouco valorizei o aspecto macrosocial (as transformações econômicas e sociais ocorridas no mundo do trabalho), em detrimento das histórias de vida. Minha preocupação foi enfatizar a dimensão do vivido, das experiências, dos questionamentos, dos desejos de mudança e, conseqüentemente, das tensões que tais projetos acarretam no processo de “negociação da realidade”⁸. A esfera do trabalho, embora permeie todos os relatos dos indivíduos pesquisados – pelo fato de a dissertação centrar-se nos deslocamentos da carreira – é primordialmente analisada do ponto de vista conceitual, o do trabalho-valor.

⁵ Entendida aqui como um “ethos”, um tipo de vida que possibilite o acesso ao sistema de informação e de educação formal e que permita, ao sujeito, maior margem de manobra para suas escolhas. Posteriormente, será discutida a categoria “camadas médias urbanas”.

⁶ Engenharia, Direito, Arquitetura, Economia, Administração, Informática, Magistério ou outras com status de superior completo. Apenas dois entrevistados não concluíram seus cursos superiores, na época em que dedicavam-se às primeiras carreiras. Tal situação, no entanto, não prejudicou sua mobilidade social, uma vez que possuíam acesso ao sistema de informação e transitavam, sem destoar, entre os que possuíam nível superior.

⁷ Renda esta que lhes permitia planejar e pensar em caminhos alternativos e não apenas preocupar-se com a própria subsistência.

⁸ Ver SCHUTZ, 1979.

O trabalho constituiria, então, um campo de auto-expressão do sujeito, uma “atividade por intermédio da qual o homem faz a si mesmo”⁹.

1.1 – O entrevistador no campo de pesquisa: uma reflexão

Devo confessar, no entanto, que o tema desta pesquisa possui uma forte referência autobiográfica, seja no processo de seleção dos entrevistados – que fizeram parte da minha rede de relações¹⁰ – seja porque experimentei, “na própria pele”, o desejo de mudar de profissão e, desde então, venho questionando meu papel profissional e estruturando um redirecionamento para a carreira acadêmica.

Minha identidade profissional está atrelada à área de Marketing, especificamente à Pesquisa de Marketing, com a qual trabalho há 13 anos. Meu interesse inicial por esta atividade foi motivado pelo fato dela basear-se na observação, na análise e interpretação do comportamento do consumidor. No entanto, o objetivo final de uma empresa é o lucro, a remuneração do acionista, e a sua demanda é sempre por informações que resultem em soluções práticas, aplicáveis e rentáveis. O foco é sempre o consumidor, não o indivíduo. Daí os questionamentos, as indagações e os aprofundamentos teóricos sobre o sujeito e sua construção social não fazerem parte dos interesses – nem do dia-a-dia – de uma corporação.

Quando a “inquietação” aumentou e comecei a buscar novos caminhos, percebi que as questões e o desejo de mudança – que imaginava serem apenas “meus” – também estavam presentes em várias outras pessoas,

⁹ Frase de Leandro Konder sobre a visão do trabalho para Marx, especificamente sobre o conceito de “Homo Faber”. Extraída do Caderno Prosa e Verso do Jornal O Globo, 02 de outubro de 2004.

¹⁰ Indicação de amigos e pessoas do meu convívio. Sendo que, alguns dos entrevistados são meus amigos pessoais. O recrutamento por intermédio de conhecidos foi o único possível, visto que não existem associações – nem grupos estabelecidos e organizados – de pessoas que mudaram de profissão. Este acaba sendo um tema íntimo e pessoal.

inclusive em colegas de trabalho. Havia sempre alguém a me contar o caso de um conhecido que tinha mudado radicalmente de profissão. Também notei a presença constante deste tema na mídia impressa¹¹. Enfim, a “inquietação” não era uma questão individual, mas partilhada por outros atores sociais, o que sinalizaria um anseio por novas representações profissionais e configuraria um aspecto da realidade social. Daí o meu interesse em transformar esta “experiência pessoal” em objeto de estudo.

Naturalmente, se por um lado a familiaridade com o objeto pesquisado facilita a compreensão (o processo de colocar-se no lugar do outro) e a interação com os entrevistados, por outro requer uma maior atenção quanto ao exercício de objetificar o tema pesquisado e demanda maior esforço na tentativa de transformar o “familiar em exótico”. Neste caso, mais fortemente do que nos outros¹², a subjetividade do pesquisador permeia todo o trabalho de campo. Não se trata de negar tal interferência mas, ao contrário, assumi-la e assinalá-la quando esta for “visível”.

Durante as entrevistas, por várias vezes, por mais que tentasse assumir uma postura crítica e manter um distanciamento psicológico, senti-me identificada com as histórias de vida dos entrevistados; algumas vezes, de forma tão intensa, que não consegui conter a emoção, o riso, o aceno de cabeça ou mesmo um comentário. Tal “cumplicidade” também foi vivenciada pelos informantes – tanto por parte daqueles que já me conheciam anteriormente quanto dos demais – que costumavam indagar, antes da entrevista, sobre as razões do meu interesse pelas pessoas que mudaram de carreira. Em diversas situações, os entrevistados referiam-se a si próprios usando o meu exemplo, colocando-se próximos a mim. Outras vezes, me

¹¹ No segundo capítulo desta dissertação, encontram-se listadas algumas matérias que abordam histórias de indivíduos que mudaram de carreira.

¹² Para qualquer cultura pesquisada, a neutralidade, a objetividade e a imparcialidade aspiradas e idealizadas são sempre relativas, visto que o olhar sobre o objeto é sempre direcionado pelo observador. Reforço o argumento, usando a definição de “fato social total”, de Mauss, segundo a qual o observador e o observado são partes da mesma natureza. A este respeito ver também Velho, 1999.

pediram opiniões, ou mesmo, conselhos, como no caso de um jovem advogado que desejava tornar-se profissional de Marketing.

Em algumas interações, saí com a impressão de que havia “ultrapassado” a barreira do distanciamento psicológico do pesquisador e, na “apresentação do eu”, interagido mais como pessoa do que propriamente como entrevistadora. Tomo emprestado de Löic Wacquant (2002) o termo “participação observante” como uma forma de vivenciar o campo “de corpo e alma”, provando os sabores e “sofrendo” das mesmas dores de um “nativo”¹³.

O fato de conhecer, previamente, em outros contextos, boa parte dos entrevistados também foi um aspecto que imprimiu um “colorido” diferenciado ao campo. Se, por um lado, facilitou o acesso e me permitiu fazer algumas perguntas mais íntimas, por outro me deixou preocupada em não “interpretar” suas falas, a partir dos conceitos formados anteriormente, fora do contexto da entrevista.

1.2 - Pesquisador e informantes: discussão sobre alguns aspectos metodológicos

A metodologia adotada neste trabalho foi a qualitativa, com entrevistas pessoais, gravadas e guiadas por um roteiro que contemplou perguntas referentes à trajetória e às escolhas profissionais. O recorte temático

¹³ Esta expressão é retirada do livro *Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Wacquant realiza uma pesquisa etnográfica, durante três anos, em um ginásio de boxe situado em uma comunidade negra de baixa renda perto da Universidade de Chicago, na cidade de mesmo nome. Tal experiência, segundo o autor, ultrapassou a “experimentação científica”, sendo vivenciada de “corpo e alma”, sentida na pele e nos músculos por conta da rigidez e do esforço físico dos exercícios no *Gym*. Foi compartilhada também através das conversas e convivência nos espaços de sociabilidade (o autor sentia-se à vontade com o grupo, que o tratava como se fosse um deles) e se tornou de tal forma sedutora, que quase tomou conta de sua “alma”, a ponto do sociólogo ter pensando em interromper a carreira acadêmica para juntar-se aos profissionais do boxe. O prazer em participar havia tornado a observação secundária, seu grau de adesão ao projeto de aprendiz de boxe era total e Wacquant deixara-se “abandonar no campo” (2002:19-29).

efetuado – sobre a carreira – tangenciou, evidentemente, questões relacionadas às histórias de vida, quando os informantes consideravam importante destacá-las. Embora o roteiro elaborado englobasse perguntas semelhantes – como as razões de escolha da primeira profissão, as seqüências de posições assumidas na primeira carreira, os caminhos que levaram ao desejo de mudar, o processo de mudança, os planos para o futuro, a apresentação de si durante a trajetória e a solicitação para que o entrevistado apresentasse um resumo sobre si – deixei que as entrevistas corresse soltas e de acordo com o tempo individual de cada informante. Alguns falaram sobre si e sobre suas escolhas profissionais de forma sucinta, outros contaram detalhes de sua vida e incluíram questões afetivas para explicar quem eram e por que buscavam determinada profissão.

De um modo geral, o tempo médio das entrevistas foi de pouco mais de uma hora, cerca de uma hora e dez minutos. Um dos informantes, no entanto, concluiu a entrevista em 40 minutos, enquanto outro conversou comigo por cerca de quatro horas, em meio as quais as fitas cassete acabaram. Terminei a entrevista anotando tudo “freneticamente” para não deixar escapar questões que me pareceram importantes.

Antes de realizar as entrevistas, tomava nota de alguns pontos da trajetória dos entrevistados com a finalidade de elaborar um roteiro personalizado e explorar aspectos que considerava mais pertinentes ao meu trabalho. No entanto, por diversas vezes após desligar o gravador, os entrevistados disparavam revelações que eu terminava anotando à mão, para não perder a densidade de seus depoimentos. Na quase totalidade dos casos, tomei um único depoimento formal de cada entrevistado, gravado. Houve uma entrevista, no entanto, que precisou ser feita em dois encontros pois não foi possível concluir o roteiro, uma vez que a informante tinha um outro compromisso agendado para o mesmo dia.

Apesar de já ter prática em entrevistar, devido à minha atuação como pesquisadora de Marketing, os encontros eram agendados privilegiando a conveniência dos entrevistados, o que muitas vezes me forçava a encaixá-las em meu horário de almoço, ou ter de ausentar-me por algumas horas do trabalho (e precisar negociar tal ausência). Os locais de realização das entrevistas também foram bastante diversos. Várias pessoas foram entrevistadas em suas próprias residências ou locais de trabalho. Com alguns informantes, no entanto, me encontrei em algum shopping, clube ou na universidade (onde utilizei o refeitório ou uma sala vazia para realizar a entrevista). Com muitos deles – aqueles cujo encontro foi marcado em um local público – como não os conhecia, precisei recorrer à descrição física e de vestuário para identificação mútua.

O processo de seleção dos entrevistados levou em consideração o conhecimento prévio das histórias de vida (no caso, dos deslocamentos na carreira) destas pessoas. Sua escolha deu-se, portanto, ou por pertencerem ao meu círculo de amizades (sete entrevistados) ou por serem conhecidos de amigos meus. Em pelo menos quatro casos, pessoas que entrevistei acabaram me indicando outras. Embora parte dos entrevistados conhecesse outra(s) pessoa(s) dentro do conjunto total de informantes, não constituíam um grupo. Poucos, de fato, eram amigos entre si. A maioria não tinha sequer conhecimento dos outros que estavam participando da pesquisa. Contudo, pelo fato de integrarem uma rede de relações, na qual eu era o ponto focal, não me surpreenderia que descobrissem amigos ou conhecidos em comum, caso se encontrassem em uma festa e comesçassem a conversar.

Ao trabalhar com entrevistas – especialmente sobre histórias de vida que tenham certas semelhanças¹⁴, embora não integrem um espaço comum de sociabilidade – o pesquisador acaba assumindo o papel de editor,

¹⁴ Semelhanças estas que constituem, inclusive, um pré-requisito para a seleção dos informantes.

selecionando os relatos e fazendo com que as diversas trajetórias dialoguem entre si, buscando as proximidades e as diferenças entre os depoimentos.

Como já disse anteriormente, não existem grupos ou associações de “pessoas que mudaram de carreira”, inviabilizando, desta forma, uma “observação participante”. Gostaria de ressaltar o quanto esta questão, a dos deslocamentos na carreira, é experimentada individualmente e, em muitos casos, solitariamente. Várias pessoas mostraram-se felizes com a possibilidade de fazer uma retrospectiva de suas vidas ou mesmo falarem sobre si. E, não raro, os informantes mostravam-se curiosos sobre como agiam os demais e me perguntavam quais seriam as conclusões da minha pesquisa.

Contudo, o “acesso” aos entrevistados é um ponto que mereceria uma discussão mais pormenorizada. Trata-se de uma contínua negociação: primeiro, precisei pedir-lhes que me concedessem uma entrevista, depois fui “invasiva” ao solicitar-lhes mais informações a respeito de suas trajetórias¹⁵. A fase posterior foi a de agendar a entrevista (nesta fase, vários dos meus possíveis entrevistados dispersaram-se, propositadamente, por não estarem dispostos a “abrir” suas questões existenciais ou por encontrarem-se com “problemas de agenda”¹⁶) e realizá-la, mantendo o interesse do informante em continuar me municiando com informações a respeito deles.

Mesmo com as dificuldades assinaladas, após espalhar para meus amigos e conhecidos que precisava de entrevistados que tivessem trabalhado por

¹⁵ Muitas pessoas narravam-me espontaneamente suas trajetórias, para que eu pensasse em incluí-las entre os meus possíveis entrevistados.

¹⁶ Pelo menos quatro entrevistados recusaram-se a conceder-me uma entrevista. Dois deles (um professor de Letras que tornou-se psicanalista – e que era amigo de uma amiga minha – e um contador que tornara-se astrólogo) não quiseram expressamente ser entrevistados. Outros dois (um administrador, indicado por uma amiga, que estava estudando para ser engenheiro civil e uma amiga minha formada em Comunicação Social, que trabalhava em empresa e tinha largado tudo para fazer Psicologia), marcaram e desmarcaram suas entrevistas, levando-me a acreditar que não queriam falar sobre o assunto, mas ficaram constrangidos em dizer-me abertamente.

algum tempo em uma profissão e depois resolvido (por vontade própria) iniciar nova carreira, recebi indicações de vários possíveis informantes. Além dos vinte que entrevistei formalmente, possuía mais cinco contatos (que já tinham concordado em conceder-me a entrevista) como reserva, caso, no decorrer da pesquisa, eu precisasse aprofundar minhas indagações.

Durante as entrevistas, percebi também que alguns dos meus entrevistados - especialmente os que ainda estavam investindo na segunda profissão e transitavam entre dois mundos, precisando manter a “representação do eu” com diferentes “personas” nos dois ambientes - ficaram apreensivos quanto a relatar-me certos episódios de suas vidas, para não serem reconhecidos por colegas de trabalho. Procurei tranquilizá-los, informando que iria ocultar seus nomes e não identificar (nominar) os locais nos quais trabalharam (ou ainda trabalhavam). Mesmo sabendo que um projeto acadêmico, como uma dissertação de Mestrado, acaba ficando restrito aos que, de alguma forma, transitam por este universo, troquei seus nomes e omiti certos aspectos que poderiam mais facilmente localizá-los ou causar-lhes algum embaraço. Afinal, estava ciente da minha intromissão nos seus dilemas existenciais e não queria quebrar o “voto de confiança” que permeou todo o processo de entrevistas. Quando aceitaram dar seu depoimento, os entrevistados colaboraram muito, foram transparentes e dispuseram-se a me ajudar a fazer a pesquisa. Diversos informantes “se abriram” para mim, contaram particularidades de suas vidas, expuseram suas emoções e não seria ético traí-los.

1.3 - Os entrevistados

Como já mencionado anteriormente, entrevistei vinte pessoas, no total. As quatro primeiras entrevistas foram realizadas em julho de 2004 e serviram

como material para um trabalho de final de curso no Mestrado. As demais foram realizadas entre fevereiro e junho de 2005, antes da qualificação.

O perfil das pessoas entrevistadas é o de moradores do município do Rio de Janeiro, pertencentes às “camadas médias urbanas”¹⁷, com escolaridade superior completa ou status proporcional ¹⁸, de ambos os sexos¹⁹, com idades variando entre 28 e 52 anos²⁰, e que tenham exercido, durante pelo menos cinco anos, uma determinada carreira e estejam em processo de alteração ou já tenham efetivamente mudado - por uma escolha pessoal - para uma outra profissão que demande algum tipo de investimento intelectual, ou seja, a aprendizagem de uma técnica específica.

Durante a realização das entrevistas, percebi que os entrevistados estavam em estágios diferentes, o que fazia com que se deparassem com um conjunto diverso de preocupações e formas distintas de interpretar os deslocamentos na carreira. Por isso, resolvi dividir a seleção da amostra em três, proporcionais aos estágios relativos à mudança. Naturalmente, como

¹⁷ A categoria “camadas médias urbanas” será posteriormente discutida e relativizada.

¹⁸ Ou seja, exercendo uma profissão que seja vista como de nível superior. Por exemplo, conforme já mencionado, um dos informantes era um publicitário que não chegou a se formar na faculdade (por falta de interesse, abandonou a faculdade de Música quase no final), tendo ingressado na profissão em um momento (na década de 70) em que a Faculdade de Comunicação Social não era um requisito para se trabalhar em publicidade. O que se considerava importante era que o sujeito investisse permanentemente no seu aperfeiçoamento cultural através da leitura, freqüentando atividades culturais etc. Outro informante, que trabalhava na área de Informática, passou por diversos cursos universitários (de Astronomia à Engenharia Civil) e acabou não concluindo nenhum, embora sua carreira não tivesse sido prejudicada por isso. Ele continuou sendo bem sucedido no trabalho (contando, inclusive, com promoções), só abandonando a Informática posteriormente, por decisão própria.

¹⁹ Procurei equilibrar a proporção entre homens (nove) e mulheres (onze) nas entrevistas, mas devo confessar que tive mais dificuldades em encontrar pessoas do sexo masculino que se enquadrassem nas características definidas pela pesquisa. Tive que solicitar à minha rede a indicação de homens, não a de mulheres. E foi muito mais difícil completar a cota com eles, do que com elas. Não sei se tal fato ocorreu por eu própria ser uma mulher, trabalhando em uma área com maior incidência feminina (Pesquisa e Marketing) e, conseqüentemente, acabar conhecendo mais mulheres do que homens. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, que não permite a mensuração estatística, não tenho como dizer se a predominância feminina é indicativa de uma maior facilidade do gênero em mudar de carreira ou se foi apenas uma coincidência.

²⁰ A distribuição entre as faixas etárias, na época da entrevista, dava-se da seguinte forma: quatro entrevistados estão entre 28 e 35 anos; seis entre 35 e 40 anos; sete entre 40 e 50 anos e três têm mais de 50, mas menos de 53 anos.

em toda definição de perfil de entrevistados, há neste procedimento algo de arbitrário e nem todos ajustam-se igualmente aos modelos propostos, embora se aproximem bastante dos tipos descritos abaixo:

- Os que estão investindo na mudança => isto é, ainda se encontram na antiga profissão, mas estão se preparando para a nova (alguns já deixaram a antiga, mas ainda não começaram a exercer a nova profissão, permitiram-se - e tiveram condições de - dedicar-se somente a esta preparação). Tal “preparação” pode demandar mais ou menos tempo dependendo da carreira desejada. Estão contemplados, nesta amostra, sete entrevistados, sendo quatro homens e três mulheres cuja distribuição por idade se dá da seguinte forma: três têm até 35 anos, três de 35 a 40 e um acima de 40.
- Os que se encontram no momento da mudança => são aqueles que começaram recentemente a trabalhar na nova carreira, mesmo que ainda precisem compor com a antiga para complementar a renda. Neste universo estão contidos seis entrevistados: dois homens e quatro mulheres; um com idade girando em torno dos 35 anos, dois de 35 a 40 anos, dois de 40 a 50 e um com mais de 50 anos.
- Os que estão fazendo uma retrospectiva de suas vidas: já fizeram a primeira mudança há algum tempo – há pelo menos cinco anos – e dela falam com um certo distanciamento, editando as seqüências de atos a fim de alinhavarem uma trajetória e, dessa forma, fabricando um sentido para sua história, narrando sua “ilusão biográfica”²¹. Neste caso encontram-se sete informantes, três homens e quatro mulheres, um com idade entre 35 e 40 anos, quatro de 40 a 50 e dois com mais de 50 e menos de 53 anos.

²¹ Sobre a “ilusão biográfica”, ver BOURDIEU, 2002 e sobre a tentativa do sujeito em emprestar coerência e unidade aos vários “eus” fragmentados que constituem os acontecimentos de sua vida, ver o 4º capítulo desta dissertação.

Creio que, a esta altura, seria importante discutir quais critérios de classificação estão abrigados na categoria “**camadas médias urbanas**”²², quais seriam suas “fronteiras simbólicas” e como os indivíduos pesquisados neste trabalho inserem-se nesta definição. Apesar de as trajetórias dos entrevistados não serem iguais, de nem todos possuírem a mesma renda, nem gozarem das mesmas facilidades para fazerem suas escolhas, há certas semelhanças nos “estilos de vida”²³ destes sujeitos, na sua forma de ver e conceber o mundo. Todos partilham do pressuposto de serem sujeitos, livres para escolher e não se colocam como vítimas do destino e sem condições de reação, mesmo quando não optaram de forma consciente por um determinado caminho. De uma certa forma, compartilham da visão de estratégia proposta por Bourdieu (1990:81-82), entendida como o “senso prático” no jogo social, no qual o bom jogador – e meus entrevistados certamente aí se enquadrariam – a cada momento cumpre a exigência do jogo para alcançar seus fins, adaptando-se e reinventando a si mesmo conforme as situações apresentadas.

Em maior ou menor grau, os entrevistados são auto-reflexivos, enquadrando-se no “projeto de modernidade” que crê na individualização²⁴, na autonomia do sujeito, constantemente analisando e criticando sua posição no mundo. Há uma tendência à intelectualização e à busca do autoconhecimento e bem-estar mental (“estar feliz”, “se realizar”), seja através das terapias psicológicas ou do chamado “campo alternativo”²⁵.

²² Categoria fluida e heterogênea, definindo-se muitas vezes mais por sua negação (o que não é), do que propriamente por sua afirmação. Dentro do mesmo universo encontram-se grupos cujos poder aquisitivo e “ethos” se aproximariam mais das “classes trabalhadoras” e outros cujos modos de viver e rendas tangenciariam a fronteira das elites. Ver, a este respeito, VELHO, 2003:66-67 e HEILBORN, 2004:69-71.

²³ Definido por Bourdieu como “espaço das propriedades simbólicas vinculadas aos grupos distribuídos no espaço social” (apud RUSSO, 1993:57).

²⁴ Em sua tese de doutorado, *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*, Luiz Fernando Dias Duarte alerta para o “colamento” da ideologia individualista com “os segmentos letrados intelectualizados”, pertencentes às classes médias e urbanas das sociedades modernas, fazendo um contraponto com as “classes trabalhadoras” urbanas, estudadas pelo autor, tidas como holistas e hierárquicas quando comparadas com os primeiros (1986:54,58).

²⁵ Aprofundarei tal ponto no 2º capítulo desta dissertação.

Pode-se dizer que os entrevistados fazem parte de um mesmo “**grupo de status**”²⁶, ainda que simbólico, no qual o capital “cultural” conta mais do que o “capital econômico”²⁷. Nem todos os informantes desta pesquisa possuem a mesma renda, ou dispõem de apartamento próprio. Com toda certeza, ao menos quatro dentre eles desfrutam de um excelente padrão de vida, alguns morando em coberturas, outros em bairros luxuosos (como o Alto Leblon ou o Jardim Oceânico), expressando o relativo conforto de suas vidas por intermédio de bens móveis e imóveis. Mas há também os que vivem em conjugados, em apartamentos alugados, não tendo herdado bens de suas famílias de origem (alguns informantes relatam, inclusive, serem oriundos de famílias humildes). Todos, no entanto, poderiam freqüentar uma mesma festa, ou dividir a sala de aula de um curso e teriam assuntos e interesses em comum, podendo inclusive vir a tornarem-se amigos, visto que são todos bem informados (lêem e estudam regularmente), se expressam bem²⁸ enfim, são modernos e sintonizados com os acontecimentos culturais da atualidade.

²⁶ Definição de Bourdieu no texto “Condição de classe e posição de classe”, ao analisar os conceitos de classe e “grupos de status” em Weber (2004:15): “grupos que se definem menos por um ter do que por um ser, irreduzível a seu ter, menos pela posse pura e simples de bens do que por uma certa maneira de usar estes bens, pois a busca da distinção pode introduzir uma forma inimitável de raridade, a raridade da arte de bem consumir capaz de tornar raro o bem de consumo mais trivial”. Bourdieu alerta, desta forma, para a importância dos aspectos simbólicos que expressam nas “marcas de distinção”, refutando a conceituação de classe social baseada somente por sua posição na “estrutura social”.

²⁷ Expressões como “capital econômico” (aquele constituído por bens econômicos como renda, patrimônios, terras etc. que são transmitidos por herança e permitem que seu detentor afaia lucros, quando os aplica) e “capital cultural” (que engloba as qualificações intelectuais herdadas pela família e transmitidas via educação formal e que também se manifestam pela facilidade de comunicação verbal) são retiradas de Bourdieu. Ver também RUSSO, 1993:57; BONNEWITZ, 2003:53-54 e MORAES, 2004:121.

²⁸ Berstein (apud VELHO, 1999:19-20) compara o ethos da “classe trabalhadora” com o da classe média e distingue esta última por sua linguagem mais elaborada em termos de “qualificações pessoais”, em descrições dos sentimentos e sensações “envolve[ndo] conjuntos de operações lógicas”, além de uma apresentação de si mais sutil. O autor também alega que tal forma de expressão é construída na infância, nas relações familiares. Entretanto, conforme ressalta Gilberto Velho, neste mesmo texto, em uma sociedade complexa há sempre brechas para a mobilidade social devido à convivência – nem sempre imune a conflitos, – de múltiplas tradições e da possibilidade de um mesmo sujeito transitar em vários mundos, muitas vezes com visões completamente distintas. Assim, embora nem todos os meus entrevistados sejam oriundos de famílias intelectualizadas, ao longo de sua trajetória e da construção das suas carreiras profissionais, passaram a valorizar o “capital cultural”, buscando o conhecimento formal e reproduzindo nos gestos e falas os modos adotados pelas camadas médias intelectualizadas .

Certamente, se todos se conhecessem, a rede social que formariam seria construída mais em função das afinidades pessoais e da personalidade dos integrantes, do que circunscritas pelo “capital econômico” dos mesmos²⁹.

Em relação ao “capital econômico” legado pela **família de origem**, a maior parte (doze entrevistados) afirmou pertencer às camadas médias intermediárias, tendo pais com formação superior (ou status equivalente a), sem chegar, no entanto, a integrar a elite. Dois destes entrevistados (ambos mulheres), obtiveram mobilidade social por intermédio do casamento, alcançando os estratos sociais superiores. Dois entrevistados (um homem e uma mulher) identificaram-se como pertencentes à classe média alta, afirmando que seus pais gozavam de bom poder aquisitivo e que dinheiro não constituía um problema em suas famílias. Seis entrevistados, no entanto, definiram suas famílias de origem como humildes, simples, tendo pais, na maior parte das vezes, sem educação formal. E pelo menos quatro dentre estes últimos, revelaram ser os primeiros em suas famílias a entrar para uma universidade. Dentre estes quatro, dois entrevistados declararam ter recebido estímulo de suas famílias de origem em direção à carreira universitária, como uma forma de alcançar mobilidade social – um projeto de ascensão social, geralmente conquistado na geração seguinte. Como consequência um tanto perversa, a distinção e o afastamento da família de origem acabam por fazer parte da trajetória destes sujeitos³⁰.

²⁹ Para um aprofundamento da importância da noção de rede na definição de “camadas médias urbanas”, ver Heilborn, 2004:72-81.

³⁰ Ver RUSSO, 1993. Neste trabalho, a autora mostra como o núcleo pioneiro dos terapeutas corporais tinha como ponto em comum a mobilidade geográfica, com movimento ascendente em relação à sua família de origem, do interior para capital, da periferia para o centro, da Zona Norte para a Zona Sul. O desejo de progredir era, inclusive, estimulado pela própria família de origem e dava-se por intermédio da educação formal. Esse processo de mobilidade social por intermédio da educação formal superior, estimulado pela própria família de origem é também identificado entre os meus entrevistados oriundos de um meio com menores poder aquisitivo e educação formal.

O sentimento de estar “rompendo barreiras” é, no entanto, mais forte entre os entrevistados **negros** (como eles próprios se auto-atribuem). Os dois entrevistados (um homem e uma mulher) que se autodefiniram como negros³¹ relataram, espontaneamente, as dificuldades de serem negros e “pobres” e como isso afetou suas trajetórias, aumentando a determinação em “chegar lá”. Além disto, assinalaram que suas famílias de origem lhes transmitiram a “mensagem” de que as conquistas só poderiam se dar por intermédio da educação formal. Estes entrevistados foram os mais enfáticos com relação à sua classe social – definindo-se como pobres – como se a cor da pele potencializasse suas restrições econômicas. No entanto, ao falarem de sua trajetória, era possível entrever que não eram mais “humildes” do que os demais (os outros quatro) que se classificaram como oriundos de uma família com menor poder aquisitivo. A mãe de um deles era professora de ginásio e o avô da outra informante, um sambista de prestígio, com acesso à intelectualidade ligada ao samba e que, mesmo sem possuir “capital econômico”, conseguia ter acesso a alguns benefícios. Minha entrevistada relatou, inclusive, ter recebido uma bolsa de estudos de inglês por intermédio das relações de seu avô, assim como um emprego na secretaria de saúde. Além disso, em alguns aspectos, a marca da “cor da pele” era vista com conotação positiva, ao menos no caso do entrevistado que tornou-se músico. Ser negro, em sua percepção, lhe conferia mais competência como músico pois, segundo suas próprias palavras, as outras pessoas achavam que ele deveria ser bom por ter “naturalmente” mais “suingue”.

As **diferenças de gênero** – embora não sejam determinantes nas motivações apresentadas para a “mudança de profissão” – são perceptíveis ao longo das entrevistas. Para as mulheres – sobretudo as casadas, mais velhas e com situação financeira estável – foi mais fácil abrir mão da antiga carreira. Muitas nem precisaram conciliar duas profissões antes de

³¹ A “auto-afirmação” destes dois entrevistados como negros foi espontânea. Em nenhum momento, no decorrer das 20 entrevistas, perguntei ou fiz alguma observação que estimulasse que os entrevistados se auto-definissem em função da sua “cor da pele”.

assumirem a nova carreira e puderam dedicar-se tranquilamente aos investimentos no novo projeto, pois “as contas da casa” estavam sendo pagas pelos respectivos cônjuges. Algumas mulheres solteiras contaram que também puderam contar com a colaboração de seus pais que as sustentaram, por algum tempo, para que apenas estudassem. Tal apoio era, no entanto, sempre menos confortável e entendido como possuindo um caráter mais temporário, quando comparado àquele praticado pelos cônjuges, considerado parte da relação.

O mesmo não ocorreu com os homens. Nenhum deles afirmou poder contar com a ajuda de terceiros, mas apenas com seus próprios recursos, caso os tivessem. E, mesmo quando declaravam ter juntado uma boa quantia em dinheiro, mostravam-se mais preocupados em logo exercer uma profissão remunerada e que possibilitasse o seu sustento (no caso dos solteiros) ou o de sua família (quando casados e com filhos). No entanto, as mulheres solteiras ou separadas – que não contavam com o apoio familiar – e as mais jovens, cuja relação de conjugalidade era estabelecida com base em um “ethos” igualitário quanto ao orçamento doméstico, assemelharam-se mais aos homens, compartilhando com eles as aflições quanto a proverem seu sustento e estarem atentas ao “melhor” momento para a mudança de carreira.

De fato, as diferenças de gênero são mais perceptíveis entre os homens e as mulheres mais velhas, especialmente na forma de hierarquizar o trabalho em suas vidas (a atividade profissional como um campo de afirmação pessoal) e na valorização do aspecto financeiro. Nestes temas, as mulheres mais jovens expressaram-se de forma semelhante ao universo masculino, com um discurso mais direcionado para as questões racionais e utilitárias, verbalizando a preocupação em ter uma carreira que lhes realizasse, mas também lhes satisfizesse financeiramente.

No entanto, a afirmação “sou ambicioso”³² e o desejo de “enriquecer” com a primeira profissão, ou a declaração de ter-se deixado deslumbrar com o *glamour* e os ganhos financeiros da primeira carreira só foram expressos, desta forma, pelos informantes do sexo masculino. As mulheres – mesmo as que não contaram com o apoio familiar (solteiras ou separadas e com filho) ou aquelas que pertencem a uma geração³³ na qual as mulheres foram educadas para disputar o mercado de trabalho com os homens – escolheram outros termos para dizer que se preocupavam com a questão financeira, verbalizando mais a necessidade de segurança e não empregando a palavra “ambição” para definir algo a respeito de si³⁴.

Apesar do intervalo entre o entrevistado mais novo e o mais velho ser de 24 anos, não notei em seus discursos uma diferença significativa quanto às visões de mundo. As distinções se aplicam mais quando as **faixas etárias** estão conjugadas ao gênero. Algumas mulheres mais velhas – e casadas – mostraram-se menos preocupadas com a questão financeira do que as mais jovens, conforme discutido nos parágrafos anteriores. Os aspectos que distinguem os informantes de uma faixa etária da outra referem-se ao estoque de experiência acumulada pelos mais velhos e às razões da primeira escolha profissional, mais relacionadas às carreiras da “moda” na época – como apontado pelos que se formaram em engenharia, na década de 70, e por uma das informantes, que optou por economia na época em que Simonsen foi Ministro do Planejamento do governo Geisel, em 1975. Em geral, as maiores diferenças, ao comparar os discursos, centram-se nas

³² Verbalizado por pelo menos três dos entrevistados do sexo masculino

³³ Refiro-me às entrevistadas entre 30 e 40 anos. Entre as quatro entrevistadas nesta faixa etária, três delas – as oriundas das camadas médias intelectualizadas – disseram ter sido incentivadas pela família a construir suas próprias carreiras profissionais, independente de seu estado civil. Apenas uma entrevistada, de origem mais humilde, disse que seus pais a educaram para casar, mas não se opuseram quando ela, mais tarde, quis fazer um curso superior.

³⁴ Creio que, de alguma forma, as mulheres pesquisadas, mesmo as que valorizavam o ganho financeiro, não admitiram ver-se como “ambiciosas”, talvez porque o termo ainda tenha uma conotação distinta quando aplicada aos dois gêneros, sendo visto como um valor para os homens, mas não necessariamente como um atributo positivo para as mulheres.

etapas em que os informantes se encontram quanto ao seu projeto de mudança: se falam dele com olhar retrospectivo, se estão fazendo ou acabaram de fazer a passagem, ou se ainda estão planejando uma migração. Por este motivo, o presente trabalho foi agrupado segundo este critério.

Quanto à distribuição dos informantes por **estado civil**, nove (quatro mulheres e cinco homens) estavam casados ou coabitavam no período da entrevista, sendo que uma das informantes encontrava-se no segundo casamento e outro informante era casado com uma pessoa do mesmo gênero. Dentre eles, apenas um não estava casado na época em que mudou de carreira. Seis entrevistados declararam-se “separados” (cinco mulheres e um homem). Entre os que se separaram, em dois casos o rompimento ocorreu muito antes do processo de mudança profissional; em duas situações, um pouco antes; em uma outra, durante a mudança e para dois entrevistados, após a migração para a nova carreira. Finalmente, cinco entrevistados estavam solteiros e declararam nunca ter casado ou coabitado.

O município do Rio de Janeiro é o **locus** no qual se encontram os entrevistados. A maior parte (quatorze entrevistados) reside na Zona Sul, distribuída nos bairros de Botafogo (uma entrevistada), Flamengo (quatro entrevistados), Laranjeiras (dois entrevistados), Copacabana (quatro entrevistados), Jardim Botânico (um entrevistado), Leblon (dois entrevistados); dois moram na Barra da Tijuca e quatro na Zona Norte: na Tijuca (três entrevistados) e em Vila Isabel (um entrevistado).

1.4 – O contexto histórico e geográfico

Os projetos dos entrevistados não são “puros”, nem apenas subjetivos. Apesar de sua dimensão consciente e de envolverem um planejamento e um

cálculo racional, eles também são construídos na interação com outros projetos e estão inseridos dentro dos contornos de um “campo de possibilidades”, o espaço configurado pelo quadro sócio-histórico e cultural, que modela as alternativas e no qual as trajetórias desenrolam-se³⁵.

Assim, quando se diz que esta dissertação não irá explorar o processo histórico do trabalho no Brasil, não há a intenção de excluir uma contextualização sobre o quadro sócio-econômico nacional contemporâneo. Mais uma vez, vale enfatizar que o presente trabalho parte da premissa de que a realidade social é construída e para tanto é fundamental a interação entre os sujeitos e os acontecimentos externos.

Enfim, a partir de 1980, o abalo na crença de que o Brasil poderia figurar entre os países “modernos”³⁶, de primeiro mundo – que alimentou o imaginário nacional entre 1950 e 1979³⁷ (MELLO e NOVAIS, 2000), – foi significativo para a transformação da “visão de mundo” corriqueira. A imagem do “Brasil grande e forte e que ‘vai para frente’” começa a ser questionada com o contexto de inflação³⁸, aumento da dívida externa³⁹, restrição de

³⁵ Ver Velho, 1999 e 2003.

³⁶ É importante ressaltar que o conceito de “modernidade” no Brasil é amplamente discutido. DaMatta, em *Camavais, Malandros e Heróis* (1983), destaca a “dualidade brasileira”, que se expressa no dilema – tanto individual, quanto coletivo – de se fixar os limites entre os interesses público e privado. É um Brasil que, de um lado, aspira aos credos da modernidade: igualdade, democracia, cidadania e de ser regido por leis universais e impessoais; mas que, por outro lado, deseja a continuidade e a manutenção de uma mentalidade privada e personalista.

³⁷ Provocado pelo impulso desenvolvimentista, pela industrialização, pela instalação de setores de alta tecnologia, pela transformação da composição da população (que passa a ser mais urbana do que rural). O crescimento da urbanização se acentua, a passos rápidos, desde 1930. O percentual de brasileiros moradores da cidade passa em 20 anos - entre 1940 e 1960 - de 31% para 45%. E, em 1970, a população urbana passa a ser maioria, 56% do total. Conforme CALDEIRA, MARCONDES e PAULA, 1997:246-247.

³⁸ A inflação, em 1980, chega ao patamar de 110% (conforme CALDEIRA, MARCONDES e PAULA, 1997:339) e termina o ano de 1989 acima de 1700% (conforme GOMES, PANDOLFI e ALBERTI, 2000:496-529).

³⁹ A dívida externa do governo aumentou de 49 bilhões de dólares, em 1970, para 70 bilhões de dólares, em 1982, conforme CALDEIRA, MARCONDES e PAULA, 1997:340.

crédito dos bancos internacionais, desequilíbrio fiscal, retração econômica⁴⁰ e crescente desemprego.

A sensação de “insegurança” e de “falta de garantias” é agravada na década seguinte, quando se vive novo período de esperança (devido às eleições diretas) mas, ao mesmo tempo, de turbulência social, política e econômica: eleição e *impeachment* do governo Collor; lançamento de medidas que enxugaram o meio circulante do mercado, reduziram os meios de pagamento (confisco temporário das aplicações financeiras, congelamento de preços e salários, privatização, redução dos gastos do setor público, demissão de funcionários e extinção de órgãos públicos), além de provocarem o “mais drástico processo de abertura comercial no país” (RAMOS e BRITTO, 2004).

Tal processo culminou em uma enorme concorrência com os mercados externos, no fechamento de várias empresas e na reestruturação do setor produtivo, tendo como conseqüência demissões e o aumento da informalidade nas relações de trabalho. Tais fatos, na ocasião, não atingiram somente os funcionários do “chão de fábrica”, mas também os profissionais das camadas médias e com nível superior.

De uma certa forma, este novo “desencantamento do mundo”⁴¹ pode ser considerado análogo a um contexto mais global: o fim do “Estado de bem-estar social”, vivenciado pela Europa Ocidental, EUA e Canadá, no período compreendido entre o pós 2^a Guerra Mundial e as crises do petróleo⁴².

⁴⁰ Que culmina com o reconhecimento ao FMI da falta de condições de honrar a dívida externa brasileira (conforme GOMES, PANDOLFI e ALBERTI, 2000).

⁴¹ WEBER apud BARBOSA e QUINTANEIRO, 2002. Segundo a análise das autoras, a expressão de Weber, “desencantamento do mundo”, indicava a preocupação do sociólogo alemão com os males do “progresso” e da modernidade, com o perigo da decadência da cultura alemã e clássica, a partir do imperativo da racionalidade e da ciência. O mundo havia perdido sua aura mágica e sagrada e passado a nortear-se pela técnica e pelo saber científico. Ele havia se desencantado. Conferir, também, o texto “A ciência como vocação” (WEBER, 2004), no qual o autor expõe sua visão humanista.

⁴² A primeira crise do petróleo ocorreu em 1973. Além de aumentar o preço do barril, provocou um aumento do fluxo de capitais entre as nações e uma internacionalização da atuação dos

Durante o *Welfare State*, houve uma afirmação da “relação salarial” (CASTEL, 2003), sendo as políticas de “pleno emprego”, o principal objeto de intervenção do Estado. Ora, se a ilusão capitalista – de que as oportunidades são iguais para todos, assinalando a possibilidade de triunfo para os mais capazes e melhores – sofre uma fissura no Primeiro Mundo, que dirá em um Brasil que, de fato, nunca gozou de tal igualdade?

Mas, se tal estado de “fluidez” da modernidade (BAUMAN, 2001), vivenciado de forma mais radical a partir da década de 90⁴³, não oferece “mapas de referência” para que os indivíduos se localizem no mundo – como ocorrido na fase “sólida”⁴⁴ – propicia, por outro lado, na sociedade ocidental contemporânea, inclusive nas principais capitais brasileiras⁴⁵ – das quais o Rio de Janeiro faz parte – múltiplas possibilidades de novas identidades, incluindo as profissionais. Surgem, na época atual, como alertam Mello e Novais (2000), novas especializações e novas demandas de consumo. Há uma maior liberdade para o sujeito expressar-se, “cultivar-se” e “buscar a sua felicidade”.

No entanto, ainda seria preciso situar o contexto específico do Estado do Rio de Janeiro e, particularmente, da cidade do Rio de Janeiro, dentro do “jogo” econômico, social e político do Brasil e do mundo, pois as mudanças e as

bancos e dos mercados. A segunda crise, mais grave, com forte efeito nos países mais ricos – e quiçá também em nosso país – elevou significativamente o preço do barril de petróleo.

⁴³ É importante ressaltar que a “sensação de desorientação”, tomando emprestada uma expressão de Giddens, não está presente apenas na atual fase da modernidade. A sensação de “desencantamento” e de “derretimento” já se fazia presente desde o séc. XIX, com a “derrubada do Antigo Regime”. Tanto que já podemos identificar em pensadores como Tocqueville, vários questionamentos a respeito da tensão entre liberdade e igualdade. A expressão “desencantamento do mundo” é de Weber, que viveu de 1864 a 1920, e a frase que inspirou vários autores contemporâneos, “vivemos em um mundo em que tudo o que é sólido desmancha no ar”, é de Marx, que morreu em 1883. De fato, o único período em que o mundo “parecia congelado” em uma narrativa de longo prazo deu-se durante a fase em que vigorou o “Estado de bem-estar social”.

⁴⁴ Ver BAUMAN, 2001. A fase “sólida” traduz-se pelo ideal de proteção aspirado pela “sociedade salarial” e pelo “Estado do bem-estar social”

⁴⁵ Que trocam experiências e se relacionam de forma intensa – inclusive por intermédio dos meios de comunicação – com o resto do mundo, especialmente com o Ocidente, compreendido pelos países da Europa Ocidental, EUA, Canadá e alguns países latino-americanos .

carreiras dos sujeitos estão também circunscritas a um campo geográfico e permeadas pela complexidade e os interesses políticos do país. Neste intrincado jogo, cada região pode exercer – a partir da disputa dos grupos – múltiplos papéis, por vezes coexistentes, e importância distinta na hierarquia das configurações políticas e econômicas brasileiras.

De acordo com o economista Hécio de Medeiros Júnior (2003), a cidade do Rio de Janeiro possui peculiaridades que a tornam distinta do resto do Brasil. Uma delas seria a sua forma de industrialização que privilegiou as indústrias de base como as navais e siderúrgicas, em detrimento das de bens de consumo duráveis – ao contrário do que ocorreu em São Paulo. Segundo este mesmo autor, a partir de meados da década de 80 – mais precisamente a partir da abertura de mercado provocada pelo Plano Collor – a capital vem sofrendo perdas econômicas mais acentuadas do que as registradas no Estado do Rio de Janeiro – que se recupera com o crescimento do pólo petrolífero na bacia de Campos – assim como no restante do país, especialmente São Paulo. Naturalmente, esta perda de espaço econômico na dinâmica do país é acompanhada por problemas e dificuldades de administração dos governos locais.

Marieta Ferreira (2000;2005) chama a atenção, no entanto, para o fato de que tal esvaziamento é sentido – especialmente do ponto de vista da “memória coletiva” – como uma espécie de mágoa de seus cidadãos, que culpam alguns acontecimentos políticos pela perda de status e de prestígio, antes gozados pela cidade. Os acontecimentos que simbolizam, na memória coletiva carioca, o “esvaziamento” da cidade são a destituição do Rio de Janeiro de seu papel de cidade-capital - com a transferência da capital para Brasília em 1960 e com a eliminação de todas as funções políticas que permaneciam na cidade durante a década seguinte - e, posteriormente, a extinção de sua imagem de cidade-estado - o estado da Guanabara, criado

em 1960 junto com a transferência da capital, é fundido, 15 anos depois, ao estado do Rio de Janeiro, durante o governo do Presidente Geisel.

Tal contexto de uma cidade em “crise de identidade”, em busca de seu papel e da delimitação de seu espaço no quadro global, é o “pano de fundo” no qual desenham-se as trajetórias dos que estão planejando, mudando ou que já efetivamente alteraram o curso de suas carreiras e de suas identidades profissionais.

2. CAPÍTULO 1: A gênese do indivíduo moderno

Uma descrição rápida, mas não grosseira da modernidade ocidental poderia defini-la como uma cultura na qual se espera que do sujeito venha a organização do mundo (e não do mundo a organização do sujeito). Contardo Calligaris, 1998.

O objetivo deste capítulo é o de discutir questões relacionadas ao surgimento do indivíduo-valor. A importância das escolhas nas vidas humanas, a idéia de trajetória, o pressuposto da racionalidade e o sentido do trabalho não são intrínsecos à condição humana, mas construídos segundo uma lógica na qual o sujeito tem centralidade.

As escolhas são representadas, no contexto ocidental moderno, como um atributo inerente ao indivíduo, isto é, simultaneamente um direito e um dever do sujeito que as efetua. Para tornar-se um indivíduo é preciso diferenciar-se e singularizar-se, o que só ocorre a partir dos acontecimentos e das escolhas que vão delineando uma trajetória. Neste contexto, a “carreira” profissional não deixa de ser uma forma de expressão da individualidade, de singularização deste sujeito e um campo no qual se inscreve a seqüência de posições ocupadas⁴⁶, baseadas nas escolhas e nos acontecimentos.

2.1 - O surgimento do indivíduo-valor

Da perspectiva “individualizadora”, pode-se dizer que “cada homem particular encarna, num certo sentido, a humanidade inteira” (DUMONT, 1992:57). E, se cada homem contém dentro si características universais, ele deve ser livre para fazer suas *escolhas* e gozar de igualdade de direitos em relação a seus congêneres.

⁴⁶ Seqüência esta que não necessariamente indica mobilidade social ou ascensão.

No entanto, a valorização desse “eu” único, indivisível, moral, livre e igual aos demais não é inata, mas moldada a partir da matriz epistemológica de uma determinada época e de um tipo específico de sociedade, categorizada como “cultura ocidental moderna”⁴⁷. Daí a importância de não naturalizar tal conceito como se ele sempre tivesse existido.

Aliás, não seria correto adotar a perspectiva simplista de que as sociedades modernas são puramente “individualistas”. Seria preferível descrevê-las como estruturadas pela lógica do indivíduo, cujo desenvolvimento deu-se lentamente, transformando a percepção de “si mesmo” e as relações entre o “eu” e o “outro”. Como alerta Marcel Mauss, no artigo⁴⁸ “Uma categoria do espírito humano pessoa e a noção do eu” (1974), a transformação do homem em “indivíduo” foi se dando lentamente, ao longo de vários séculos e, por seu caráter dinâmico, ainda continua em processo.

Mauss, aliás, foi o primeiro⁴⁹ a pensar a noção de “eu” como algo “formado por nós e entre nós”. Para este autor (1974), a noção de pessoa não configurava um dado universal, deslocando-se do conceito de personagem — que é estranho ao eu, determinado de fora — para a noção de pessoa como categoria moral – a categoria do “eu” – determinada de dentro, a partir da indivisibilidade.

⁴⁷ O conceito de cultura ocidental moderna pode parecer vago, por abrigar uma diversidade de Estados Nacionais sob o mesmo rótulo. Neste trabalho, estaremos incluindo nesta categoria, as sociedades que partilham de uma visão de mundo semelhante (pelo menos de uma forma mais geral) e que se vêem como herdeiras da cultura européia, tendo sido influenciadas pelas transformações ocorridas entre os séculos XVI e XVIII e fundamentando-se nos credos da racionalidade, individualidade e liberdade. Naturalmente, estamos utilizando uma “categorização”, o que reduz a complexidade da situação e abriga sob um mesmo emblema uma multiplicidade de “correntes de tradições culturais”. Sobre esta questão, ver Barth, 2000.

⁴⁸ O artigo foi publicado, originalmente, em 1938, no *Journal of the Royal Anthropological Institute*, vol. LXVIII.

⁴⁹ Ver, a este respeito, os trabalhos de VIVEIROS DE CASTRO e ARAÚJO, 1977 e de DUARTE, 1986. Duarte afirma que Mauss fundou uma “relativização mais profunda e radical da nossa noção de pessoa: ‘ela se formou para nós, entre nós’. Também apresentava uma das primeiras ‘genealogias’ (...) desta noção, aproximando questões históricas, religiosas, filosóficas e políticas” (opus cit.:36).

Mauss ressalta que isto não significa dizer que todo o ser humano - independente da cultura ou do período estudado - não tenha consciência de sua existência corpórea e espiritual. Pondera, no entanto, sobre a atualidade do “culto ao eu” e mesmo do uso da palavra “eu” advindos da modernidade.

Inspirado nos estudos deste autor⁵⁰, Louis Dumont retoma a reflexão sobre a concepção do sujeito na cultura ocidental moderna além das idéias e valores que caracterizariam a modernidade. Ao estudar o sistema de castas da Índia, o antropólogo francês percebe o erro de seus antecessores e o risco de incorrer em um viés etnocêntrico na análise⁵¹, ou seja, apreender os valores indianos a partir de categorias ocidentais, cuja matriz epistemológica é o indivíduo. O “universalismo” naturalizado pelas culturas ocidentais modernas configura um dos aspectos de um sistema maior, que convencionou-se chamar “individualismo” (ver DUARTE, 1986).

A sociedade indiana está fundada sobre princípios hierárquicos que organizam todo o cosmos e não apenas regulam as relações sociais. Dumont denominou “universitas”, o modelo hierárquico, holista, que concebe as pessoas como socialmente determinadas, existindo como parte de um todo, no interior e por causa deste sistema. Dumont assinala também que as noções de poder, economia, religião, tempo histórico, tão caras ao Ocidente, são exógenas ao sistema indiano.

⁵⁰ Dumont credita a Mauss influência seminal sobre sua obra, “cujos ensinamentos estiveram na origem de seus esforços” (alteração minha, troquei meus por seus, para dar mais sentido ao texto) (DUMONT, 2000:11). Para Dumont, o conceito de “fato social total” de Mauss já abarcaria a preocupação que todo antropólogo deve ter ao estudar e fazer comparações com outras culturas. Afinal, o observador é parte integrante da observação e, por este motivo, já traz impregnado, em seu sistema de valores, a ideologia de sua própria cultura.

⁵¹ *La Civilisation Indienne et nous : Esquisse de sociologie comparée* é o primeiro livro, publicado em 1964, em que Dumont compara Oriente e Ocidente. Tal comparação é mais aprofundada, no entanto, em *Homo Hierarchicus: Essai sur le système de castes*, publicado em 1967. Ver, a este respeito, LEINER, 2003.

A sociedade construída a partir do modelo individualista (como no caso da ocidental moderna), fundada nos ideais de igualdade e liberdade e operando com um “contrato social” entre seus membros é por este autor denominada “Societas”.

Dumont elabora também uma distinção entre o **sujeito empírico – infra-social**, “uma amostra indivisível da espécie humana” (apud DUARTE, 1986:45-46), “que fala, pensa e quer” (DUMONT, 2000:37) — existente em todas as sociedades e material de análise para o estudo de qualquer cultura — e o **indivíduo como valor básico**, um ideal, “um ser moral independente e autônomo” (opus cit.), como princípio que organiza o “ethos” e a “visão de mundo”⁵² da cultura ocidental moderna⁵³.

No discurso das culturas ocidentais modernas, a referência ao indivíduo implica um duplo conceito: “um objeto fora de nós e um valor” (opus cit.:37), o que não ocorre em outras culturas⁵⁴. “O indivíduo humano enquanto valor só aparece na ideologia das sociedades modernas” (DUMONT apud DUARTE, 1986:47).

⁵² Conceitos retirados de Geertz (1989:143-149). “Ethos” entendido como valores morais e estéticos (o tom, o caráter, o estilo de vida, os rituais) mais valorizados em uma determinada cultura, o que a tornaria intelectualmente “partilhável”. “Visão de mundo” abarcaria aspectos cognitivos e existenciais, como o sistema de crenças, as convicções e os conceitos que a sociedade elabora a respeito de si própria. Enfim, o que tornaria a cultura emocionalmente aceita. Para o autor, as duas dimensões são complementares, confirmam-se e emprestam significado uma a outra. Esta unidade defendida por Geertz será, no entanto, questionada por Barth (ver, a este respeito, o texto “Análise das culturas nas sociedades complexas”, BARTH, 2000).

⁵³ O que não significa que em outras culturas também não existam possibilidades de individualização, mas elas não são compatíveis com a vida “no mundo”. Na Índia - estudada por Dumont - havia brechas para tornar-se indivíduo, mas para isso o sujeito teria que renunciar ao mundo e dele retirar-se.

⁵⁴ Duarte (1986:48-49) – ao discutir a análise da ideologia ocidental moderna efetuada por Dumont – ressalta que as igualdades experimentadas em outras culturas (como a *polis* Grega), bem como as experiências individualizantes (que Dumont denominou de “indivíduo-fora-do-mundo” para explicar o renunciante hindu e o surgimento do indivíduo dentro da cultura medieval ocidental) não são, necessariamente, impregnadas pela ideologia individualista.

Muito se discute sobre a gênese deste indivíduo moderno e permanecem muitas dúvidas com relação a qual civilização, qual período específico teria sido responsável pelo nascimento da sociedade “ocidental moderna”, que confere valor supremo ao sujeito. De acordo com Duarte (1999), há quem atribua sua origem a um período mais recente como a Revolução Francesa e a ascensão da burguesia; para muitos, a modernidade começaria na Renascença; outros a enxergam como uma herança da tradição judaico-cristã. Há ainda os que retrocedem à Grécia, ao racionalismo grego, para ali situar “nosso mito de origem”.

Dumont (2000) argumenta que algo do “individualismo” já está presente nos primeiros cristãos, embora não exatamente o tipo de individualismo que hoje conhecemos, pois os valores e as visões de mundo daquela época eram bastante distintos dos da sociedade atual. O ponto salientado pelo autor, é que, de alguma forma, o cristianismo teve um importante papel na formação deste “ser moral” integrante das sociedades ocidentais contemporâneas. Dumont se utiliza do exemplo da sociedade indiana para mostrar que o individualismo não poderia ter se desenvolvido de outra maneira a partir de uma sociedade tradicional e holista, apresentando também as mudanças e tensões na concepção do “eu” durante os primeiros séculos da Igreja.

De acordo com o autor, foi na relação do homem com o divino que emergiu a “consciência individual”. Na concepção cristã, o sujeito é portador de uma alma imortal e filho de Deus (“foi criado como a imagem e a semelhança de Deus”), sendo, por isso, igual aos demais em espírito, a seus olhos. O que não significa dizer que na sociedade medieval o sujeito era considerado um igual “no mundo”; evidentemente, a ordem e a hierarquia socialmente definidas pela “lógica do sangue” não eram questionadas.

No universo cristão, a ordem mundana era relativizada e as coisas do mundo hierarquizadas de acordo com sua pertinência para a salvação. O reino

superior era extra-mundano. A ascese do sujeito, sua valorização como indivíduo, passava pela ligação com o divino. Para ter atribuído um valor a si próprio, o sujeito deveria transcender o mundo, ficar fora ou acima dele, constituir-se em “indivíduo-fora-do-mundo”.

Mas, ao mesmo tempo, era importante que o sujeito permanecesse vivendo neste mundo, pois seriam as provas terrenas que ofereceriam condições para que ele obtivesse a salvação almejada. Nas palavras de Dumont (2000:44): “a ordem mundana é relativizada, na medida em que se subordina aos valores absolutos. Temos aí uma dicotomia ordenada. O individualismo extra-mundano engloba reconhecimento e obediência quanto às potências deste mundo”.

Naturalmente, o estabelecimento do estado cristão, a partir do imperador Constantino - no séc. IV - torna a Igreja mais “mundana”, devendo necessariamente relacionar-se com as coisas terrenas e carnis. Enquanto isso, o estado propriamente dito “dá um passo fora do mundo na direção da Igreja” (opus cit.:53). Contudo, os assuntos de estado, apesar de importantes, continuaram a ser vistos como estruturalmente inferiores aos da Igreja e os conflitos entre as duas esferas, que continuaram existindo, passaram a ser tratados no interior do império.

Por volta do ano 500, o Papa Gelásio I instituiu uma doutrina que previa uma diarquia hierárquica: nas questões públicas, consideradas mais “mundanas”, o Príncipe era soberano. Em contrapartida, nos assuntos de Deus (os mais importantes), o soberano deveria curvar-se à Igreja. Tal concepção assumia uma valorização ideológica das “coisas de Deus”, pois os sacerdotes só deveriam obedecer (só estavam hierarquicamente abaixo do Príncipe) nas questões tidas como inferiores.

No séc. VIII, no entanto, a Igreja sofre uma mudança significativa em sua orientação, tornando-se mais mundana do que havia sido até então. Ao postular direitos políticos (pretensão papal a terras e domínios) e, principalmente, ao romper seu vínculo com Bizâncio, a Igreja institui uma “monarquia espiritual”: o poder divino se empossa do direito de reinar sobre o mundo, tendo a Igreja como mediadora. A partir deste momento, é o Papa quem passa a delegar poder temporal ao imperador, como seu representante (fato este que acarreta, no sujeito cristão, maior comprometimento com as coisas do mundo). Constitui-se, assim, um duplo movimento: a Igreja aproxima-se dos assuntos mundanos e a administração política incorpora valores universais e absolutos, “sementes” do Estado Moderno (DUMONT, 2000:60-62).

O marco para o aparecimento da noção de indivíduo-no-mundo é dado a partir da reforma e das idéias de Calvino, construídas sobre as bases lançadas por Lutero, mas transformadas em uma doutrina distinta, de orientação mais pragmática. A concepção da Igreja luterana apoiava-se, principalmente, em três elementos: na predestinação, na concepção de Deus como “vontade e majestade” (opus cit.:64) e na cidade cristã.

Ao rejeitar a mediação da Igreja Católica, Lutero expulsou Deus do mundo, mas abriu, por intermédio da fé, do amor e, de alguma forma, da razão, um canal entre o divino e os homens; rebelava-se contra a “justificação pelas obras” (como a compra de indulgências), defendendo a “justificação pela fé” e, abrindo, deste modo, um espaço para o indivíduo. Na doutrina calvinista, o amor não tem tamanha centralidade e a razão só se aplicaria na esfera mundana.

O Deus de Calvino era onipotente e onipresente e os homens considerados impotentes em relação à sua inescrutável vontade. Apenas os eleitos de Deus, cumprindo os seus desígnios, participariam efetivamente de sua

vontade ao agirem. As realizações divinas expressariam-se por intermédio destes homens. Tal crença é eficaz na condução dos homens à ação, afinal precisam esforçar-se para serem eleitos por Deus. Certamente, nem todos são predestinados, mas como sabê-lo sem, ao menos, tentar?⁵⁵

Desta forma, o caráter “extra-mundano” passa a concentrar-se na vontade do sujeito. Por intermédio da predestinação, o indivíduo suplanta a Igreja, destituindo-a de seu papel de mediadora entre o “indivíduo-fora-do-mundo” e a sociedade. A partir de então, são os crentes que a constituem, através de suas ações, atribuindo-lhe um papel como instituição disciplinadora e de divulgação do evangelho. “Com Calvino, a Igreja, englobando o Estado, desapareceu como instituição holista” (DUMONT, 2000:70). E isso ocorreu a partir de um precedente aberto pela própria Igreja Católica ao aproximar-se das coisas mundanas pela unificação com a esfera política.

A liberdade de consciência — semeada pela Igreja cristã, mas efetivamente configurada pela Reforma — acaba sendo o primeiro aspecto na direção da emancipação política. “A sociedade global seria doravante o Estado Individual, ao passo que o essencial na religião teria seu santuário na consciência de cada cristão individual. O poder laico torna-se supremo (...), graças à teoria do direito divino dos reis (opus cit., 2000:85). Outros pontos importantes na consolidação do Estado Moderno foram o surgimento do direito através do “contrato social” e o “monopólio da violência”⁵⁶ por parte do Estado.

⁵⁵ Weber, no livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2002), mostra como as concepções – como as de predestinação e de vocação – presentes no Calvinismo podem ser interpretadas como um tipo ideal do capitalismo moderno. Neste sentido, o *ethos* e a visão de mundo da ideologia calvinista teriam sido combinadas a suas prerrogativas. A possibilidade de transformar a incerteza em aposta é semelhante à lógica do investimento. A motivação para a ação, o esforço pessoal (para ser o eleito de Deus) combina com o acúmulo de dinheiro como um fim em si mesmo (como o atendimento a um chamado). Da mesma forma podemos interpretar o horror à ociosidade, pois o trabalho serviria, antes de tudo, para aumentar a glória de Deus: “cada hora perdida é perdida no trabalho de glorificação a Deus” (2002:115).

⁵⁶ Ver, a este respeito, “A Política como Vocação” (WEBER, 2004).

Dumont atenta para a importância de alguns pensadores na formulação de um Estado de direito, que ajudou na conformação do ideal liberal (igualitário e que recorre às leis para garantir a ordem). Guilherme de Occan, um franciscano escolástico do séc. XIV, inaugurou “a teoria subjetiva do direito, que é de fato a teoria moderna do direito” (2000:78) ao afirmar que nada existe para além da lei geral positiva, seja ela dos homens ou de Deus. Sendo assim, ela passaria a ser a expressão do poder e da vontade do legislador. E o direito constitui-se como reconhecimento social deste poder atribuído ao indivíduo.

Hobbes⁵⁷, Locke⁵⁸ e Rousseau⁵⁹, cada um em seu tempo — com concepções mais ou menos a favor da autodeterminação do sujeito e em diferentes contextos — foram pensadores que ajudaram a definir os termos do “contrato social”, defendendo a “descontinuidade entre o homem natural e político”, legitimando a propriedade privada e fortalecendo os princípios da igualdade e da liberdade, pilares da lógica do individualismo. Deram, assim, um passo adiante nas “idéias que levaram à Revolução Francesa e à declaração do direito do homem” (opus cit.:86,101,102).

Há ainda um outro aspecto que caracterizaria a sociedade moderna: a emancipação da esfera econômica, ocorrida por último, no séc. XIX. Dumont (idem) recorre ao economista Karl Polanyi para mostrar que é apenas entre os modernos que a esfera econômica descola-se efetivamente das demais atividades da vida, configurando o princípio de um mercado auto-regulável.

⁵⁷ Hobbes é a favor da subordinação do sujeito ao Estado político. Para este autor, quando isolados, os homens ficam entregues às paixões, ao “estado de natureza”. A proposta hobbesiana, presente no *Leviatã*, é a de que os homens devem obedecer à razão, subordinando-se ao Estado Político em troca de proteção e segurança.

⁵⁸ Locke foge à idéia de subordinação e sujeição política formulando a doutrina do “trust”, que prevê “uma sociedade de iguais governando-se por consentimento mútuo” (DUMONT, 2000:96).

⁵⁹ Rousseau levou em consideração as premissas do direito moderno, da *Societas*, sem fazer uma clivagem com a questão coletiva. Defendia a liberdade e as prerrogativas igualitárias sem, no entanto, deixar de ver o homem como um ser social (opus cit.:101-109).

Além de Dumont, diversos outros autores ocuparam-se com o tema da gênese do indivíduo moderno. No presente trabalho, estaremos mencionando alguns deles que, muito embora tenham desenvolvido suas análises com distintas ênfases, oferecem visões complementares às várias transformações que inseriram o indivíduo na visão moderna ocidental de mundo.

Luiz Fernando Duarte constrói, a partir de uma composição de vários autores, uma visão sobre a “história do sujeito” (1983:9–15), desdobrando-se em três derivações: a emergência do **sujeito moral** (presente na tradição cristã na idéia de alma individual que se relaciona com o divino por intermédio da consciência), sua transmutação em **sujeito da razão**, no Iluminismo, e sua conseqüente inscrição como **sujeito político**, apoiada pelos pressupostos do direito natural inscrito nas concepções do Estado moderno.

Benedict Anderson, ao formular seu conceito de nação⁶⁰, em *Nação e Consciência Nacional* (1989), discorre sobre algumas transformações que conformaram o que hoje denominamos “modernidade”. Dentre elas, a mudança na concepção do tempo, que passa a seguir a lógica do calendário, do eixo histórico, do tempo linear e seqüencial - vazio e homogêneo, sobre o qual os “fatos” desenrolam-se. Esta nova concepção cronológica substitui a visão de tempo medieval, que era a de um tempo simultâneo, eterno. Indica, também, as passagens de uma comunidade religiosa para uma sociedade laica, e de uma comunidade organizada em torno do rei para uma sociedade ordenada através de um estado nacional e soberano, com poderes definidos e não mais divinos.

⁶⁰ Neste caso, o conceito de nação surge como organizador do discurso memorial de um estado-nação, passando a ser o elo, o ponto de identidade e o que faz com que cada ator social se reconheça como membro daquela comunidade, compartilhando a mesma memória coletiva e integrando “uma comunidade política imaginada” Por esta última entende-se um sistema cultural, um conjunto de elementos que permite que cada comunidade articule um discurso coerente sobre si mesma.

Em *Crítica e Crise*, Reinhart Koselleck afirma que as idéias iluministas do século XVIII, ao imputarem um sentido à história, construíram um conceito de progresso que “inaugura os tempos modernos” (1999:14). Para este autor, o ponto de partida do iluminismo seria o sistema absolutista, uma vez que suas idéias só se difundiram e adquiriram sentido político como resposta ao Estado Absolutista, ganhando força a partir de uma fissura aberta por ele próprio. “Com o iluminismo, a separação entre homem e súdito deixa de ser compreensível” (opus cit.: 39) e “a neutralização da política favorece à secularização da moral” (idem: 38).

Assim como Dumont, Koselleck considera Hobbes e Locke, os dois pensadores fundamentais na construção das idéias modernas. Hobbes pela formulação de uma proposta (o *Leviatã*) que fundamentou o Estado absolutista. Para este autor, o homem vivia em “estado de natureza”, entregue às paixões e, por isso, sujeito à guerra e à desordem. Tal estado seria incompatível com a vida em sociedade. Para garantir a convivência social, os homens deveriam fazer uso da razão e subordinarem-se ao Rei, como súditos, obedecendo às regras por ele estabelecidas em troca de proteção e segurança. O Príncipe, por sua vez, passaria a condicionar sua ação, sua tomada de decisões à responsabilidade para com seus súditos. Além disto, aos homens foi destituída a responsabilidade pelas deliberações políticas, devendo a opinião ser mantida em foro íntimo. Desta forma, dá-se uma clivagem entre a consciência exterior e a interior, propiciando a subjetivação.

Tal subjetividade, aliada ao apelo racional, impulsiona o pensamento iluminista. Com o fim das guerras civis e a estabilidade política (1999:46), este homem — livre para pensar fora do *locus* público — passa a questionar a legitimidade (moralidade, privilégios) do Estado e a reivindicar um espaço

na política. O iluminismo expande a consciência privada para o espaço público (opus cit.: 52).

Locke, por sua vez, dá forma ao princípio ético-liberal iluminista ao enunciar a existência de três leis: a divina (que se ocupa do que é pecado ou não), a civil (de responsabilidade e monopólio do Estado, que julga o que é um comportamento criminoso ou inocente) e a moral (que indica o que é vício ou virtude e que passa a ser de domínio público — todos podendo emitir opiniões e julgar as situações de acordo com estes princípios). A partir daí, a “lei moral” transforma-se em um balizador para medir o grau de desenvolvimento e de progresso social.

Os estudos de pensadores como Simmel, Elias, Ariès e Foucault também constituem contribuições fundamentais para o entendimento desta noção de indivíduo moderno. Simmel, em seu texto “Freedom and the individual” (1971), situa o nascimento do individualismo no Renascimento e nos ideais iluministas, no sentido do reconhecimento, no plano social, do sujeito como valor, rejeitando a ordem niveladora e “homogeneizadora” da sociedade medieval (com os rígidos privilégios das classes superiores, as acentuadas hierarquias e ausência de mobilidade social, o poder coercitivo da Igreja, etc.). A luta por aspirações tais como igualdade e liberdade resulta nos credos do liberalismo racional inglês e na Revolução Francesa, no final do século XVIII, que universaliza os pressupostos de um **indivíduo quantitativo**, configurando-se a partir das entidades econômicas e jurídicas e baseando-se em uma lógica igualitária.

Simmel, no entanto, pondera ser o romantismo alemão - cujos valores difundem-se no séc. XIX - a inaugurar a “visão de mundo” do individualismo moderno, emprestando coerência às formas de pensar e sentir, e abrindo um espaço para a singularização do indivíduo e o cultivo de sua interioridade. Cada pessoa passa a ser concebida como única, diferente das demais, e tal

subjetividade é percebida como parte constituinte do indivíduo, sua personalidade, incluindo seus humores, crenças, sentimentos, etc. Instaure-se a lógica do *indivíduo qualitativo*.

No século XIX, estas duas representações do indivíduo — quantitativo e qualitativo — amalgamaram-se. As concepções de igualdade e liberdade são premissas da livre concorrência e a diferenciação, um pressuposto da divisão do mercado de trabalho.

A moralidade, a emoção e a sensibilidade do “homem” ocidental também foram construídas, ao longo dos séculos, e moldadas durante o “processo civilizador”, no sentido empregado por Norbert Elias (1994). Em seu livro, *O processo Civilizador: Uma história de costumes*, Elias mostra como a psique do sujeito moderno foi sendo socialmente conformada e como certos hábitos e costumes passam a ser incorporados pela pessoa, estabelecendo-se como um padrão de comportamento.

Assim, foram transformados pelo processo civilizador: os hábitos à mesa, a polidez, a noção de higiene, a sensação de nojo, a idéia de decência e de decoro, de privacidade — esconder-se do olhar externo ou a definição de algumas situações como íntimas — o sentimento de vergonha e de delicadeza, dentre outros. Heilborn (2004) destaca a contribuição de Elias para a elucidação da construção da pessoa moderna no que tange à configuração da “distância entre as pessoas”. Para esta autora (opus cit.:58), “(...) a importância desta análise reside na demonstração de que o comportamento do ‘indivíduo’ e a sensação de individualidade estão vinculados a um conjunto de mudanças que conduzem à instituição da interiorização e a condição de uma auto-reflexividade como atributos de uma pessoa moderna”.

Como alerta Duarte (1983), um dos pontos essenciais do pensamento iluminista é o estabelecimento de uma divisão entre os espaços, representada pelo binômio público/privado. O espaço público é igualitário, impessoal e laico. Já o privado, pessoal, íntimo e reservado à convivência familiar.

O código social de conduta tornou-se, na modernidade, o “elemento constituinte” do indivíduo. A separação da mente humana, concebida por Freud, em ego (inconsciente), superego (controle) e *id* (inconsciente) demarca uma nova fase da civilização, a do indivíduo regulado (FOUCAULT, 2000). Os impulsos e desejos mais íntimos são recalcados no inconsciente e o superego atua sobre a personalidade do indivíduo, variando conforme o código social estabelecido (ELIAS, 1994:189).

A família, tal como concebida pela sociedade moderna, também é um fenômeno recente. Seu papel é profundamente alterado: ela é a nutriz e a matriz deste novo indivíduo. Sua função é formá-lo, dele ocupando-se sobretudo no período da infância. Aliás, como aponta Philippe Ariès (1981), a transmissão do conhecimento e dos valores não estava a cargo da família durante a Idade Média. A concepção de família não englobava as idéias de sociabilidade e de afeto. O infanticídio, aliás, constituía até o século XVII uma prática bastante comum, embora clandestina, em se tratando de um crime severamente punido.

A organização da família em torno da criança é recente, fruto do movimento de moralização promovido pelos reformadores católicos e protestantes, tendo englobado não apenas os valores eclesiásticos, mas também as leis e as relações com o Estado.

A partir de então, a criança torna-se um foco de preocupação, de atenção e de afeição, sendo separada do adulto e educada em um local específico, a escola — que aparece com força significativa ao final do século XVII (ARIÈS,

1982:11). Desta forma, a família do século XIX distingue-se inteiramente da família medieval. Fecha-se sobre si mesma, em uma atmosfera íntima e de privacidade. Não mais se abre ao exterior, como nas sociedades tradicionais, tornando-se natural, “sagrada” e lócus do afeto, sendo representada pela tríade pai, mãe e filhos. O casamento transforma-se no elo e sustentáculo da nova família burguesa, sendo o amor romântico, a partir do século XVII, gradativamente cristalizado como base de uma união feliz (ver VIVEIROS DE CASTRO e ARAÚJO, 1977).

Nas palavras de Foucault, “o laço conjugal não serve mais apenas (nem mesmo, também, em primeiro lugar) para estabelecer a junção entre duas ascendências, mas para organizar o que servirá de matriz para o indivíduo adulto” (2003:199).

Embora as sociedades ocidentais modernas utilizem o conceito de “indivíduo-valor” como um pressuposto, devemos tomar cuidado para não considerar esta construção do “individualismo” como homogênea e uniforme em todos os países abrigados sob a rubrica “ocidental-moderno”. Abarcadas neste conceito existem inúmeras sociedades complexas, influenciadas por tradições culturais distintas (ver BARTH, 2000). São diversas as possibilidades de individualismo dentro da cultura ocidental moderna. Há espaço para múltiplas combinações que podem, inclusive, coexistir com diversos “aspectos do individualismo (como a ‘igualdade’ ou a ‘liberdade’, por exemplo) e da hierarquia (como a sua associação ou não com o ‘poder’, por exemplo), ou ainda – e sobretudo – entre o indivíduo e a hierarquia” (DUARTE, 1986:48). Pois, como alerta Dumont (2000:30), “as idéias e os valores individualistas da cultura dominante, à medida que se propagam através do mundo, sofrem localmente modificações que dão origem a novas formas”⁶¹.

⁶¹ Sophie Body-Gendrot, por exemplo — no texto “Uma vida privada francesa segundo o modelo americano”, presente no volume 5 da *História da Vida Privada. Da primeira guerra a nossos dias*

Muito se discute a respeito do papel (ou dos papéis) do individualismo brasileiro, se seria possível considerar nosso país como um integrante da modernidade. Caso a análise somente leve em conta o desenvolvimento econômico e o grau de institucionalização política (ou seja, o funcionamento das instituições, participação no processo eleitoral, direito à organização e à associação, etc.), o Brasil seria incluído na categoria “moderno” pois, apesar de tudo, figura entre as quinze maiores potências econômicas mundiais. Possui uma distribuição equilibrada entre os três setores⁶² e vem crescendo – como tendência – em seus indicadores macroeconômicos⁶³. É considerado um dos países mais importantes da América Latina⁶⁴, ostentando uma avançada constituição civil (a de 1988) e um modelo eleitoral que inclui analfabetos e maiores de 16 anos. Além disto, conta também com um Código de Defesa do Consumidor (em vigor desde 1991) com instrumentos de defesa e mediação de conflitos⁶⁵ e que vem já, há algum tempo, funcionando dentro das prerrogativas democráticas⁶⁶.

(2003) — discute a influência norte-americana na França e conclui que se ela existe, de fato, explicitamente no cotidiano, o mesmo não ocorre quando se fala da vida privada. Apesar de verem filmes e ouvirem música dos EUA, comerem mais hambúrgueres e terem absorvido alguns “signos” da cultura norte-americana, os franceses, argumenta a autora, ao internalizarem estes signos, não se tomaram iguais aos norte-americanos em seus valores pessoais, crenças e emoções. Apesar de ambos perceberem-se como produtos de uma cultura “individualista”, o individualismo francês seria bem distinto daquele encontrado nos EUA. Body-Gendrot (2003) relembra que a antiga contradição — já apontada há mais de um século por Tocqueville, em *Democracia na América* — entre os pilares da modernidade (“igualdade” e “liberdade”) ainda continua existindo e sendo válida para ler as diferenças entre os países modernos. Prossegue citando Sartre para mostrar o quanto o individualismo francês conforma-se através “da luta da sociedade contra o Estado” (opus cit.:575) e de uma certa “rebeldia”, fato não observado entre os norte-americanos, que educam as novas gerações para serem auto-suficientes e fazerem-se por si mesmas, sem cogitarem recorrer ao poder público — mas, ao mesmo tempo, sempre obedecendo às normas coletivas.

⁶² Primário, secundário e terciário.

⁶³ Algumas vezes mais, outras menos, dependendo do reflexo da economia internacional e da política praticada internamente.

⁶⁴ Nosso país configura-se em destino privilegiado das empresas multinacionais, devido às suas dimensões continentais e seu enorme mercado consumidor potencial, além de ser bom produtor e receptor de mídia, especialmente a eletrônica.

⁶⁵ Como o Tribunal de Pequenas Causas e o Procon (em vigência desde 1997), com poder para aplicar penalidades e multas a companhias que transgredirem o código, além de uma forte atuação da mídia, através das colunas de direitos do consumidor.

⁶⁶ Ou seja, o Brasil, por definição, enquadraria-se no conceito formal de “Poliarquia”, desenvolvido por Robert Dahl e analisado por Wanderley Guilherme dos Santos, no livro *Razões*

A modernidade brasileira, no entanto, apesar de “teoricamente” alinhada com algumas das “premissas mais modernas”, é bem particular, sendo acompanhada por uma enorme desigualdade social e um comportamento “dual” em relação ao indivíduo como valor. Apesar de se falar em individualismo no Brasil, a variante encontrada aqui é bem distinta daquela presente nas demais sociedades. Segundo Oliveira (1996:74), o individualismo norte-americano torna-se uma hipérbole quando comparado ao caso brasileiro pois, nos EUA, existe uma extrema formalização das relações pessoais — ao contrário do que ocorre em nosso país. Além disso, a mescla entre os domínios público e privado, característica do nosso sistema, não existe nos EUA, que separa rigorosamente estas duas esferas.

Roberto DaMatta⁶⁷ foi um dos autores contemporâneos que mais chamou atenção para esta “dualidade brasileira”, expressa no dilema – tanto individual quanto coletivo – de fixar os limites entre os interesses público e privado. Em seu livro, *Carnavais, Malandros e Heróis* (1983)⁶⁸, interpreta a multiplicidade e a singularidade da realidade brasileira, “procurando alcançar o princípio sociológico” (opus cit.:17), por intermédio da comparação entre

da Desordem (1993). Poliarquia pressupõe uma sociedade plural e democrática, atributos que se expressam através do seu grau de institucionalização — como direito à organização partidária, associações, etc. (com regras claras e conhecidas) e de participação (mensurado, principalmente, através do processo eleitoral). Segundo a análise de Wanderley Guilherme dos Santos, o Brasil cumpre todos os requisitos teóricos. Mas, na prática, cai em um “híbrido vazio”, uma ausência de cidadania e de respeito às leis. O cientista político brasileiro recorre a Hobbes e compara a “desordem nacional” ao estado de natureza hobbesiano. O texto de Wanderley foi escrito em 1992, em meio à crise de governabilidade do governo Collor, mas a preocupação que levanta é ainda bem atual. Nosso país, de uma forma distinta daquela observada vinte anos atrás, continua sendo “moderno” e “arcaico”, ora um, ora outro e, na maior parte das vezes, ambos, simultaneamente.

⁶⁷ A preocupação com a identidade nacional e com a configuração do brasileiro não é recente, existindo desde, pelo menos, o século XIX. A inovação de DaMatta estaria no fato de entender o Brasil como um “drama” – sem necessariamente um princípio, um meio e um fim e com toda sua pluralidade e complexidade – sem esvaziá-lo em uma abordagem linear que enfatiza os papéis de mocinho e bandido ou defende a perspectiva da luta de classes. Ver, a este respeito, a “Introdução” do livro comemorativo dos vinte anos de *Carnavais, Malandros e Heróis* por GOMES, BARBOSA e DRUMMOND (2001:7-16).

⁶⁸ Lançado em 1979, durante a ditadura militar no Brasil e em meio a uma cena intelectual ainda dominada pela dicotomia marxistas/não marxistas.

nosso país e duas outras sociedades, consideradas diametralmente distintas: a Índia (estudada por Dumont e tida por este autor como uma referência de sociedade holista) e os EUA (um paradigma da cultura ocidental moderna individualista⁶⁹). Nesta imersão sobre “o que faz o Brasil, Brasil?”, DaMatta procura as singularidades do “dilema brasileiro”, dialogando em termos teóricos principalmente com Victor Turner, Marcel Mauss, Louis Dumont, E. Leach e Claude Lévi-Strauss.

Para este autor (1983:149), o Brasil possui um sistema dual e não unitário como no caso da Índia e dos EUA que “(...) iguala em um plano e hierarquiza em outro, o que - como resultado - promove uma tremenda complexidade classificatória, um enorme sentimento de compensação e complementaridade(..)”. O indivíduo no Brasil não constitui uma categoria universal como nos EUA, tampouco um renunciante como ocorre na Índia. É o sujeito para o qual se destinam as leis, um anônimo que se define em oposição à pessoa (sistema de relações pessoais, de compadrio, de amizades, de troca de favores, necessário para se ocupar um lugar neste mundo).

Sendo assim, “o Brasil fica situado a meio do caminho: entre a hierarquia e a igualdade; entre a individualização que governa o mundo igualitário dos mercados e dos capitais e o código das moralidades pessoais, sempre repleto de nuances (...)” (opus cit.:191). É um Brasil que, por um lado, aspira aos credos da modernidade – igualdade, democracia, cidadania – e a ser regido por leis universais e impessoais, demanda esta oriunda do desenvolvimento capitalista e do crescimento econômico (ver SOARES, 1999); mas que, por outro lado, deseja a continuidade e a manutenção de uma mentalidade privada e personalista. Esse conflito, esta “hibridização” (usando os termos de Soares, opus cit.) enfraquece o poder público e fortalece o privado, favorecendo o aparecimento de “poderes paralelos” e

⁶⁹Ver DUARTE, 1986:48-55.

estaria presente desde a gênese de nosso país, estendendo-se até os dias atuais⁷⁰.

Jane Russo, em *O Corpo Contra a Palavra* (1993), efetua outra análise interessante a respeito da convivência entre o moderno e o arcaico na sociedade brasileira. Dialogando com DaMatta e Gilberto Velho, Russo nos apresenta um indivíduo pertencente às camadas médias urbanas, não atrelado apenas às questões jurais – ressaltadas por DaMatta, em *Carnavais, Malandros e Heróis* – mas gozando de uma dimensão psicológica, conforme os estudos de Gilberto Velho. Desta forma, a “passagem do indivíduo para pessoa”, discutida por DaMatta, ganha uma nova dimensão positivada segundo a qual este sujeito não estaria apenas entregue às leis impessoais e universais, mas seria um agente de sua trajetória, realizando suas escolhas (1993:48-50).

Seria importante ressaltar que a combinação entre “holismo” e “individualismo” nacionais varia conforme o grupo analisado. Não constitui um bloco homogêneo, mas uma pluralidade de “modos de viver” e “visões de mundo” que convivem entre si, interagem, entram em conflito, combinam-se e transformam-se. Trata-se de um jogo dinâmico, cujo resultado está sempre “em aberto”, por fazer-se. Uma “sociedade complexa”, como a brasileira, abriga distintas “correntes de tradição” (ver BARTH, 2000). Desse modo, existem distinções entre rural e urbano, entre classes sociais, entre “estilos e padrões” de vida. Algumas etnografias, como as de Duarte (1989) e Russo (1993), apontam para valores diferenciados entre as “camadas médias

⁷⁰ Esta discussão é ampliada e aprofundada com os estudos de Luís Roberto Cardoso de Oliveira (1996), João Cezar de Castro Rocha (2004) e Luís Eduardo Soares (1999) que, ao realizarem uma releitura da dialética entre o indivíduo e a pessoa proposta por DaMatta, incluem outros ângulos e perspectivas ao debate: a questão da solidariedade (Oliveira), da “conversão da violência em força simbólica” pela mediação dos meios culturais (Rocha) e da convivência “perversa”, mas intensa, entre os valores individuais (que justificariam inclusive as diferenças, como a pobreza e as desigualdades, segundo a visão do fracasso e da incapacidade de fazer-se por si mesmo) e hierárquicos (usados para legitimarem a obediência e naturalizarem as desigualdades) que propiciam o aumento da violência urbana (Soares).

urbanas intelectualizadas” e as “classes trabalhadoras urbanas”. Enquanto as primeiras privilegiam os valores individuais, as últimas possuem uma visão mais holista, na qual o todo se sobreporia às partes.

2.2 – O trabalho e o cálculo racional como atributos essenciais do indivíduo moderno

O conhecimento científico, as idéias liberais e a organização do saber, tão valorizados e divulgados pelos iluministas, foram fundamentais para a crença na supremacia da razão (através de invenções científicas que possibilitaram ao homem o domínio e a transformação da natureza), para a afirmação da idéia de progresso (a concepção de que a ciência estaria sempre avançando e de que as respostas estavam “no mundo”, não fora dele) e para a consolidação do modo de produção capitalista.

Weber, em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, mostra que o desenvolvimento científico, da forma como é hoje concebido, ocorreu apenas no Ocidente. Embora outras civilizações tenham realizado inúmeras descobertas, “a busca racional, sistemática e especializada da ciência por parte do pessoal treinado e especializado, existiu somente no ocidente, em um sentido que se aproxima de seu papel dominante na nossa cultura atual” (2000:23).

Weber nos lembra também que o racionalismo, que influenciou a “visão de mundo” da sociedade ocidental moderna e a mentalidade capitalista, não foi exclusivo da cultura ocidental. A concepção racionalista estava presente em outras culturas como, por exemplo, na grega e na dimensão moral do judaísmo. No entanto, pondera o autor, a supremacia racionalista – como potencializadora de uma das maiores transformações da história da

humanidade (a emergência do capitalismo moderno) – deu-se apenas no Ocidente.

A tese do autor é a de que foram principalmente as mudanças internas⁷¹, representadas por algumas seitas variantes do protestantismo ascético do século XVII - como os calvinistas, os batistas, os anabatistas e os metodistas⁷² - que deram o “tom” e definiram a “mentalidade” do capitalismo racional moderno⁷³. “Sem o aparecimento da ética protestante não se poderia explicar o processo que acabou levando o Ocidente ao capitalismo moderno e ao Estado institucional” (SCHLUCHTER, 1999:123).

Para Weber, a ideologia que conformou o “espírito capitalista” não surgiu de forma intencional, como um projeto de tomada de poder por parte da burguesia. A nova mentalidade, originada dentro de alguns grupos do protestantismo ascético, partiu de uma preocupação com a possibilidade de salvação humana. Ao contrário da ética católica, o protestantismo ascético eliminava qualquer espécie de mediação sacramental e de garantia de salvação por intermédio da religião. No protestantismo ascético, Deus escolheria seus predestinados segundo critérios que não caberia ao homem questionar. Para ser salvo, ele deveria tornar-se instrumento da ação divina, obedecendo a seus mandamentos. Nesta concepção, o ser humano estava totalmente submisso à onipotência e onipresença de Deus.

⁷¹ Segundo Schluchter (1999), Weber, em a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, não negligenciou a influência dos eventos externos. Considerou, no entanto, os eventos internos mais significativos da forma de pensar capitalista, uma vez que provocam o envolvimento racional e emocional dos sujeitos. Para Schluchter, Weber identificou três fases essenciais à gênese do capitalismo moderno: a primeira seria a alta idade média (devido a acontecimentos como a revolução papal, o feudalismo e o nascimento da cidade); a segunda, a mentalidade surgida nos séculos XVI e XVII, a partir da Reforma (e tematizada na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*) e a terceira e decisiva fase, compreenderia o século XIX, momento de consolidação do que atualmente definimos como capitalismo moderno.

⁷² Os luteranos não estavam incluídos entre as seitas que conformaram a mentalidade capitalista, pois concebiam a salvação de forma distinta dos demais grupos mencionados por Weber.

⁷³ Ver, a este respeito, Weber, 2000; Souza, 1999 e Schluchter, 1999.

Toda a responsabilidade pela salvação era, no entanto, atribuída ao crente, que não tinha como saber se seria ou não eleito. Era justamente esta incerteza que levava as pessoas a esforçarem-se, já que uma das formas de pleitear a salvação dava-se por intermédio de sua ação no mundo: a dedicação ao trabalho – através da profissão o homem serviria de instrumento para o aumento da glória divina – e o rigor e a austeridade em relação aos gastos e ao luxo. O êxito, representado pelo acúmulo financeiro, seria um sinal da eleição divina (SCHLUCHTER, 1999). Para ser um “virtuoso”, o protestante deveria agir no mundo e usar sua consciência individual, sendo esta mentalidade a responsável por transformar o trabalho em valor e a ociosidade em um mal a ser combatido.

A combinação entre o êxito no trabalho e a paixão pelo ganho, encontrada no protestantismo ascético, é decisiva para a formação da mentalidade capitalista. Weber (2000:24) ressalta que o “espírito capitalista” não é fruto de uma “ganância ilimitada”, mas “identifica-se com a busca do lucro sempre *renovado* por meio da empresa permanente, capitalista e racional”. O mais importante no “espírito do capitalismo” não é a persecução do lucro pelo lucro, mas a idéia do trabalho como um instrumento sagrado e metódico, como força motriz desta acumulação, aliado a um comportamento austero em relação à vida luxuosa.

As formas capitalistas tampouco foram inventadas pela sociedade ocidental moderna. Para Weber (opus cit.), elas sempre existiram em outras sociedades só que, nestas últimas, não conformaram o que se convencionou chamar “capitalismo moderno”, um conceito que associa o cálculo racional ao trabalho livre. Empresas organizadas segundo a visão capitalista só se tornaram possíveis graças à separação do local de negócio da moradia da família, aliada ao cálculo racional.

As transformações que desenharam os contornos do *ethos* capitalista e construíram a noção de “homem econômico”⁷⁴ foram estudadas por diversos autores, sob distintos ângulos. Albert Hirschman, em *As Paixões e os interesses: argumentos políticos para o capitalismo antes de seu triunfo* (1979), remonta aos séculos XVII e XVIII para refletir como teria sido formada a mentalidade burguesa, a partir do Renascimento. Em sua análise, o autor centra-se, principalmente, no deslocamento de sentido do conceito de interesse (nesse caso, sinônimo de lucro), na época medieval, tido como um sentimento inferior, ou até mesmo pecado (avareza) e que vai progressivamente sofrendo alterações até ser considerado uma vocação (“amor ao ganho”) no século XVIII.

Segundo Hirschman, o “triunfo” da idéia de interesse – que, no século XIX, transforma-se em premissa da teoria econômica⁷⁵ – não foi intencional, nem previsível. O capitalismo não foi criado para atender a um grupo específico, foi sendo construído com a contribuição de vários grupos, inclusive os intelectuais. A idéia de interesse remonta ao Renascimento, mas não se opunha ao Estado absolutista, muito ao contrário, visava fortalecer e ampliar o poder dos príncipes, constituindo-se em instrumento de governabilidade.

A preocupação com a “natureza humana” emerge com a própria Teoria do Estado. Para governar, era preciso entender o homem e “domesticar” suas “paixões destrutivas”. “A tarefa de controlar, pela força se necessário, as piores manifestações e mais perigosas conseqüências da paixão, é confiada ao Estado” (HIRSCHMAN, 1979:24). Mas, aos poucos, a intenção repressiva vai sendo substituída por uma “solução mais harmônica”, de transformar as paixões, canalizar os “vícios” em “vantagens” e “interesses”, estes últimos sendo concebidos como mediadores entre as paixões e a razão. Ao Príncipe

⁷⁴ Identificado com o princípio utilitarista (de maximização do prazer e da dor), com o cálculo racional e com o liberalismo do séc. XIX. Para um aprofundamento sobre a construção do “homem econômico”, ver o estudo de Silva (1999:48-54).

⁷⁵ Conforme Silva, opus cit.

caberia maximizar os interesses do Estado para melhor governar, transmutando os vícios em interesses, em benefício da sociedade. Observa-se, assim, que o Estado passa a ser o agente político do “processo civilizador”, de uma ordem social viável e previsível.

Do ponto de vista do sujeito, o conceito de “interesse” também se transformou ao longo do tempo, até tornar-se, no século XIX, uma referência obrigatória para o indivíduo, um ideal a ser atingido. Gradualmente, a atividade comercial e o “amor ao ganho” foram sendo considerados superiores às paixões destrutivas, por basearem-se no cálculo racional e identificarem-se com um comportamento previsível e “diplomático”. Assim, a noção de interesse passa a ser vista como “uma paixão calma, mas ao mesmo tempo forte e capaz de triunfar sobre uma variedade de paixões turbulentas” (opus cit.:64). Regina Silva (1999:50), citando Mauss, nos lembra da necessidade do triunfo do racionalismo e do mercantilismo para que as idéias de lucro e de indivíduo pudessem emergir.

A glorificação do trabalho livre como gerador de riquezas e de sentido e valor para o indivíduo configura outra questão fundamental para o entendimento da “visão de mundo” das sociedades modernas ocidentais. Na modernidade é o trabalho e não mais a natureza que cria valor. O indivíduo passa a ser dotado de um poder criativo e transformador, que se expressaria através do trabalho. A partir de então, o homem sente-se em posição superior à natureza, visto que pode mudá-la e controlá-la com seu trabalho. Aliado ao desenvolvimento científico, o trabalho assume também uma concepção de progresso, de melhoria contínua; o salário⁷⁶ sendo visto como compensação e atribuição de valor a este esforço individual.

⁷⁶ De acordo com Silva (1999:56), o salário como forma de recompensa e retribuição por um trabalho nasceu da guerra. Etimologicamente, a palavra latina *Salarium* significa o dinheiro que os soldados recebiam para comprar sal, como pagamento pelos serviços prestados. Foram as relações de trabalho fixas, aliadas ao fortalecimento do comércio e ao surgimento de um mercado, que institucionalizaram o salário como recompensa.

Antes da modernidade, um assalariado era alguém degradado que não possuía nenhuma moeda de troca, a não ser sua própria força de trabalho. Dependia, necessariamente, de outras pessoas. Na Idade Média, o sentido do trabalho aproximaria-se de um dispositivo disciplinador, corretivo, moralizador, um antídoto contra os vícios da plebe. Trabalhar configurava uma obrigação para quem não tinha tido o privilégio de nascer nobre. Era “o quinhão dos pobres e dos que ganham pouco, reduzidos à necessidade de trabalhar a matéria ou de cultivar a terra para sobreviver” (CASTEL,1998:227)

A partir do mercantilismo e sobretudo em função de sua utilidade econômica, começa-se a agregar valor ao trabalho. Simbolicamente, no entanto, permanece encarado apenas como um efeito disciplinador, sendo ainda impregnado por uma atmosfera punitiva. Locke, Smith e Marx, segundo Arendt, são os pensadores responsáveis pela imagem de um trabalho virtuoso, elevado ao posto da mais importante atividade humana. De acordo com a filósofa, Locke teria sido o precursor, ao elevar o trabalho ao patamar de “fonte de toda propriedade”. Adam Smith, num momento posterior, o associou à geração de riqueza, por constituir-se na medida do valor de troca de todas as mercadorias. E, finalmente, Marx definiu-o como a atividade que dá sentido ao homem e da qual emana toda produtividade (ARENDRT apud CASTEL: opus cit.:230).

A alteração do sentido do trabalho, no séc. XVIII, não deveu-se à sua associação ao imperativo da necessidade — isto já ocorria previamente — mas à defesa da “liberdade do trabalho”. Para que tal “liberdade” pudesse vigorar era preciso demolir a antiga forma de organização expressa no trabalho “regulado e forçado” e estabelecer o livre contrato.

O papel esperado para o Estado, na ocasião, era o de garantir o livre acesso ao trabalho e o direito à propriedade, legitimar, enfim, as “regras do jogo”.

Acreditava-se que haveria um equilíbrio, como uma “mão invisível”, que ajustaria a oferta e a demanda por trabalho e regularia a produção e o consumo, diminuindo a miséria e gerando riqueza.

Conforme atesta Polanyi, em seu livro *A Grande Transformação*, para que se estabelecesse uma economia de mercado, a existência de uma sociedade de mercado (2000:93) era condição necessária. A emancipação da esfera econômica só seria possível através da separação das outras atividades da vida. Para este autor, a formação de um mercado auto-regulável prescindiria da transformação de sentido de ao menos três categorias: terra, dinheiro e trabalho, que passam a ser vistos como mercadorias fictícias: a terra por tornar-se passível de locação, o dinheiro por render juros e o trabalho, por ser trocado por um salário.

Para o economista, o mercantilismo nunca emancipou a esfera econômica, nem atacou as salvaguardas que protegiam o trabalho e a terra e deixavam o mercado subordinado às demais atividades. A grande mudança que apoiou o capitalismo como sistema, moldando-o na concepção atomista e individualista, foi a separação do trabalho das demais atividades da vida, sua submissão às leis de mercado e ao princípio de liberdade garantido pelo contrato (opus cit.:198).

Michel Foucault, em *História da Loucura na Idade Clássica* (2002), mostra como esta nova ética do trabalho aliada aos ideais iluministas e liberais alterou, inclusive, o papel da pobreza na sociedade. Com o nascimento da indústria e a subsequente necessidade de mão-de-obra, o pobre é reintegrado à sociedade como trabalhador e, com isso, classificado segundo sua nova utilidade como gerador de riqueza e de valor.

Na Inglaterra, por exemplo, as leis “Gilbert Acts”, de 1782, separaram os pobres válidos (produtivos, aptos a trabalhar) dos improdutivos (doentes e

incapazes para o trabalho). Os não aptos ao trabalho tornaram-se objeto da assistência do Estado e foram internados. A partir de então, o internamento não é mais usado, como anteriormente, para esconder o desemprego. A indigência passa a ser um assunto econômico. Esta é uma situação bem distinta da observada no período mercantilista, que excluía o pobre do convívio social — misturando-o aos insanos, doentes, infratores, etc. — e na era medieval, período em que o pobre era visto como objeto de caridade (uma oportunidade para o rico se santificar).

Em *A Condição Humana*, Hannah Arendt (2004:13) propõe-se a refletir sobre o “que estamos fazendo”, ou seja, sobre as atividades básicas que expressam a condição humana, definidas pela autora como *vita activa*: o **trabalho**, o **labor** e a **ação**.

O labor é definido como o conjunto das atividades impostas pela necessidade, desempenhadas para o sustento da vida, relacionadas ao processo biológico e confundindo-se com a própria existência. Por estar associado primordialmente a atividades corporais, tem como representante o *homo laborans*. Constitui-se no esforço que garante a sobrevivência humana, sendo por vezes desprezado por seu atrelamento ao peso da necessidade, ao desgaste físico e por seu produto final ser consumido com a mesma rapidez com a qual é realizado. Ainda segundo Arendt, na Antigüidade, o labor era relegado aos escravos, devido à “natureza servil” destas tarefas. “Laborar significava ser escravizado pela necessidade, escravidão esta inerente às condições da vida humana. Pelo fato de serem sujeitos às necessidades da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade, subjugando outros (...)” (opus cit. 94).

A autora (idem: 90) estabelece, segundo ela mesma, uma “inusitada” distinção entre os conceitos de labor e trabalho, na modernidade usados como sinônimos. Para defender tal separação conceitual apóia-se na

evidência de que “todas as línguas européias, antigas e modernas, possuem duas palavras de etimologia diferente para designar o que para nós, hoje, é a mesma atividade”. O trabalho é associado à criação, ao processo de fabricação, à transformação da natureza, ou ainda a um produto, a um artefato que empresta o sentido de permanência e durabilidade à vida humana. Seu produto não é consumido após sua realização, podendo apenas ser desgastado. O conceito de trabalho é identificado com o *homo faber*, inventivo, que cria, modela e trabalha o material com as mãos.

Para Arendt, a ação seria uma manifestação eminentemente humana, sem a mediação de produtos ou de artefatos, sendo identificada com a própria expressão da identidade e carregando o binômio da modernidade — representado pela igualdade (para que as pessoas se entendam precisam ser iguais) e pela liberdade (precisam de liberdade para dizer algo singular, que justifique a manifestação). Para a autora (apud BITTAR, 1997:14), os sujeitos podem renegar o labor e o trabalho, mas não a ação, sob pena de deixarem de existir. As atividades da ação “correspondem à condição humana da pluralidade” (ARENDDT, 2004:15), ficando, por isso, registradas na memória.

No entanto, é na modernidade que o trabalho (considerado sinônimo de labor) é glorificado e transformado em valor. Dá-se a “promoção” do “animal *laborans*” à posição tradicionalmente ocupada pelo “animal *rationale*” (ARENDDT, 2004:96). Tal fato ocorreria, segundo a autora, devido ao próprio processo de trabalho moderno (a divisão de trabalho), que segmenta a produção e substitui o trabalho manual e artesanal pelo labor. Desta forma, os objetos modernos tornam-se resultados do labor, sendo, por isso, destinados ao consumo, e não “produtos do trabalho, que destinam[-se] a ser[em] usados” (opus cit.:137). Em contrapartida, o desgaste sofrido pelo labor pode ser atenuado com os instrumentos e ferramentas de trabalho. A autora não enquadra discurso e ação na categoria trabalho (opus cit.) por

serem abstratos, frutos do pensamento e intangíveis, nada gerando do ponto de vista material.

3 – CAPÍTULO 2: “Transformar é preciso”: em busca da profissão que melhor expresse o eu

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
“Navegar é preciso; viver não é preciso”.*

*Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para casar como eu sou: Viver não
é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de
ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.
Fernando Pessoa, retirado do poema *Palavras de Pórtico*.*

Ao reinventar-se e criar para si uma nova profissão, o sujeito adota, como conduta, o espírito da transformação. Para os pesquisados “transformar é preciso”, em busca de uma nova representação que os expresse melhor, e os faça mais felizes. São indivíduos auto-reflexivos, que “mudam” para estarem mais sintonizados com o seu “self”.

Pretendo, neste capítulo, discutir o(s) significado(s) da “mudança” ou das “mudanças” de profissão a partir do discurso dos sujeitos pesquisados, considerando, para tanto, o contexto de suas trajetórias e seus processos subjetivos. Busca-se entender como e por quais motivos as pessoas “trocam” de profissão, como classificam esta transformação dentro da totalidade de suas vidas, como a definem em relação às demais esferas, como esta nova situação afeta a interação com as outras pessoas (família, amigos, etc.) e, finalmente, se acreditam que as movimentações em suas carreiras⁷⁷ configuram, de fato, “mudanças”.

⁷⁷ Utilizo, aqui, a definição de carreira formulada por Hughes (apud Becker), cuja idéia é a de um ciclo de vida no qual um homem percorre uma: “seqüência de movimentos, de uma posição para outra, dentro de um sistema ocupacional realizado por alguém que trabalhe neste sistema: inclui também a noção de ‘contingência de carreira’, ou seja, aqueles fatores dos quais depende a mobilidade de uma posição para outra”. Tradução minha a partir do texto em inglês (1966) e da tradução em espanhol (1971).

Parodiando S ervulo Figueira (1986:14), o foco deste trabalho   o “sociologicamente invisível”, definido pelo autor, como “o imaginário, as emo es, a fantasia, o desejo, em uma palavra, o ‘sujeito’. Este sujeito não se confunde com a categoria ideológica de ‘indivíduo’, nem   a no o ideológica de ‘pessoa’; o sujeito é o agente socializado que sofre as regras transindividuais, mas que é dotado de uma subjetividade (...)”. No referido trabalho, Figueira se utiliza de tal defini o para analisar a mudança nas famílias das camadas médias urbanas. Tomo emprestado o termo “sociologicamente invisível” para tratar como centro da narrativa, o sujeito da a o de “mudar de carreira” , considerando não somente o que há de comum ao conjunto de entrevistados, mas a história de vida singular e o tom emocional individualizado.

A dimensão explorada será a do “sujeito psicológico”⁷⁸ ao experimentar a vida social, da dimensão da “*uniqueness*”⁷⁹ destes atores sociais, sublinhando sua subjetividade. Afinal, o objeto - que parece configurar um “dado real” - é sempre re-significado através das múltiplas perspectivas dos diversos atores. Não há um objeto “puro”, este é sempre construído e reconstruído por intermédio do olhar e da intera o entre sujeitos e demais objetos. Existe um dinamismo, uma contínua “negocia o da realidade” na trajetória destes sujeitos e um constante trânsito entre “múltiplos mundos e realidades”. O mundo - dito “objetivo”- transforma-se, para o sujeito, na medida em que ele vai experimentando a si

⁷⁸ Sobre a defini o de “sujeito psicológico”, ver o trabalho de Russo (1993) e também a discussão de Salem (1992) e Heilborn (2004). Russo define duas vertentes de indivíduo, a partir da leitura de Simmel e de Dumont: o indivíduo jurídico (da igualdade, da cidadania, das leis gerais e universais) e o indivíduo psicológico (aquele singularizado pelo individualismo).

⁷⁹ Conceito de Simmel. O autor, em “Freedom and individual” (1971), texto já apresentado no capítulo 1, discorre sobre dois tipos de individualismo: o individualismo quantitativo (da *singleness*) que emergiu no século XVIII, especialmente na França e na Inglaterra, ligado ao racionalismo e ao liberalismo, ao iluminismo e às revolu es burguesas, postulando a igualdade como conseq ncia natural da liberdade, e destacando o que haveria de comum a todos os sujeitos. O outro tipo de individualismo descrito pelo autor seria o qualitativo (da *uniqueness*), característico do século XIX e t pico da mentalidade alemã, tendo encontrado no romantismo um canal de expressão. O individualismo qualitativo enfatiza as diferencia es entre os sujeitos – não as relativas à disti o de classe e status social – mas aquelas referentes às características internas, relacionadas à forma de ser e de sentir que singularizam o sujeito.

próprio⁸⁰, aumentando a complexidade das interpretações sobre os significados de suas ações e tomando a ambigüidade constante e, mesmo, o terreno sobre o qual irá ser construída a análise .

Considero, portanto, necessária a relativização da categoria mudança, alertando, no entanto, para o fato de não ter havido, de minha parte, nenhuma intenção em estabelecer um juízo de valor ou uma tentativa de homogeneização das perspectivas analisadas. A palavra “mudança” simplesmente foi o termo escolhido (por estar presente na fala da maioria dos entrevistados) para indicar o deslocamento ou a intenção de deslocamento de uma atividade/situação profissional para outra. É importante ressaltar que o presente trabalho não pretende “naturalizar” a categoria mudança – como se ela pudesse dar conta de todas as vinte trajetórias da mesma forma – ou partir do pressuposto de que todos os informantes experimentam e sentem seu deslocamento profissional com a mesma intensidade e sentido.

Entre os vinte entrevistados, sem dúvida estão presentes várias concepções de mudança. Por vezes, vivências semelhantes são experimentadas individualmente de formas inteiramente distintas. Além disso, um mesmo sujeito – por transitar por mundos diversos e participar de “múltiplas realidades” – pode atribuir, simultaneamente, diferentes significados – muitas vezes conflituosos – a seus contínuos deslocamentos na carreira. Haveria, contudo, no entendimento da “mudança”, um núcleo compartilhado pelos entrevistados. Em primeiro lugar, a transformação é percebida como inexorável. Na visão dos informantes, “transformar é preciso”, para estar em sintonia com a dinâmica da própria vida.

⁸⁰ Ver SIMMEL (1971) para a questão do trânsito entre vários grupos, da subjetivação do indivíduo por intermédio da relação com os outros, do dinamismo e da interação como elementos constituintes da vida social; e SCHUTZ(1979 e 1971) para a questão das “múltiplas realidades” (multiplicidade de mundos), da arbitrariedade do conceito de “realidade em si” – pois a noção de realidade é permanentemente construída nas relações sociais – e para a experiência como uma noção fundamental na consciência subjetiva. Destaco, também, a importância das aulas de Gilberto Velho, nos cursos Antropologia das Sociedades Complexas (ministrado no primeiro semestre de 2005) e Laboratório de Pesquisa em Antropologia Social I (ministrado no segundo semestre de 2005) para a utilização, neste trabalho, dos autores anteriormente mencionados.

Ao experimentar novas situações e vivenciar o mundo, as pessoas passam a enxergar a realidade de outra forma, percebendo dimensões antes desconhecidas e, com isso, transformam-se, “metamorfoseam-se” (ver VELHO, 2003). Tal modificação subjetiva é concebida, por estes entrevistados, como “alquímica” (expressão retirada de um informante), pois acaba por refletir-se no mundo exterior (na relação com os objetos e com as outras pessoas) e provoca outras “percepções” que conduzem a novas mudanças. Em vários depoimentos estão presentes frases como: “o mundo muda, mesmo, e a gente tem que mudar para acompanhar”. Ou ainda:

“As pessoas falam sobre mudanças. Eu transito bem por mudanças, eu sofro, mas não me nego a mudar.”

Os informantes, sem saber, de certa forma partilham do conceito dialético do filósofo pré-socrático Heráclito⁸¹ segundo o qual tudo está em movimento e muda continuamente. Apropriando-me de seu exemplo: ninguém pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois o rio não será o mesmo no segundo seguinte e nem o banhista será a mesma pessoa. Tal idéia não é, aliás, ignorada pelo senso comum, encontrando-se presente em várias expressões do pensamento coletivo e manifestando-se, também, em criações e trabalhos artísticos de alcance popular⁸².

⁸¹ A percepção da vida como um processo dinâmico, um fluxo – e da existência de um sujeito consciente, que se constrói em relação e paralelamente a este mundo exterior – também está presente nos textos de Schutz, particularmente em “On multiple realities” (1971), e Simmel, especialmente nos textos “O conceito e a tragédia da cultura” (in SOUZA e OELZE, 1986) e “El problema del destino” (1986).

⁸² Como por exemplo, a composição “Como uma onda no mar” de Nelson Motta e Lulu Santos, cujas estrofes “nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia. Tudo passa, tudo sempre passará. A vida vem em ondas como o mar. Num indo e vindo infinito. Tudo que se vê não é, igual ao que a gente viu há um segundo. Tudo muda o tempo todo, no mundo (...)”, remetem ao sentido de fluxo constante e de inexorabilidade identificados no discurso dos informantes desta pesquisa.

3.1 – Os sentidos da(s) “mudança(s)”

Apesar de todos os entrevistados compartilharem a visão de que a mudança em si é um processo constituinte da vida, os sentimentos em relação à mudança profissional e a forma de lidar com ela variam muito de um sujeito para o outro. Sendo assim, o modo de encarar e buscar o “novo” (uma nova profissão ou carreira) indica alguns perfis diferentes, que foram agrupados nos três tipos a seguir: “**parceiro do destino**”, “**planejador**” e “**navegador sem leme**”.

Creio que seria fundamental evidenciar a “definição de situação”⁸³ constitutiva deste trabalho, uma situação de entrevista pessoal e gravada, na qual o pesquisador faz as perguntas para o pesquisado, que narra sua história de vida. Sendo assim, é o investigador que imprime o tom da conversa e que direciona os pontos a serem explorados. Além disso, cada uma das vinte entrevistas que subsidiaram esta dissertação foi realizada em uma única interação formal e as declarações fornecidas pelos informantes, interpretadas com base neste contato e, com algumas exceções, em declarações dadas informalmente em encontros ocasionais⁸⁴.

Vale também ressaltar o “jogo de representações” que está por trás de um encontro face-a-face, como no caso de uma entrevista. De um lado, há um pesquisador desempenhando o papel de ouvinte e de investigador e que, embora não seja de modo algum “neutro”⁸⁵, tenta manter certa postura

⁸³ Conceito de William Thomas que privilegia o ponto de vista subjetivo na interpretação da ação e da situação, ou seja, as situações tornam-se reais em suas consequências, se os indivíduos assim a definirem. Ver MINAYO, e SANCHES (1993).

⁸⁴ Vale lembrar que parte dos entrevistados faz parte do meu ciclo de relacionamento pessoal e com pelo menos cinco deles costumo encontrar-me com alguma regularidade.

⁸⁵ Sobre a discussão a respeito da impossibilidade da “neutralidade antropológica”, ver CRAPANZANO, 1980. Em *Tuhami. Portrait of a Moroccan*, o autor relata a complexa história de vida de Tuhami, um marroquino ladrilheiro casado com uma “diaba”, logo após a descolonização francesa. Crapanzano chama a atenção para a impossibilidade do etnógrafo tornar-se invisível, pois o encontro etnográfico configura necessariamente uma interação, envolvendo por isso uma negociação complexa, que afeta tanto o informante quanto o pesquisador.

distanciada. Além disso, seleciona as partes da entrevista que mais lhe aprazem, atuando, de certa forma, como um demiurgo. Do outro lado, temos o informante, que apresenta a si próprio e narra partes de sua vida. É preciso atentar para o fato de que esta “apresentação do self” leva em conta, necessariamente, o papel que ele pressupõe dever desempenhar. De alguma maneira, o entrevistado “atua”, toma seu papel em um “espetáculo”, afinal sua intenção é a de ganhar a atenção do entrevistador e tornar sua história interessante (GOFFMAN, 1999).

Os contornos delineados para esses “tipos ideais”⁸⁶ são definidos arbitrariamente, afinal suas fronteiras são fluidas e para demarcá-las é preciso estabelecer limites antes inexistentes. Como sabemos, as pessoas são extremamente complexas. Os mesmos sujeitos, ao longo de suas vidas, variam de atitude em relação às experiências, muitas vezes, inclusive, apresentando, condutas distintas ao vivenciarem situações análogas. Sendo assim, uma mesma pessoa poderá apresentar, ao longo de sua trajetória, comportamentos e atitudes diferenciados com relação à “mudança”, podendo em um momento ser associada a um determinado tipo ideal e, em outro, apresentar características mais condizentes com outro. Algumas vezes, a pessoa pode, inclusive, ter atitudes ambíguas e antagônicas em relação a seus deslocamentos, no próprio momento em que os vivencia.

Como o objeto deste trabalho são as segundas escolhas profissionais, o recorte utilizado levará em conta o processo de mudança para novas carreiras, procurando combinar a trajetória dos informantes às características delimitadas nos tipos ideais. Vale ressaltar que o recurso da tipificação serve como um “artifício” que retira do todo alguns conjuntos com características semelhantes entre si. Suas definição e delimitação não deixam, no entanto, de ser fruto de

⁸⁶ O “tipo ideal” é um recurso metodológico (uma ferramenta intelectual) proposto por Weber, que pinça dos inúmeros fenômenos observáveis – encontrados na realidade social – traços tidos pelo pesquisador como característicos e representativos daquela realidade estudada, a fim de melhor compreendê-la.

uma interpretação do pesquisador. Além disso, os entrevistados não necessariamente coadunam apenas com um único “tipo ideal”. Afinal se constituem em pessoas complexas podendo adotar várias “apresentações de si”, conforme o contexto. No entanto, a presente dissertação privilegiou o “tipo ideal” percebido como determinante na situação da entrevista. Por esse motivo, não tenho a pretensão de dar conta de toda a complexidade do universo pesquisado nos tipos idealizados, descritos a seguir, e admito ter incorrido em alguma simplificação e esquematização do objeto, na tentativa de acessar o significado do conjunto.

Sob a definição “**parceiro do destino**”⁸⁷ foram reunidos os informantes que não fazem planos prolongados em suas vidas profissionais, nem traçam metas a longo prazo. Vão experimentando as atividades e, simultaneamente, desenhando sua trajetória na direção que julgam ser a mais conveniente. A nova profissão não é fruto de uma busca sistemática em uma determinada direção, com um cronograma estabelecido, mas uma possibilidade vislumbrada ao longo do caminho e aproveitada quando considerada atraente. Os projetos profissionais são vividos como possibilidades em aberto, sujeitas, a qualquer momento, a desvios de rumo ou de direção, desde que os sujeitos vislumbrem e sintam-se seduzidos por uma nova alternativa. Tratam-se de pessoas que enfatizam o momento e que fazem suas escolhas centrando-se mais fortemente no presente do que no futuro.

Podemos fazer uma analogia do “parceiro do destino” com a idéia de “aventura” presente no texto “The adventurer”, de Simmel (1971). Neste artigo, o autor define a aventura como uma forma de experiência vivenciada quando os conteúdos internos do sujeito tocam e mesclam-se aos conteúdos externos. Este momento é permeado por forte tensão sentimental, pois os fluxos exteriores afetam profundamente os conteúdos subjetivos. Este instante é sentido como

⁸⁷ A denominação “parceiro do destino” foi proferida por uma entrevistada que, ao ser indagada se sentia-se autora de seu destino, respondeu que com ele formava uma boa parceria, sabendo retirar dos acontecimentos, boas indicações de caminhos.

único por aquele que o vivencia, como uma totalidade, uma unidade completa que se esgota em si mesma, assim como uma “obra de arte”. É também comparável ao sonho, por juntar em si todas as paixões.

Neste artigo, Simmel também elabora uma analogia entre o aventureiro e o jogador. Ressalta que o jogador está apenas nas mãos do acaso, na medida em que conta inevitavelmente com a sorte. Mas, antes de tudo, faz do acaso um sistema lógico, um princípio organizador de sentido para sua vida. E, assim como o aventureiro, faz da ausência de sistema, uma conduta de vida, buscando os acasos externos a partir de uma necessidade subjetiva. Lida com o incalculável como se fosse algo previsível. Para o aventureiro, a vida é um jogo e direciona-se, nos momentos mais intensos, “ao tudo ou nada do jogador” (1971:190-192).

Em realidade, o aventureiro é definido como um mediador, uma síntese entre duas categorias da vida: o que é conquistado por intermédio da atividade e da ação e o que é dado pelos acontecimentos da vida. No aventureiro fundem-se os gestos do conquistador, na medida em que aproveita as oportunidades da vida, mas ao mesmo tempo, abandona-se à sorte flutuante. Conforme a descrição de Simmel (1986:178-179):

O aventureiro confia, de algum modo, em sua própria força; antes de tudo, porém, confia em sua própria sorte; no fundo, ele se fia em uma singular união não diferenciada de ambas. A força, da qual ele está seguro, e a sorte, da qual ele não está seguro, convergem nele – subjetivamente – em direção a um sentimento de segurança.

A relação entre o tipo ideal “parceiro do destino” e o aventureiro de Simmel se dá, principalmente, nesta fusão entre estar consciente durante o processo – por aproveitar as chances da vida – mas, ao mesmo tempo, deixar-se conduzir pelo fluxo do destino, “adentrando o nevoeiro” como se ali fosse possível enxergar com toda clareza (1971:194). Os informantes que se deixam navegar – mas

conduzem o próprio leme – para pararem, acelerarem ou “contornarem”, conforme as situações encontradas pelo caminho, não deixam de ser, de alguma forma, “aventureiros da vida” e “parceiros de seu destino”. Sentem-se donos de suas vidas, mas não tentam controlá-las. Não que isso seja sempre fácil. Algumas pessoas relatam um processo mais “sofrido”, no qual cobravam de si próprios a ausência de uma postura mais rígida, mais controladora com relação às suas condutas profissionais (embora confessassem preferir surpreenderem-se com os acontecimentos a controlá-los, algo sobre o que se deram conta depois de um certo tempo).

Com o passar dos anos, este “estar à vontade com o fluxo dos acontecimentos” passa a ser visto como integrante da “personalidade” do sujeito⁸⁸. Eles se autodefinem como “mutantes”, camaleões, flexíveis. Conforme a descrição de alguns informantes, “parceiros do destino“:

A minha trajetória profissional **nunca foi uma trajetória linear**, ela sempre foi **definida pelas contingências** (...) Nessa **vida de nômade**, de você não saber quanto tempo você vai ficar num lugar, que lugar vai ser o próximo, – ou mesmo você chegando: que lugar é esse, como vou me situar? – você tem que ser super flexível. Então, às vezes, você fica pensando: ou eu tenho sangue de barata (risos), ou sou realmente meio **camaleoa**. E eu descobri que eu tenho essa questão da **flexibilidade**. **Eu me abro para muitas coisas**. Eu não sei se nessa abertura eu vou atraindo, vou descobrindo as coisas, aí você vai fazer a sua própria seleção. É o que te falo: no início, você atira no escuro em todas as direções até que, de repente, você percebe que esse caminho é o caminho no qual você vai se realizar mais, vai te dar mais prazer, seja lá qual for o motivo. Nessa vida de nômade, sempre, de uma forma ou de outra, eu sempre acabei fazendo algum trabalho que, de alguma forma, tivesse algum engajamento (...) Houve um tempo em que essa coisa de me denominar camaleoa me incomodava. Na realidade, é uma coisa

⁸⁸ Tal característica será melhor explorada no 4º capítulo desta dissertação, centrado nos indivíduos que realizam uma retrospectiva de suas trajetórias profissionais.

indefinida: todo mundo procurando um caminho, se especializando, eu mesmo indo fazer um mestrado, tentando seguir uma linha, e a vida me levando para outros caminhos que não tinham nada a ver com aquilo que estava querendo traçar. Então isso me incomodou muito. Aí eu descobri, acho que talvez exatamente com essa questão da perspectiva: enquanto você tá vivendo esse momento, você não vê bem isso, mas depois que você se afasta, aí vem essa questão da neutralidade. Você como observador você julga menos, você só observa, aí você saca melhor as coisas sem essa coisa de bom e mau, negativo e positivo, que isso na realidade foi um ponto positivo. **Essa não especialização é que é meu grande ponto forte, eu sei que eu me encaixo em qualquer projeto que for preciso porque eu tenho essa flexibilidade, eu estou aberta** para outros ensinamentos e sem essa “neura”: pôxa, estou me desviando do caminho’. Que caminho? **Se o caminho é você ser camaleoa, vai ser camaleoa, deixa a especialização de lado.** A partir do momento que eu deixei essa luta de querer tomar um rumo único, e deixar a coisa fluir, eu sou muito mais feliz como pessoa e como profissional, isso com certeza⁸⁹ (grifos meus).

- **Se alguém te perguntasse: o que você está buscando, o que você pretende, como você se vê daqui a dois anos, três anos; como seria isso?**

- Engraçado você fazer essa pergunta, eu acho que **tenho um lado meio mutante, um lado meio assim... tenho uma inquietude interna que talvez não me permita muito me fechar numa coisa.** Não sei dizer ao certo(...) ⁹⁰

⁸⁹ A trajetória desta informante, de 44 anos, é bem representativa do tipo ideal “parceiro do destino”, pela mobilidade geográfica que vivenciou a partir da época da universidade e pelas diversas atividades que exerceu ao longo de seu ciclo profissional. A trajetória e o perfil de Elisa serão apresentados no 4º capítulo desta dissertação.

⁹⁰ Esta informante tem 36 anos e está na fase de investimento na mudança. É professora de inglês e deseja ser psicanalista. Serão apresentadas mais informações a respeito de Renata no 3º capítulo desta dissertação que engloba uma descrição do conjunto de informantes que compõe o tipo “parceiro do destino” e um perfil dos entrevistados.

Eu tenho **parceria com meu destino**, sim. Nós conversamos intimamente, intensamente (...) Acho que eu fiz uma parceria com o meu destino, acho que a gente tem conversado arduamente, tem negociado algumas curvas... Não vou dizer que eu seja autora, acho que não é por aí (...) Não, acho que eu tenho uma autoria aí, nem que seja uma nota de rodapé, mas tenho uma participação nesta história porque quando não está bom, não está, acho que tenho passado por isso, eu tenho inferido mesmo (...) ⁹¹(grifos meus).

Entre os vinte entrevistados, seis apresentam essa característica mais forte de “aliarem-se” a seus destinos. Neste conjunto, cinco são mulheres, dentre as quais quatro puderam ou ainda podem contar com suporte financeiro dos maridos e pais no processo de mudança. As idades destes informantes são bem variadas: um se encontra na faixa dos 35-40 anos, duas têm mais de 40 e menos de 50 e três estão na faixa dos 50 e poucos anos. O “parceiro do destino” também é o tipo ideal que mais informantes concentra (no caso, cinco) dos que se encontram na fase retrospectiva, ou seja, que já efetuaram a mudança profissional há algum tempo. Talvez para que haja efetiva “sintonia”, “afinação” (para usar uma metáfora de Schutz) ⁹² na “parceria da vida”, seja preciso que o sujeito já tenha experimentado a si próprio e se autotransformado.

Tanto que, do conjunto analisado, apenas uma informante está na fase de investimento na mudança (de professora de inglês para psicanalista), já tendo, no entanto — e por diversas vezes — vivenciado alterações — em seu rumo profissional (pois é formada em História, tem Mestrado em Literatura, trabalhou como bolsista em um projeto acadêmico nesta área, mas desistiu da carreira acadêmica; fez também fotografia por um tempo, logo depois da defesa da

⁹¹ Esta informante tem 50 anos, é engenheira, fez Mestrado em Administração, depois fez psicologia e, atualmente, trabalha nesta área e está cursando um Mestrado em Psicologia Social. Ela encontra-se na fase dos que falam sobre a mudança com olhar retrospectivo. Maiores informações sobre Inês encontram-se na descrição dos entrevistados, no 4º capítulo.

⁹² Consultar, a este respeito, a seção “Comunicação entre Pessoas”, na qual Alfred Schutz discorre sobre a comunicação musical: a relação entre executante e ouvinte, o processo de composição coletiva e a afinação mútua necessária entre comunicador e receptor (1979:208-212).

dissertação). Sua inclusão dentre os que estão mudando de profissão — e não entre aqueles cujo olhar para a mudança é retrospectivo — se justifica uma vez que a profissão que ela de fato exerce é a de professora de inglês: dar aulas — particulares ou em cursinhos — foi sempre sua atividade remunerada mais constante.

O tipo “**planejador**”, por sua vez, é aquele orientado para o seu “projeto” de mudança, entendido aqui — segundo a perspectiva de Schutz (1979) — como uma ação planejada para atingir determinado fim. Esta ação planejada é calculada em termos dos procedimentos necessários (que cursos, que contatos, enfim, quais os passos para se chegar à nova profissão, para sair da zona de “estrangeiro”⁹³ ao grupo profissional aspirado e ser aceito como parte dele, quais os “ritos de passagem” a enfrentar etc.) e em uma previsão do tempo a ser gasto para efetivar a mudança profissional (que, naturalmente, é sempre passível de revisão). O “planejador” tem idéia de onde deseja chegar daqui a três, quatro anos; tem uma estratégia traçada e vai esforçar-se para alcançá-la. Evidentemente, nem sempre consegue atingir os objetivos conforme seu planejamento inicial, mas admite não controlar o fluxo dos acontecimentos que tendem a ser vistos como obstáculos ou facilitadores em relação a seu plano de ação original.

Os informantes do tipo “planejador” diferem-se do tipo “parceiro do destino” por sua preocupação em estabelecer metas a médio e longo prazo. Geralmente, quando decidem investir em uma nova carreira, fazem planos para os próximos anos, ou seja, calculam quanto tempo será preciso para qualificar-se, quanto

⁹³ Estrangeiro entendido aqui no sentido empregado por Georg Simmel (1971), no texto “The Stranger”: não como um viajante, mas como alguém que chega em um determinado dia e permanece em um lugar que não é o seu de origem e no qual não havia sido socializado. Seu papel de estrangeiro configura-se pelo fato de não ter feito parte daquele grupo desde o início, não ter aprendido seu código de princípio mas, ao contrário, ter ali chegado sem referências anteriores, com outro modo de viver e de enxergar o mundo. Por não pertencer àquele grupo, o estrangeiro dele possui um olhar distanciado. Ao mesmo tempo, interage no interior do grupo, assumindo uma determinada posição, situação que lhe torna próximo. Sendo assim, por sua própria condição, o estrangeiro sintetizaria em si a proximidade e a distância .

investimento financeiro será preciso fazer, como irão lidar com o trânsito entre a antiga e a nova profissão, como fazer para abrir as portas da nova profissão etc. Não apenas “vivem”, mas planejam meticulosamente suas vidas. Por este motivo, as pessoas enquadradas na categoria “planejador” estão mais voltadas para o futuro, ao contrário dos informantes do tipo “parceiro do destino”, que encontram-se mais direcionados para o momento presente.

Então eu tenho muito isso de ter um negócio próprio. A psicologia ela oferece essa facilidade de várias maneiras. Eu posso atuar aqui no meu consultório, eu posso... Na verdade, tenho plano de atuar em diversas frentes diferentes em psicologia. A psicologia clínica em consultório, a psicologia hospitalar... Me interessa muito estar atuando em ambiente hospitalar. ***Tudo isso estou falando em paralelo, não é opção de uma coisa ou outra, são coisas que pretendo conciliar a atuação. Quero ligar a psicologia hospitalar à área de pesquisa, emendar um mestrado, assim que acabar a faculdade, na área psicossomática e psicologia hospitalar (...).*** Bom, eu sei qual a linha de pesquisa que eu quero seguir, eu não sei qual o ramo institucional. Vou definir a área que eu quero pesquisar: relacionando religiosidade com sistema imunológico. A parte de cura através da fé; como o sentimento religioso interfere na saúde. É nessa linha que quero seguir. ***A minha monografia, já comecei a escrever. Está cedo, mas já comecei,*** tá claro isso pra mim: qual é a área que quero pesquisar, que quero estudar (...). Estava até falando sobre as frentes que pretendo atuar e acabei não completando a idéia. Então, tem a questão de consultório, psicologia clínica, a questão hospitalar junto com a pesquisa, e tem a questão da consultoria: eu pretendo abrir uma empresa de consultoria e treinamento na área de Psicologia (...) que eu acho que isso é uma maneira que eu tenho de conseguir bons resultados principalmente de remuneração na área de Psicologia, fazendo algo que me dê prazer⁹⁴ (grifos meus).

⁹⁴ Este informante tem 30 anos. É formado em Informática e trabalha em uma multinacional na área de sistemas. Está na fase de investir na mudança de profissão: deseja sair da Informática e ir para a Psicologia, por isto está cursando faculdade à noite. Maiores informações sobre Thomas são encontradas no 3º capítulo desta dissertação.

(...) sou um homem de 47 anos, que vou me formar aos 50. E isso também tem umas possibilidades legais. Eu tive uma “sacação” que não é nada de mais, isso é uma bobagem, mas logo no primeiro ano eu chamei (...) uns cinco amigos lá — que a gente já tinha mais afinidade — e falei: ‘pô, o que a gente vai fazer quando formar?’, isso no primeiro período! **‘Por que a gente não monta um pecúlio para ter alguma grana quando formar?’**. **Eu preciso pensar assim. Eu não posso me formar, fazer estágio, pra daqui a 10 anos começar a funcionar. Eu tenho que funcionar logo depois** (...) Eu tenho 47!⁹⁵. (grifos meus).

É a percepção de que o deslocamento para uma nova atividade profissional pressupõe um alto investimento em vários sentidos (financeiro, de tempo e de estudo) e de que a construção de uma nova carreira demora um pouco, que leva estas pessoas a agirem como planejadores. É este investimento, este planejamento, este esforço e — usando um termo de Becker (1970) — este “comportamento consistente” que lhes confere o sentimento de serem “autores de seu destino”. Naturalmente, isto não quer dizer que não reconheçam os limites de seu “campo de possibilidades” (VELHO, 1999 e 2003) e que suas escolhas fazem parte de uma “situação biográfica definida” (SCHUTZ, 1979), estando circunscritas a um quadro sócio-econômico e cultural.

Me sinto autor do meu destino. Mas, logicamente (...) mesmo sendo autor do meu destino, não é assim ‘eu faço o meu destino independente de tudo’. O tudo faz parte. Então os acontecimentos obrigam você a tomar novos rumos. **Ser autor é poder lidar com os acontecimentos e escrever sua própria história** (grifos meus).

Levando em consideração o total de entrevistas, o tipo “planejador” é o que concentra maior número de informantes. Doze entrevistados, em menor ou maior intensidade, aproximam-se deste tipo ideal em suas características de

⁹⁵ Este informante é publicitário. Trabalha há mais de 25 anos como executivo de contas de veículos de propaganda e, com 44 anos, prestou vestibular para Psicologia. A trajetória de João Carlos será descrita no capítulo 3, centrado na discussão sobre os sujeitos que encontram-se na fase de investimento no processo de mudança.

ação e atitudes em relação à mudança de profissão. Tal aglomeração em torno do tipo “planejador” deve-se, provavelmente, ao perfil definido para os entrevistados: sujeitos que mudaram (ou estão em processo de mudança) de profissão por vontade própria. De certa forma, o recorte temático da investigação acaba por privilegiar a seleção de indivíduos que lidam com a possibilidade de escolha. E, neste caso específico, a escolha recai sobre a mudança profissional, pressupondo um “projeto”, um plano, cujo investimento (dependendo do objeto da escolha) pode dar-se a longo prazo. Além disto, nem sempre é possível fazer a travessia de um “campo profissional” para outro de forma simples. Muitos precisam traçar um plano de migração, durante o qual vão conciliar as duas atividades até, paulatinamente, irem substituindo uma pela outra.

A distribuição dos informantes dentro do tipo “planejador” dá-se da seguinte forma: igual proporção entre homens e mulheres (ambos com seis representantes), distribuição heterogênea pelas faixas etárias (um com menos de 30 anos, três entre 30 e 35, três entre 35 e 40 anos, três entre 45 e 50 anos e dois na faixa dos 50 e poucos anos) e maior concentração daqueles que estão na fase de investir na mudança ou que estão efetivamente “mudando”. Apenas um entrevistado do tipo “planejador” já realizou a sua transformação há bastante tempo, no caso há mais de 20 anos⁹⁶.

O tipo definido como “**navegador sem leme**” caminha para a nova profissão como se fosse “levado pela correnteza”. Os dois informantes (ambos homens e na faixa de 35 a 40 anos, sendo que um em plena fase de mudança e o outro, de retrospectiva da trajetória) que enquadrei na categoria “navegador sem leme” contaram ter chegado à nova carreira meio que por acaso, ou por “ajuda do destino”. Ao contrário daqueles descritos como “parceiros do destino”, não havia em seus discursos um tom de autoria, de assinatura, de responsabilidade sobre a escolha. Ao serem perguntados sobre as razões da mudança, eles não lhe

⁹⁶ Este informante era formado em Engenharia. Tornou-se um importante executivo de uma multinacional e resolveu ser fotógrafo. Maiores informações sobre Javier encontram-se no 4º capítulo desta dissertação.

atribuíam uma razão interna; diziam não saber ao certo ou que “simplesmente aconteceu”. Vale ressaltar, uma vez mais, que a definição dos tipos ideais levou em consideração o discurso dos entrevistados durante a situação específica de entrevista. Essa tipificação não pretende reduzir a complexidade destes sujeitos, tampouco rotulá-los de forma pejorativa. Além disso, devo ressaltar também que as pessoas não falam sobre si com o mesmo entusiasmo e que nem todos os informantes estão “comprometidos” da mesma forma com o projeto de “mudança”.

O “parceiro do destino”, por sua vez, ao falar sobre sua trajetória, mostra-se sintonizado com a vida, aproveitando as oportunidades que ela lhe oferece — muitas vezes olhando para outras direções e virando seu leme em direção a novas descobertas. Reivindica para si o papel de co-autor. O “navegador sem leme”, em seu discurso, demonstra-se tomado pelo acaso, recebendo-o sem questionamentos, sem sentir-se muito responsável pelos rumos de sua vida. Não se vê como autor, nem mesmo como co-autor do processo de mudança.

A expressão “navegador sem leme” foi atribuída a um de meus informantes, por conta de sua atitude com relação à segunda escolha profissional. Na primeira carreira, ele havia desejado — e se empenhado para — formar-se em jornalismo. Sua família (que ele descreve como humilde e sem muita formação escolar) achava que ele não tinha muito jeito para o negócio, pois era tímido e falava pouco. Ele próprio também achava que seria difícil, pois não tinha muita base em português (havia estudado em “colégios fracos”). Mas tinha tanta vontade (quando adolescente assistia a todos os noticiários e sonhava com a profissão) que conseguiu passar para uma universidade, formar-se, estagiar e ser contratado. Trabalhou por vários anos como jornalista em rádios, jornais e emissoras de TV, cobrindo as mais diversas áreas: economia, esportes, cidade etc. Estava trabalhando em uma rádio (emprego do qual gostava bastante, segundo me disse), quando recebeu uma proposta de emprego para ganhar três vezes mais e ter vários outros benefícios. Era uma remuneração que, de acordo

com o entrevistado, “não dava para recusar”. Aceitou, apesar de preferir o trabalho anterior. Outro “ganho” que a mudança profissional lhe proporcionou foi arranjar mais tempo para si próprio (uma insatisfação constante com a profissão anterior), para investir em um esporte, estudar línguas estrangeiras etc. Um belo dia, deparou-se com um anúncio de jornal referente a uma pós-graduação em Educação e resolveu cursá-la.

Durante a entrevista, perguntei-lhe: “mas, afinal, por que Educação?”. Ele me respondeu não saber ao certo. Foi estudar por hobby, para conhecer mais, “porque viu o anúncio no jornal e sentiu vontade”, afinal “tinha tempo”. Acabou tornando-se professor, segundo ele, muito por acidente, por um “empurrão do destino” (de acordo com suas próprias palavras), pois a empresa na qual trabalhava passou por uma reestruturação, fechando o escritório do Rio de Janeiro. Diante disto, ele ficou “desempregado, mas muito bem financeiramente”. Recebeu uma proposta em jornalismo que não lhe agradou. Resolveu, então, continuar fazendo a pós em educação e pleitear um estágio como professor em alguma universidade. Não conseguiu o estágio, mas um emprego. No início, ficou inseguro, não se via como professor.

Mas, conforme seu depoimento: deu-se “super bem com os alunos, super bem com a faculdade. Duas semanas depois, a faculdade já [lhe] estava oferecendo outras matérias; duas semanas depois, [ele] já estava sendo chamado para outra coisa. Seis meses depois já [lhe] tinham oferecido o cargo de coordenador, enfim, foi tudo muito rápido”. Na época da entrevista — dois anos após a saída do jornalismo — ele já não mais se via como jornalista, não procurava nenhuma colocação na área e apresentava-se como professor. Confessava, no entanto, não ter rompido definitivamente com a profissão de jornalista. Meses depois, em uma conversa informal⁹⁷, descobri que ele havia deixado o emprego de professor e voltado a atuar como jornalista. Indaguei as razões para tal fato. Ele me respondeu que foi procurar um ex-chefe em uma emissora de TV e Rádio,

⁹⁷ Este entrevistado fazia parte do meu círculo de conhecimentos.

para pedir estágio para um aluno seu, e ele lhe ofereceu o emprego. Ele aceitou. Disse-me que o salário nem era maior do que o que ele ganhava como professor. Eu perguntei, então, sobre o que o teria motivado e ele não soube responder ao certo.

Na verdade, este informante afirmou, durante a entrevista, não ter “de fato” escolhido a segunda carreira. Ela lhe havia surgido assim, meio que por acaso. Por este motivo, ele não se posicionava como um “parceiro” nesta escolha —daí a sua denominação, “navegador sem leme”. Ao mesmo tempo, sua inclusão como entrevistado nesta pesquisa, deveu-se à possibilidade de retorno ao jornalismo (logo após a sua saída, ele chegou, de fato, a receber uma nova proposta de emprego, que recusou) ou de abandono do papel de professor. Durante o tempo em que lecionou, no entanto, ele demonstrou gostar e disse até mesmo apresentar-se como professor — e não mais como jornalista. Sua não escolha acabou, de certa forma, sendo uma escolha, mesmo que sem a assinatura a configurar tal autoria⁹⁸.

O outro informante enquadrado no tipo “navegador sem leme” é um arquiteto que tornou-se músico. Contou-me, durante a entrevista, também ser oriundo de uma família humilde, sem muita instrução, na qual ele foi o primeiro a conquistar o diploma universitário. Escolheu arquitetura porque desenhava bem e não queria fazer engenharia. Começou a interessar-se por música durante a faculdade (segundo ele, a responsável por lhe abrir os horizontes para a vida). Neste período, conheceu e começou a ter aulas com um reconhecido músico instrumental que foi lhe ajudando, apresentando-o, aos poucos, ao “mundo da música”. Tornaram-se amigos. Cursava a faculdade, fazia estágio e depois corria para o ensaio de música: tudo ao mesmo tempo.

⁹⁸ Esta oscilação entre praticar o jornalismo e lecioná-lo apenas, também é vivenciado por outros jornalistas, conforme depoimento de algumas jornalistas incluídos no livro, “Elas ocuparam as redações”, de Alzira Alves de Abreu e Dora Rocha (2006). Conferir, especificamente, o depoimento de Ana Arruda Callado.

Formou-se na época do Governo Collor e, em arquitetura, só conseguia trabalho como *freelancer*. Com relação à música, começou substituindo o amigo músico e tocando com vários músicos conhecidos. Quando percebeu, já era um profissional. Segundo ele me disse, não ficou “gramando como os seus colegas”. Meu informante narra esta passagem – e outras de sua vida – de forma bastante “natural”, como se o destino tivesse se encarregado de conduzi-lo por aquele caminho, como se tudo não passasse de um simples “golpe de sorte”. Ele não assume sua autoria na escolha, entendendo-a como parte do “projeto da vida” e não de seu próprio projeto.

Quando indaguei se ele teria optado pela música, caso o mercado da arquitetura tivesse mais aquecido, obtive a seguinte resposta: “Tem gente que fala que a música a gente não escolhe, ela que escolhe a gente. Então, mais cedo ou mais tarde, ela vem. Ou você vai ficar uma pessoa meio maluca, meio frustrada por não ter entrado nela ou, um dia, você cede. Se for pensar por aí, um dia ela ia aparecer de novo”.

Ao contrário do que acontece com os outros tipos ideais analisados – especialmente o “planejador” – cujas ênfases discursivas recaem sobre a vontade e a ação, encontram-se, predominantemente, em seu relato, expressões do tipo “não sei”, “aconteceu” e “foi assim” que não indicam um empreendimento orientado para determinado fim, uma “assinatura de escolha”.

Resumidamente, ***sei lá***, eu estudei Arquitetura, trabalhei um pouco como arquiteto, estudei música. E o mercado da música me recebeu melhor do que o mercado de Arquitetura. E acabei tendo mais sucesso na música do que na Arquitetura. ***E acabei indo por ela sem escolher, naturalmente, sem fazer essa decisão. Deixei a coisa ir sozinha [...] pra que lado ir e foi pra lá.*** E acho que no mercado de música, eu sou uma pessoa bem sucedida. ***Dei sorte, fui abençoado, as portas se abriram pra mim*** (...) (grifos meus).

Na trajetória dos informantes, a forma de lidar com o deslocamento na carreira pode se dar de maneiras distintas. Percebem-se sentimentos e sensações diferenciados com relação ao projeto da nova profissão. Alguns dentre eles simplesmente “fechavam um ciclo” (palavras suas) e partiam para uma nova atividade, sem a preocupação em conciliá-la com a antiga. Muitos até deixavam a antiga carreira, antes mesmo de terem ingressado na nova. Outros já preferiam ir experimentando aos poucos, conciliando as duas atividades e, com o tempo, abrindo mão da primeira para dedicar-se à segunda – ou por uma questão de segurança financeira ou por temerem que o novo caminho não fosse tão bem sucedido.

No entanto, entre os que fechavam um ciclo e partiam para outro, nem todos partilhavam de sentimentos semelhantes em relação à mudança. Para uns, o fechamento do ciclo não significava uma ruptura com o passado, mas o descobrimento de um novo caminho, integrante de um processo de autotransformação e de construção pessoal, no qual a profissão se insere como uma das formas possíveis de auto-expressão. Outros, no entanto, preferiam ressaltar a ruptura e o total desencantamento com a atividade anterior⁹⁹.

Independente do sentimento e da atitude com relação à mudança, ela é, no entanto, sempre positivada, vista como inerente ao processo de autotransformação – como se a nova atividade fosse mais condizente com o **Self**, combinasse melhor com as “metamorfoses”¹⁰⁰ internas dos informantes. Vários declararam estar caminhando na direção de um trabalho que “tenha mais a ver” com o seu “eu”, que o “expresse melhor”, que “amolde-se” melhor à sua

⁹⁹ A discussão sobre ruptura ou continuidade será melhor explorada no 4º capítulo desta dissertação.

¹⁰⁰ Conceito de Gilberto Velho (2003) que indica uma possibilidade constante de trânsito e de reconstrução do sujeito, ao atuar em múltiplos planos, mover-se por diversas “províncias de significado” (SCHUTZ, 1971, 1979) e representar diversos papéis. Na apresentação de seu livro, *Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas* (opus cit.), Velho declara ter buscado inspiração no poeta Ovídio que, em sua obra mais conhecida, *As Metamorfoses*, descreve a mutação e transmutação de diversos elementos da natureza – seres humanos, vegetais, minerais, estrelas, rios etc. – mas sempre preservando algum vestígio do estágio precedente (idem:8).

personalidade. Ser feliz é um valor fundamental para estes entrevistados, sendo assim, o trabalho deve ser um canal por intermédio do qual o indivíduo possa realizar-se individualmente e, conseqüentemente, obter satisfação.

Nós nascemos para sermos felizes (...) Por trás disso tudo tem o aspecto de ser feliz. Então o trabalho tem que fazer você feliz, a relação afetiva tem que fazer você feliz, se não estiver fazendo você feliz, você tem que estar buscando isso. E por isso eu acho que não é uma busca da profissão, **é uma busca pelo bem-estar** (grifos meus).

A única obrigação nossa nesta vida é buscar a felicidade.

Vale ressaltar, no entanto, que a valorização da mudança também indicaria um certo “compromisso de modernidade” (ver HEILBORN, 2004), uma sintonia dos entrevistados com o modelo individualista e psicologizado contemporâneo, segundo o qual é socialmente desejável que o sujeito tenha um projeto, que não tenha medo de mudar e saiba lidar com as crises, delas saindo “inteiro” e mais “forte” emocional e moralmente.

Na mídia impressa¹⁰¹, circulam inúmeros discursos que destacam a capacidade de transformação como uma qualidade individual a ser conquistada, essencial

¹⁰¹Sobretudo em revistas especializadas em profissões, como a Você S.A, da Editora Abril. Também são freqüentes em cadernos suplementares de jornais, como o Boa Chance, do jornal O Globo, matérias com depoimentos de pessoas que mudaram de carreira. O artigo “Sucesso e a paixão faz a diferença” foi capa da Você S.A, em agosto de 2002, configurando um ótimo exemplo desta valorização da busca da felicidade na profissão, em detrimento da “segurança”. A matéria em questão sustenta que os profissionais apaixonados pelo que fazem têm mais chances de serem economicamente bem sucedidos do que aqueles que optam por uma profissão pelas vantagens econômicas que teoricamente oferece. Traz, inclusive, depoimentos de pessoas que trocaram suas carreiras promissoras, em profissões tradicionais, por outras consideradas menos “seguras” e que, após um certo tempo, foram muito bem sucedidas. A explicação para tal êxito recaí sobre o fato de terem “ouvido a sua vocação”, nela acreditado e privilegiado a paixão – e não a “promessa” de uma maior segurança financeira – na escolha do trabalho. O Caderno Boa Chance, do Jornal O Globo, trouxe, em 22 de novembro de 2002, a matéria “Na hora da virada. Como fazer para começar nova carreira no meio da vida profissional”, na qual oferecia ao leitor algumas dicas e exemplos de transformações bem sucedidas. Em matéria publicada em 21 de dezembro de 2003, intitulada “Mudar rumos da carreira traz riscos. Mas pode valer a pena”, cujo subtítulo era “experiência anterior ajuda profissionais a encarar novos desafios”, defendia a mudança de carreira motivada pela paixão e

para que o sujeito seja bem sucedido. De certa forma, a flexibilidade e a criatividade passam a ser os atributos mais desejados no mundo do trabalho. A promessa de segurança e a “narrativa de longo prazo” (ver SENNETT, 2004¹⁰²) já não são mais oferecidas pelo emprego. Meus entrevistados, por intermédio de seus projetos de reinvenção na carreira, conseguem de alguma forma transitar por esta “falta de garantia”, esta “liquidez” da modernidade (ver BAUMAN, 2000¹⁰³), dela beneficiando-se, reivindicando para si o papel de “sujeitos” e descrevendo-se a partir dos atributos de coragem, autenticidade, flexibilidade e adaptabilidade sem se colocarem, em momento algum, na posição de vítimas.

(...) na verdade, eu não fecho porta para nada, não tenho a menor resistência à mudança. Acho que cada dia que passa o mundo se apresenta para você de um jeito. E você não pode estar estático.

pela experiência. . Em março de 2004, publica a matéria “De hobby a profissão. Quando o profissional começa uma atividade por lazer e descobre uma nova vocação”. Estes são apenas alguns exemplos de artigos publicados na mídia impressa, selecionados meio que por acaso, em uma leitura de jornal ou revista, por eles a discussão sobre a valorização da mudança na vida social contemporânea. Evidentemente, não tenho a intenção de fazer aqui um levantamento exaustivo de todos os trabalhos surgidos nos últimos tempos, que enfocam esta questão.

¹⁰² Em *A Corrosão do Caráter*, Richard Sennett reflete sobre as mudanças em curso na atual fase da modernidade, sobretudo no âmbito do trabalho. Para este autor, a “flexibilidade” demandada pelo novo mundo do trabalho, ao invés de propiciar mais liberdade e livrar o indivíduo da burocracia, acaba impondo novos controles e tem, principalmente, efeito desorientador sobre o “caráter pessoal” – entendido pelo autor como “traços pessoais que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem” (Sennett, 2004:10). A meu ver, as opiniões de Sennett sobre a atual fase do trabalho na sociedade ocidental são um tanto sombrias e pessimistas. Não que eu acredite que todas as pessoas tenham condições (sobretudo financeiras e de escolaridade) e desejem, efetivamente, reinventar suas carreiras. Acredito, no entanto, que a atmosfera “fluida” e a liquidez (BAUMAN, 2000) contemporânea facilitem o exercício da liberdade e possibilitem um projeto de “individualização” entre aqueles que possuem “capitais econômicos e educacionais” para tanto. No presente trabalho, os informantes valorizam e gostam da possibilidade da mudança, mesmo conscientes de que tenham de “pagar um preço” para terem êxito.

¹⁰³ Bauman inicia o livro *Modernidade Líquida* propondo a “fluidéz” e a “liquidez” como metáforas para descrever a atual fase da modernidade. O autor define “fluidéz” como uma característica dos líquidos e dos gases sendo, portanto, distintiva dos sólidos. Enquanto os líquidos adquirem a forma de qualquer recipiente e estão sempre aptos a se metamorfosearem, os sólidos não mudam, a menos que sejam derretidos. O líquido move-se com rapidez, sendo flexível por sua própria constituição.

3.2 - Um mergulho dentro de si: a mudança como uma forma de singularização.

Naturalmente, essa busca pela “essência do eu” é muito influenciada pelo “movimento psi” e pela “psicologização” da sociedade – ocorrida no Brasil após a década de 70, entre as camadas médias urbanas – e por sua fase subsequente representada pelas “terapias alternativas”, “filhas da contracultura”. O conjunto denominado “terapias alternativas” abriga práticas diversificadas: desde as terapias corporais – que deslancharam na década de 80, mais ou menos influenciadas pela organoterapia de Reich (ver RUSSO, 1993 e 2002)¹⁰⁴, até as práticas da “Nova Era”, cuja proliferação deu-se na década de 90, abrigando em um mesmo “caldeirão” yoga, meditação, tai-chi-chuan, florais de Bach e estudos esotéricos como cabala, astrologia¹⁰⁵, tarot, budismo, taoísmo etc. (MAGNANI, 2000)¹⁰⁶.

De acordo com Russo (1993), o “boom psicanalítico” produziu uma “visão de mundo” e um “estilo de vida” baseados nos pressupostos do autoconhecimento,

¹⁰⁴ Jane Russo, em sua tese de doutorado publicada em livro – intitulada *O corpo contra a palavra* (1993) – discute profundamente o processo de individualização e a trajetória das práticas “psi” no Brasil. Segundo a autora, o “boom da psicanálise” ocorreu nos anos 70, nos centros urbanos, entre as camadas médias. Em um segundo momento, surgiram as terapias pós-psicanalíticas (termo de Castel, apud Russo) ou “alternativas”: o “complexo alternativo” que engloba as terapias corporais (objeto de estudo do livro em questão). Russo define “complexo alternativo” como “um conjunto de práticas alternativas à terapêutica tradicional da medicina e das psicologias científicas, que se vinculam a todo um **modo de vida** alternativo” (opus cit.:9-10). Neste livro, a autora identifica, ainda, o movimento lacaniano como a primeira iniciativa em quebrar a “ditadura da psicanálise”, do monopólio da difusão da cultura psicológica pela psicanálise (idem: 11). No livro *O mundo Psi no Brasil* (2002), da coletânea *Descobrimo o Brasil*, Russo descreve o processo de difusão do “mundo psi” em nosso país, focalizando tanto a perspectiva de seus profissionais e instituições, como a aceitação desta práxis e a incorporação de sua terminologia pela população urbana brasileira.

¹⁰⁵ Em relação à astrologia, ver também *O mundo da Astrologia. Estudo Antropológico*, de Luís Rodolfo Vilhena (1990). Vilhena demonstra como o estudo da astrologia é vivenciado por seus informantes como uma forma de autoconhecimento, de lidar melhor com o mundo e com as pessoas. Entre os meus entrevistados, vários disseram ter feito mapas astrais para conhecerem-se melhor.

¹⁰⁶ Magnani (opus cit.) alerta, no entanto, que não existe um “sistema único” entre os adeptos da Nova Era. Há uma certa transitoriedade de uma prática para outra entre os praticantes, sendo o compartilhamento de gostos e inquietações e a crença em um princípio energético, regulador do equilíbrio interno, o que lhes conferiria unidade. As práticas “nova eristas” configurariam uma forma de ajudar a fruição energética no sujeito praticante, expandindo a consciência, harmonizando e deixando brotar a “essência interior” (idem:50-53).

e que se expressariam, também, na incorporação de jargões do universo “psi” na linguagem cotidiana das camadas médias urbanas. O “mergulho” para dentro de si passa a emprestar sentido aos sujeitos analisados e a nortear suas metamorfoses e escolhas de caminhos — inclusive o profissional.

Os “complexos alternativos” e as terapias da “Nova Era” aprofundaram esta “visão de mundo” baseada no autoconhecimento. As práticas alternativas são procuradas por seus adeptos como uma possibilidade de melhoria na qualidade de vida, cultivo interior e expansão da consciência. Incluem, também, uma concepção holística que visa trabalhar, de forma harmoniosa, com todas as dimensões do sujeito: física, emocional, mental e espiritual (MAGNANI, 2000:55-56).

Russo (1993 e 2000) e Magnani (2000) lembram que o contexto político do Brasil, na década de 70 – época do regime militar – e as transformações modernizadoras que estavam em curso no âmbito social – “desestabilização dos modelos tradicionais de família”, dos papéis de gênero e relativa ao comportamento entre gerações (RUSSO, 2000:42-43) – influenciaram este “cultivo de si”, a “interiorização” do sujeito. Alertam, no entanto, para o fato de que o estilo de vida, marcado pelas práticas ‘psi’ e alternativas, não pode ser lido apenas como consequência da “despolitização” e modernização, sob pena de empobrecimento da análise. A criação de uma “cultura psi” é mais do que um “modismo”, um efeito da “globalização” ou de um contexto de época, mas uma nova forma de se relacionar consigo e com o mundo.

Nas palavras de Magnani (2000:40):

Alguns estudiosos estabelecem uma relação entre este aspecto da Nova Era e determinadas características que julgam próprias da época atual, consequências das transformações induzidas pela modernidade, como o individualismo, o descrédito nas instituições e nas ideologias e o retraimento da esfera pública em favor do âmbito privado. Por outro lado, a presença de uma cultura psicológica entre as camadas médias a partir

dos anos 70, em função da difusão da psicanálise e, posteriormente, de outros métodos terapêuticos, levou muitos de seus membros a continuar na trilha do autoconhecimento, assumir a sacralização do seu mundo interior e investir em formas de aprimoramento das potencialidades pessoais também nesta perspectiva. A disseminação de práticas e terapias corporais, por sua vez, abriu espaço para maiores cuidados com o corpo e com a alimentação, bem como para a sensibilidade e as emoções.

Gilberto Velho, em *Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia* (1998) – livro originado de sua tese de doutorado, defendida na USP, em 1975 – pesquisou moradores das camadas médias urbanas da Zona Sul do Rio de Janeiro, com o objetivo de analisar o “ethos” e a “visão de mundo” desses grupos – consumidores regulares de entorpecentes – e como classificavam os sujeitos a partir do uso e da relação com estas substâncias¹⁰⁷. Neste estudo, Velho identifica um grupo mais amplo – com cerca de 25 indivíduos – pertencente à roda intelectual-artística-boêmia do Rio de Janeiro, definindo em seu interior um sub-grupo – por ele denominado “vanguardistas-aristocratizantes” – por seu perfil mais aristocrático (indivíduos oriundos de famílias bem situadas financeiramente e possuindo educação formal superior) e vanguardista (por valorizarem as expressões artísticas, especialmente o cinema e enfatizarem a criatividade, a capacidade intelectual e abertura para o novo). Este sub-grupo faz uso dos entorpecentes como agentes de liberação e ruptura com o caráter repressivo social, além de fonte de autoconhecimento.

Os “vanguardistas-aristocratizantes”, pesquisados por Velho (1998), tinham o indivíduo como referência, valorizando, desta forma, a psicanálise como instrumento de autodescoberta e de conhecimento interior. Buscavam uma vida autêntica, a livre expressão de suas emoções e a singularização. A mudança de

¹⁰⁷ Como o próprio autor chamou a atenção na Introdução de seu livro, embora exista uma enorme diferenciação entre os indivíduos que consomem tóxicos com regularidade – seja com relação ao tipo de tóxico utilizado, à faixa etária ou ao estilo de vida – a ilegalidade do uso destas substâncias define uma característica comum aos pesquisados (1998:13-15).

vida era outra questão positivada e, mesmo, bastante freqüente. A psicanálise e as drogas constituíam os potencializadores da expansão de consciência que levava ao novo, a uma nova conduta em diversas esferas da vida: na afetiva (terminar uma relação, um casamento ou começar um novo), na profissional (trocar de ou abandonar a antiga carreira – muitas vezes uma ocupação melhor remunerada – em busca de uma atividade mais “prazerosa” e criativa), na apresentação de si (seja em termos do estilo de se vestir ou a obtenção de um padrão corporal considerado mais atraente, no caso, “esbelto”). “O grupo definia-se como orientado para a mudança” (opus cit.:63) e “dentro do tema *mudar de vida*, a [psic]análise era fundamental” (idem.:32).

Com relação à mudança profissional, a questão que se colocava para os entrevistados de Gilberto Velho era a da busca da verdadeira “vocação”, que fosse mais condizente com os anseios do sujeito. Para obter esta auto-realização, eles abriam mão da segurança financeira. Tratava-se de uma escolha consciente e voluntária na qual trocava-se a estabilidade pela satisfação pessoal. O autor menciona, a este respeito, o caso de dois informantes: um economista que trabalhava como diretor de uma empresa da família e que deixou o cargo para dedicar-se à fotografia –necessitando, para tanto, reduzir o seu padrão de consumo (e o de sua família), sem, no entanto, passar por privações. O outro caso é o de um advogado que deixou seu emprego para tornar-se cineasta, passando a enfrentar dificuldades financeiras. Ainda assim, ele não admitia retornar à advocacia, tendo juntado todo seu dinheiro para empreender uma imersão cinematográfica na Europa.

Como vimos, no presente trabalho, a mudança também aparece como um valor positivo: os sujeitos que estão em processo de mudança ou já que alteraram sua representação profissional também valorizam a “dinâmica” da transformação, principalmente quando relacionada a uma demanda por singularização e expressão individual provocadas pelo processo de autoconhecimento. Aqui também enfatiza-se a necessidade de encontrar uma atividade que seja a

extensão deste sujeito, a descoberta da “verdadeira vocação”, algo que seja feito com tanto prazer, que configure quase um prolongamento do lazer e não um “trabalho” propriamente dito; como algo que se faça por paixão, e não visando a troca mercantil.

Todos os entrevistados, nesta pesquisa, relatam a necessidade de sentirem-se felizes, de terem muito prazer com o que fazem, de não encararem sua atividade profissional como um “fardo”. Querem, segundo eles mesmos, “ficar decepcionados porque chegou a hora de ir embora, ao invés de ficar o tempo todo olhando e contando quanto tempo falta para poder ir embora”. Para estes pesquisados, a felicidade passa, fortemente, pela realização profissional. Se estiverem satisfeitos com o trabalho realizado, ficam tristes, infelizes e, às vezes, até mesmo deprimidos. De acordo com um dos informantes, “se você não está feliz com o que você faz, você não consegue colocar a sua marca em nada, porque antes de tudo você precisa estar confortável”.

O trabalho opera, assim, como uma marca identitária¹⁰⁸, uma “segunda pele” que deve ajustar-se à trajetória e ao estilo do sujeito. Daí a necessidade de buscar uma nova representação profissional para si quando esta “segunda pele” já está desgastada, não aderindo mais às “formas do corpo”, devido às suas transformações internas e externas. Uma expressão emblemática foi proferida por um dos entrevistados, quando lhe perguntei o que representava a segunda profissão escolhida. Ele respondeu que ela “tinha mais a ver” com ele e que lhe “vestia” melhor.

Os relatos dos informantes desta pesquisa – assim como observado nas etnografias de Velho (1998) e Russo (1993) – apontam também para pessoas reflexivas, preocupadas com o autoconhecimento e a harmonização do “Self”.

¹⁰⁸ O conceito de identidade, definido por Strauss em *Espelhos e Máscaras*, (1999), centra-se no julgamento, na concepção, na imagem que uma pessoa tem de si mesma e que é formada na interação entre o autoconceito e o conceito alheio. Daí a metáfora do título com o uso de máscaras (representando a “persona” adotada) e de espelhos (pelo fato dos indivíduos também verem-se refletidos no espelho dos julgamentos alheios).

Os discursos proferidos delineiam indivíduos em estado de vigília, preocupados com a observação e a consciência de si e perguntando-se sempre sobre os seus “reais” desejos e sobre o papel desempenhado por suas buscas.

A maioria dos entrevistados declara-se, de alguma forma, influenciada pelas práticas terapêuticas psicológicas e “alternativas”. Dentre os vinte pesquisados, doze fizeram ou fazem terapia visando o autocultivo e o autoconhecimento e atribuem à prática analítica, o processo de autotransformação vivenciado. Alguns são “analisandos” por anos a fio – uma das informantes há 23 anos! E muitos deles incorporaram em sua linguagem cotidiana expressões e jargões psicanalíticos como “superego”, “ato falho”, “surto”, “ego”, “impulsos narcisistas” etc. Há também aqueles que interromperam a terapia em algum momento de suas vidas (quatro entrevistados), não por descreditarem no método, mas por considerarem que suas questões já estavam encaminhadas.

Todos os que experimentaram o processo analítico, no entanto, consideram-no uma das principais molas propulsoras da busca por “felicidade”, qualidade de vida, “autenticidade”, novos horizontes – que, no caso dos entrevistados desta pesquisa, passaria por deslocamentos na atividade profissional. Alguns informantes mencionaram estar deprimidos, na época em começaram a fazer terapia, e que a análise os teria ajudado a enxergar novos caminhos – a idéia de mudar de profissão tendo começado ou “ganhado forma” ali. Muitos, inclusive, influenciados pelas terapias psicológicas, resolveram abraçar (ou estão investindo no processo de mudança para) a profissão de psicólogos ou psicanalistas (caso de oito entrevistados)¹⁰⁹.

¹⁰⁹ Dentre estes oito entrevistados, cinco estão na fase de investimento na profissão, dois estão em pleno processo de mudança (já trabalhando como psicólogos, embora em alguns casos ainda conciliando a nova atividade com a antiga profissão, por questões financeiras) e um já atua em psicologia há algum tempo (tendo clinicado, dado aulas e se especializado em orientação vocacional). Apenas uma entrevistada desistiu de fazer faculdade de psicologia (embora tenha começado a cursá-la), preferindo investir na formação psicanalítica por outros meios, em cursos como a Letra Freudiana ou o Círculo Psicanalítico.

Vale ressaltar a grande procura pela psicologia como segunda carreira pelos entrevistados desta pesquisa. No total de vinte informantes, oito escolheram a psicologia ou a psicanálise como “sua” atividade, a que mais teria a ver com seu momento e situação de vida¹¹⁰. Haveria, ainda, pelo menos dois informantes que chegaram a pensar em psicologia quando estavam em dúvida sobre que profissão abraçar, mas acabaram optando por outras atividades¹¹¹. No meu entender, este interesse pelo campo “psi” está relacionado, ao que Jane Russo (1993) já havia observado: a possibilidade de dupla construção e invenção que a psicologia oferece, a de ser uma atividade profissional, mas também atender a um apelo existencial. Assim, a escolha de vida e a profissional mesclam-se e reforçam-se mutuamente.

Além disso, a grande maioria dos entrevistados está, de certo modo, relacionada a alguma prática – seja ela psicanalítica ou ligada às terapias alternativas, como loga, tarô, Florais de Bach, taoísmo etc. – que propicie coerência interna e sentido para sua ação. Três entrevistados contam ter procurado alguma das atividades da “Nova Era” – como forma de harmonização pessoal ou como um hobby – e, ao final de certo tempo, a ter convertido numa nova profissão¹¹². Outros dois entrevistados, apesar de não estarem diretamente

¹¹⁰ Naturalmente, as trajetórias destes oito entrevistados (que serão apresentadas nos capítulos subseqüentes) são bastante diferenciadas. Eles são oriundos de profissões distintas (engenharia, economia, letras (inglês), administração de empresas, informática e publicidade), vivenciaram experiências diferentes e, conseqüentemente, possuem planos diversos para a atuação profissional em psicologia. Cada entrevistado privilegia uma linha de trabalho diferenciada (Jung, Cognitiva, Psicanálise freudiana, Lacan etc.) e manifesta interesse por objetos de estudo – atuais ou futuros – diversificados (dor, morte, orientação vocacional, linguagem).

¹¹¹ Um dos entrevistados, um advogado insatisfeito com a profissão de escolha, considerou a Psicologia muito restrita – excessivamente limitada pela relação terapeuta-analisando – tendo optado pela área de Marketing. A outra informante, uma economista que tornou-se taróloga e terapeuta floral – e que, no momento da entrevista, era recém-formada em design de interiores – disse ter chegado a pensar em cursar psicologia, após um tempo atuando como taróloga e terapeuta floral, pois alguns clientes choravam, pediam conselhos. Nesta ocasião, chegou a cogitar se a psicologia não seria a profissão para a qual teria mais vocação, mas se achava muito velha para iniciar uma outra faculdade – e o contato com o outro, de alguma forma, já lhe era dado pelo tarô e pela terapia floral.

¹¹² Caso de uma enfermeira que tornou-se professora de loga, de uma economista que virou taróloga (mencionada na nota anterior) e de uma engenheira que, antes de tornar-se psicóloga, fez Mestrado em Administração, elaborando mapas astrais durante o curso para complementar a

associados a práticas alternativas ou psi, de alguma maneira encontram-se também conectados ao “modo de viver” da Nova Era, no sentido de terem abandonado suas antigas carreiras para dedicarem-se a atividades sociais (ligadas à inclusão social), buscando por intermédio deste novo trabalho, uma maior sintonia com a comunidade – também traduzida em maiores satisfação pessoal e harmonia interior.

Magnani (2000:52-53) afirma que a multiplicidade de práticas e fontes (esotéricas, religiosas, terapêuticas) da Nova Era pode ser lida através de uma “gramática” cuja figura-modelo seria um triângulo: em um dos vértices está o indivíduo¹¹³; no outro, a totalidade (o cosmos, o absoluto) e, no terceiro ponto, a comunidade. Logo, trabalhar em um projeto comunitário significa, de certa forma, estar circunscrito ao interior desta “gramática”. Nas palavras de uma informante que formou-se em engenharia, cursando depois psicologia – e que confessou também ter sofrido influência da filosofia taoísta na construção de sua carreira e nas escolhas que determinaram seu caminho:

Eu aprendi com as crises (...) Eu vejo como uma oportunidade. Acho que porque sou taoísta, então tem uma coisa do caminho (...). No taoísmo, o caminho é construído diariamente.

Concluindo o capítulo, apesar da atitude, do sentido e da intensidade em relação à mudança variarem de um entrevistado para outro – e também relacionarem-se ao momento e à situação de vida de cada um deles – a transformação é sempre positivamente valorada. Mudar é desejável por ser sinônimo de renovação

sua renda. Essa entrevistada era também taoísta e usava seus ensinamentos como filosofia de vida.

¹¹³ Russo (1993) chama a atenção – utilizando-se, para tanto, de artigos de Sérvulo Figueira – para o fato de a psicanálise só ser factível dentro de um contexto em que o indivíduo seja o centro e um valor fundamental. Na realidade, a psicanálise não postula a individualização; ao contrário, ela nega conceitualmente o ego consciente, considerando-o uma ficção que deve ser “desmascarada” pelo exercício psicanalítico. A verdade do sujeito, para a psicanálise, reside no inconsciente. Ela, no entanto, acaba singularizando, levando cada analisando a viver sua história de vida, a contar seu “mito individual”. Acaba, portanto, individualizando, ainda que – em teoria, ao menos – negue a ideologia individualista.

pessoal. Mudar é bom porque propicia ao sujeito a assunção de uma identidade que melhor lhe represente. E mudar é positivo porque faz parte de um processo de individualização – no sentido psicológico, de autocultivo e autoconhecimento.

Em relação às mudanças profissionais, as escolhas refletem o “self” do entrevistado – como ele está se sentido, quem ele é naquele momento determinado. A opção recai sobre uma atividade que combine com seu estilo de vida, que lhe dê prazer, que tenha “a ver” com o seu “verdadeiro” eu. Encontramos nas entrevistas quatro direções de mudança: 1) aquela relacionada ao autoconhecimento, percebida em todos os que se direcionaram às práticas psicológicas e alternativas; 2) aquela voltada para a necessidade de ajudar o próximo, presente nos relatos dos entrevistados que migraram para atividades sociais e na maioria dos que optaram por psicologia ou práticas da Nova Era; 3) aquela relacionada à criatividade, relatada entre os que se dedicaram à música em algum momento ou a adotaram como profissão, e entre os que escolheram atividades relacionadas a arte/design, marketing ou fotografia; 4) aquela voltada para o aprimoramento intelectual, preocupação contida no discurso dos que optaram pela carreira acadêmica ou que ainda pretendem aprimorar-se nesta direção – caso de alguns dos que escolheram psicologia.

4 – CAPÍTULO 3: Fabricando uma nova profissão: experimentando o processo de mudança

Para se conhecer alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para estas pessoas, dependendo da medida que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências.”
Norbert Elias, 1995.

A reflexão sobre o processo de mudança é o tema deste 3º capítulo. Privilegiarei os depoimentos dos entrevistados que estão em plena fase de mudança, vivenciando, experimentando a transição. O conjunto analisado é composto por treze entrevistas, sub-divididas em dois grupos: 1) os que ainda estão construindo seus alicerces para efetuarem o deslocamento profissional, dentro de um tempo planejado – que pode variar de seis meses a cinco anos – 2) os que se encontram em trânsito para a nova profissão, já tendo acabado sua formação e já exercendo a nova atividade – ainda que, em vários casos, por questões financeiras, precisem conciliar a nova e a antiga carreiras. Naturalmente, há um certo grau de arbitrariedade nesta definição da “fase de mudança” profissional. Um dos integrantes do grupo dos que estão na fase do investimento na nova carreira, por exemplo, já havia mudado algumas vezes seu interesse profissional. Sua inclusão neste conjunto deveu-se à percepção de que os deslocamentos até então efetuados, estavam mais relacionados aos estudos – e não propriamente ao trabalho exercido.

4.1 - Um resumo da trajetória dos que vivenciam o processo de mudança

Começo descrevendo as principais características das trajetórias destes treze informantes¹¹⁴ em processo de mudança, por ordem de idade, no período em que foram realizadas as entrevistas:

Grupo 1: Construindo a mudança, investindo na nova carreira

1. Fabio, 28 anos (o entrevistado mais jovem da pesquisa), oriundo de uma família de classe média, pais separados, pai militar, mãe professora e bibliotecária – que depois prestou concurso público mas, segundo ele, continuou a não ser bem remunerada. Fabio é solteiro, mas mora com a namorada (que está estudando para concurso) na Zona Sul, em apartamento próprio. Trabalha como advogado há cinco anos. Morou em Londres, após a morte de sua mãe. Esta experiência lhe fez repensar sua relação com o Direito. A decisão de ir para Londres foi motivada por curiosidade e ele acabou ficando por um ano. Durante este tempo, pediu licença não remunerada de seu emprego no Brasil e trabalhou em um coffee-shop, na Inglaterra. A vivência no exterior e a experiência em relacionar-se com outras culturas, além do atendimento a um público bem diverso, o fez repensar sobre a carreira de Direito, que considerava muito solitária e “pouco ética”. Ao retornar ao Brasil, ainda tentou continuar a investir na profissão, fazendo uma especialização em Direito Comercial. Constatou que aquele assunto não mais lhe despertava interesse. Deseja “largar” a advocacia para trabalhar em Marketing, área em que cursou uma pós-graduação e pela qual se encantou. No entanto, mesmo aceitando trabalhar inicialmente de graça, ainda não conseguiu entrar no “campo” da profissão desejada.
2. Thomas, 30 anos, solteiro, oriundo de uma família de classe média de origem estrangeira, morador da Tijuca. Cursou Informática e trabalha,

¹¹⁴ Conforme mencionado anteriormente, os nomes dos informantes foram trocados para preservar sua privacidade. As idades não foram atualizadas, mantive as apresentadas na época de realização das entrevistas

desde então, nesta área, considerando-se bem sucedido profissional e financeiramente. No entanto, apesar de ter sido a possibilidade de crescimento profissional e de ganho financeiro o que levou Thomas à Informática, após algum tempo exercendo a atividade, ele percebeu que sua satisfação pessoal não passava apenas por dinheiro e prestígio. Precisava, de acordo com suas próprias palavras, de uma profissão que lhe desse “qualidade de vida”, “realização pessoal”, enfim, algo que efetivamente o “apaixonasse”. Tentou mudar de área dentro da Informática, fez diversas especializações, mas tal movimento apenas evidenciou que não era, de fato, “apaixonado” pela profissão que exercia. Resolveu resgatar um antigo interesse de adolescência (disse ter lido diversos livros de psicologia na adolescência, estimulado por uma tia que era psicóloga). Tal vontade de fazer alguma coisa que lhe satisfizesse – e que, ao mesmo tempo, pudesse ser útil para outras pessoas – ficou mais evidente depois de um trabalho como voluntário no INCA (Instituto Nacional do Câncer) em que lidou com pacientes terminais. O “projeto” de Thomas consiste em continuar trabalhando em Informática – em uma empresa – até a formatura (o que deveria levar mais uns três anos e meio para acontecer) e, depois disso, conciliar consultoria em “tecnologia” (para garantir seu sustento), com a atuação em psicologia nas áreas clínica e hospitalar – além da intenção de abrir uma empresa em consultoria e treinamento, setor de melhor remuneração na área de psicologia. Thomas diz que não ter medo de tornar-se autônomo no futuro porque sempre teve muito forte um lado empreendedor. Também deseja continuar estudando Psicologia. Pretende, após formar-se, tentar um Mestrado e já tem até em mente seu objeto de pesquisa: a questão da morte sob o prisma da Psicologia.

3. Marcelo, 34 anos, morador da Zona Sul, solteiro, oriundo de uma família de classe média. O pai possuía negócios na Região Serrana, onde Marcelo residia até a entrada na faculdade. Marcelo formou-se em Economia. No início, estagiou na área financeira, mas depois direcionou

sua carreira dentro de empresas para a área comercial, que lhe era familiar (ajudava o pai desde criança em suas lojas) e da qual gostava. Planejava retornar à sua cidade natal para trabalhar com o pai, só que o mesmo vendeu seus empreendimentos, antes que tal desejo se concretizasse. Marcelo chegou a ter, por alguns anos, um negócio próprio, mas como não tinha capital suficiente para expandi-lo, resolveu passá-lo adiante, tendo voltado à rotina nas organizações privadas, como funcionário. Após isso, resolveu ingressar em um mercado bastante promissor, na época (últimos anos da década de 90), o de telecomunicações¹¹⁵. Por ocasião da entrevista, Marcelo já havia trabalhado em três diferentes empresas no setor de telecomunicações, nas funções de operações/atendimento, comercial e por último, em Marketing. Menciona não ter gostado de trabalhar nesta última área, embora aparentemente sua transferência para ela tenha sido vista como uma promoção. Não se identificou com as pessoas e não gostava da rotina da atividade. Preferia a área comercial, considerando-a mais dinâmica — por visitar clientes, ter maior flexibilidade de horário, ser avaliado por metas de venda e não por participação no “jogo político”, ter mais autonomia e lidar mais com gente. Nesta mesma época, seu pai e um amigo muito próximo faleceram — além de seu rompimento com a namorada. Com tudo isso, Marcelo disse ter ficado deprimido e procurado um apoio terapêutico que, segundo ele, muito lhe ajudou a “abrir-se para novas possibilidades”. Resolveu voltar a estudar, pensou em um Mestrado em administração ou em uma nova faculdade. Acabou optando pela segunda e resolveu fazer psicologia, por interesse pessoal. Tinha se sentido atraído por esta área, após a vivência como analisando. Inicialmente, a faculdade foi cursada como um hobby, mas depois acabou gostando tanto, que começou a repensar seu papel no “mundo corporativo”. Marcelo mencionou seu interesse em ajudar as pessoas,

¹¹⁵ O entrevistado afirmou que a entrada na área de telecomunicações foi uma opção consciente, pois vislumbrava uma grande oportunidade de crescimento profissional neste mercado. Isto se deu na época do então denominado “boom de telecom”.

- acreditando ter uma “vocação nata” para a psicologia, pelo fato das pessoas sempre lhe terem pedido conselhos e lhe terem confidenciado seus assuntos mais íntimos. Na ocasião da entrevista, Marcelo continuava trabalhando em empresa de telecomunicações, mas na área comercial. De acordo com o seu depoimento, sua intenção era a de continuar trabalhando (“para poder pagar suas contas e guardar dinheiro para o futuro”) até forma-se, quando então pretendia deixar a atividade nas empresas e trabalhar na nova profissão.
4. Renata, 36 anos, moradora da Zona Sul, em apartamento próprio, oriunda de uma família de classe média intelectualizada: o avô era um famoso jurista e ambos os pais têm curso superior. É solteira e, no momento da entrevista, morava sozinha (embora tenha relatado que acabara de separar-se do namorado com o qual havia morado durante um tempo). É formada em História, embora tenha cursado anteriormente um semestre de Psicologia e desistido do curso (por acreditar que era preciso ter mais experiência de vida para fazer Psicologia). Fez mestrado em Letras e o curso completo de Inglês, trabalhando, desde a época do Mestrado, como professora de inglês — inicialmente dando aulas particulares para executivos e, posteriormente (após a conclusão da pós-graduação), trabalhando em diversos cursos de línguas estrangeiras. Renata não quis seguir a carreira acadêmica, optando por profissionalizar-se como professora de inglês. Diz, no entanto, ter sentido falta de uma atividade mais criativa (Renata fez cursos de fotografia, interessando-se também por arte) e “questionadora”, que lhe propiciasse maior realização pessoal. Optou, então, por Psicanálise (cujo contato como analisanda vem desde a adolescência). Chegou a fazer vestibular e ser aprovada para a faculdade de Psicologia, mas ao iniciar o curso, percebeu que não teria paciência de fazer mais cinco anos de faculdade e estudar com pessoas muito mais novas e em momentos de vida muito distintos ao dela. Por este motivo, decidiu-se por um outro tipo de formação — mais voltada para a experiência e dispensando a graduação em Psicologia ou Medicina —

como a proporcionada pela Escola de Letra Freudiana¹¹⁶ e pelo Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro¹¹⁷. Na época da entrevista, Renata havia trancado a faculdade e estava em busca de formações alternativas, como as anteriormente mencionadas, mesmo sabendo que não poderia atender de forma oficial, nem emitir recibos¹¹⁸. Pretendia fazer a transição de forma simultânea, conciliando a nova atividade com seu trabalho como professora de inglês.

5. Ana Cristina, 37 anos, solteira Na época da entrevista, estava morando sozinha em um amplo conjugado na Zona Sul, alugado. Contou que seus pais tinham origem humilde, não possuindo curso superior. Sua mãe, inclusive, nunca havia trabalhado fora. Ana é formada em Administração, tendo feito uma especialização em Recursos Humanos e trabalhado sempre em empresa privada — mesmo antes de cursar a faculdade de Administração, iniciada tardiamente (com 27 anos, por falta de recursos financeiros). Depois de um tempo trabalhando em empresas, “descobriu” ter escolhido a profissão errada. Queria “ajudar”, trabalhar com pessoas e, por este motivo, resolveu prestar vestibular para Psicologia. Por ocasião da entrevista, a informante estava cursando o último ano da faculdade e havia recentemente terminado uma pós-graduação em Psicologia Analítica. Sua intenção era a de ir ingressando aos poucos no

¹¹⁶Com o objetivo de transmitir os conceitos psicanalíticos, a partir das idéias freudianas e lacanianas, a Letra Freudiana inaugurou suas atividades em agosto de 1981, passando a denominar-se “Escola” em 1987. Baseia-se na premissa de que o “analista autoriza-se por si mesmo”, ou seja, de que a transmissão da psicanálise se apóia na vivência analítica. Retirado do *site* <http://www.letrefreudiana.com.br>, acessado em 28/12/2005.

¹¹⁷ Sociedade Psicanalítica, integrante da International Federation of Psychoanalytic Societies, cuja fundação deu-se em março de 1969, visando o estudo teórico-clínico da psicanálise, fundamentado na obra de Freud e de seus seguidores e disciplinas correlatas, por intermédio de um processo de formação permanente que enfatiza a troca de experiências. Retirado do *site* <http://www.cprj.com.br>, acessado em 28/12/2005.

¹¹⁸ A Psicologia como profissão foi reconhecida em agosto de 1962, através da Lei 4.119, que também dispõe sobre os cursos de formação em psicologia. A atividade foi regulamentada em janeiro de 1964 pelo decreto 53.464. Para exercer o ofício como autônomo ou em alguma instituição, o profissional deve registrar-se no Conselho Regional de Psicologia da sua Região e nos órgãos da classe. Ver *site* dos Serviços do Conselho de Psicologia do Brasil, disponível no endereço http://www.crpsp.org.br/a_servi/frames/fr_conselhos_brasil.htm e o *site* da POL, Psicologia online, cujo item “Legislação” contém as leis e decretos que regulamentaram a profissão (disponível para download no endereço <http://www.psicologia-online.org.br/main/index.cfm>). Ambos os *sites* foram acessados em 28/12/2005.

- novo campo de atuação. Atualmente, estagia em uma clínica onde lida com pacientes com fibromialgia¹¹⁹. Pretende, por algum tempo, após formar-se, conciliar a clínica em Psicologia com as atividades do seu trabalho atual, até dispor de uma remuneração adequada na nova profissão que lhe permita abandonar o antigo emprego. Ana supõe que tal transição deva levar uns dois anos. Outro plano que alimenta é o de permanecer estudando. Planeja ingressar em um Mestrado, após formar-se, tendo interesse em estudar a dor, sob a perspectiva da Psicologia.
6. Helena, 37 anos, solteira, morando sozinha. Formou-se em Economia, trabalhou no mercado financeiro durante alguns anos, depois resolveu voltar a estudar para “abrir os horizontes” e poder atuar em outras áreas. Optou por um Mestrado em Administração de Empresas. Ao terminá-lo, voltou a trabalhar em firmas, só que na área de Marketing. Depois disso, iniciou um relacionamento com uma pessoa que vivia nos EUA, com ele indo morar e aproveitando para ingressar no Doutorado em Marketing. O namoro acabou e como ela também não estava satisfeita com o Doutorado, resolveu retornar ao Brasil, tendo indo trabalhar em outra empresa, também na área de Marketing. Permaneceu no novo emprego por cerca de 2 anos, período durante o qual deu-se conta de que não queria mais continuar trabalhando dentro de uma organização. Na verdade, desejava fazer um Doutorado em Sociologia, mas tinha dúvidas se seria admitida, devido à sua formação e vivência em empresas. Helena resolveu, então, “aplicar” (termo da própria entrevistada) para o Doutorado em Administração com ênfase em estudos das organizações — mais precisamente, fazendo uma ponte com a sociologia do trabalho. Os planos de Helena eram terminar o doutorado e continuar dando aulas (o que ela já fazia com alguma regularidade, só que, a partir de então, estaria habilitada a prestar concurso para alguma universidade pública). A

¹¹⁹ “O termo fibromialgia refere-se a uma condição dolorosa generalizada e crônica. É considerada uma síndrome porque engloba uma série de manifestações clínicas como dor, fadiga, indisposição, distúrbios do sono”. Retirado do *site* <http://www.fibromialgia.com.br>. Acesso em 29/12/2005.

escolha de Helena recaiu sobre um caminho que lhe provesse maior aprimoramento intelectual. Ela afirma sempre ter gostado muito de estudar.

7. João Carlos, 47 anos, separado, pai de duas filhas, morador da Zona Norte. É publicitário, trabalhando há 30 anos nesta área, em veículos de propaganda. Esta profissão, segundo palavras suas, lhe proporciona viver e educar suas filhas confortavelmente. João Carlos não cursou faculdade de Comunicação Social¹²⁰. Começou a trabalhar em publicidade aos 17 anos, após a morte da mãe que, segundo ele, enquanto viva, lhe dava condições para dedicar-se exclusivamente ao estudo e à música (ele também é músico, tocando violão profissionalmente desde os 14 anos de idade), apesar de sua condição “humilde” (definição do entrevistado). Sua primeira ocupação foi vendendo “espaço” em um jornal de bairro. Depois, “profissionalizou-se” (expressão do entrevistado) em publicidade. Trabalhou nos departamentos de mídia de grandes agências e, já há alguns anos, vem trabalhando como executivo de contas em emissoras de televisão. Menciona que, por certo tempo, ficou deslumbrado com o

¹²⁰ Apesar de regulamentado, desde junho de 1965, através da Lei 4.680 (que dispõe sobre o exercício da profissão de publicitário e de agenciador de propaganda), o diploma de Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda não é exigido, na prática, para o exercício da atividade, ao contrário do que ocorreu com os jornalistas, cujo diploma tornou-se obrigatório para o exercício da profissão, após o decreto-lei nº 972 de 1969 (ver, a este respeito, a entrevista de Miriam Leitão em *Elas Ocuparam a Redação*. ABREU e ROCHA, 2006). Há profissionais com formações diversas trabalhando nas áreas de comunicação dentro das empresas, nas agências de propaganda e na área comercial dos veículos de comunicação. No caso destes dois últimos, muitos dos profissionais mais antigos nem chegaram a fazer curso superior, como é o caso de Nizan Guanaes e Washington Olivetto. No discurso dos “legitimadores” (dirigentes dos conselhos e instituições da classe), a habilidade valorizada é o “talento”. O próprio entrevistado, quando perguntado sobre as razões de não ter feito curso superior em propaganda, afirma que na época em que ingressou no “campo” — final da década de 70 — ninguém possuía diploma de publicitário. Eram os próprios profissionais que faziam propaganda que estavam sendo chamados para dar aulas nas recém inauguradas faculdades de Comunicação. Ele próprio menciona também ter sido convidado a lecionar. Atualmente, a obrigatoriedade do diploma universitário para o exercício da profissão de publicitário está sendo discutida, devido ao projeto de lei nº 30/2004, de autoria do senador Leonel Pavan (PSDB-SC). Ver a matéria “Diploma para publicitário pode ser obrigatório”, no site <http://www.ecosbr.com/indexframe.html>. Sobre as leis e normas de regulamentação, consultar o site do Sindicato dos Publicitários do Rio de Janeiro, endereço: <http://www.sindpubri.org.br>. Ambos acessados em 31/12/2005.

dinheiro e o “glamour” do mundo da publicidade, ainda em sua plenitude, no início da década de 80. Conta que chegou até mesmo a deixar a música de lado, seduzido pelo “brilho” da propaganda. Depois de algum tempo, no entanto, caiu em depressão. Disse não conseguir, por alguns meses, nem ao menos levantar-se da cama para ir trabalhar. Por conta disto, resolveu procurar um psicanalista. Tal experiência o fez rever suas prioridades na vida e começar a focar-se mais na música e em seu estudo. Menciona, inclusive, ter chegado a cursar alguns semestres do curso superior de música. Desistiu, no entanto, por achar mais proveitoso estudar com músicos talentosos. Conforme seu depoimento, a partir deste momento passou a encarar a propaganda como profissão de seu sustento e a música como paixão e fonte de inspiração. Chegou um tempo, no entanto, em que começou a sentir falta de um novo aprendizado, embora afirme nunca ter se sentido cobrado — nem profissionalmente, nem socialmente — por não ter um diploma superior, pois sempre leu muito e participou de atividades culturais, o que o igualava às pessoas de sua relação — que em sua maior parte, possuíam curso superior. Ficou, desse modo, “flertando” por algum tempo com a Psicologia, área que lhe despertava interesse desde a adolescência. Conta que costumava a conversar sobre o assunto com sua mãe, e que já a havia experimentado, no papel de analisando, quando de sua depressão. Aos 44 anos, resolveu prestar vestibular para Psicologia, junto com a sua filha mais velha, candidata à Comunicação Social. Na época da entrevista, estava no 4º período, faltando apenas mais seis para a conclusão do curso. Seus planos eram continuar cursando psicologia e trabalhando em propaganda até formar-se. Quando terminasse a faculdade, pretendia deixar a Publicidade, para dedicar-se exclusivamente à Psicologia e à música. Para tanto, já estava fazendo suas economias.

Grupo 2: Migrando para a nova carreira

1. Fernanda, 30 anos, integrante de uma família de classe média, moradora da Zona Sul, casada pela segunda vez, sem filhos. É formada em Comunicação Social (com especialização em Publicidade e Propaganda) e conta que sempre gostou de desenhar e de atividades artísticas. Trabalhou durante alguns anos na área de criação em agências de propaganda, mas depois ingressou em uma área emergente: a de web (internet), na época, uma atividade bem remunerada e que prometia rápida ascensão profissional¹²¹. Tal atividade acabou afastando-a dos trabalhos em criação e colocando-a em contato com o gerenciamento de projetos. Fernanda conta que, levando em conta apenas nos ganhos financeiros — pois, na ocasião, estava casada com o seu primeiro marido — chegou a aceitar vários trabalhos, até mesmo fora do Rio de Janeiro, que não eram nada prazerosos, muito burocráticos e pouco criativos. Após separar-se do primeiro marido, continuou trabalhando na área de web, na qual, um tempo depois, acabou conhecendo o segundo cônjuge. Conta que a insatisfação profissional foi tornando-se cada vez maior: nos finais de semana, não queria nem encontrar pessoas com as quais convivia no trabalho, para não precisar conversar sobre assuntos profissionais. Para driblar a insatisfação, inscreveu-se em alguns cursos artísticos (de desenho e pintura), no parque Lage, mas não conseguia incorporá-los à sua rotina, devido à enorme pressão do trabalho. Ficou infeliz e quis voltar a estudar. Como gostava do mundo “fashion”, começou a buscar um curso relacionado a essa área. Encontrou um com horário conveniente, matriculando-se, então, na faculdade de Moda. Ainda nos períodos iniciais¹²², largou seu emprego na área de web — como gerente de projetos — e foi trabalhar em uma empresa de design de jóias, ganhando bem menos. Nesta época, como já estava separada,

¹²¹ No final dos anos 1990 e início de 2000, as empresas virtuais, conhecidas como “ponto com”, encontravam-se em seu “auge”. Fato este que gerava, inclusive, o “aquecimento” do mercado de outras companhias ligadas ao mundo virtual — entre elas as de design de sites, nas quais Fernanda atuava. Alguns anos depois, no entanto, estas mesmas empresas começaram a falir.

¹²² A entrevistada não lembra bem se isso se deu no 2º ou no 3º período da faculdade.

precisou inclusive ir morar com a avó por não ter condições de manter-se sozinha. Trabalhou um tempo nesta empresa, mas recebeu outra proposta: desta vez para trabalhar na área de Marketing de uma firma de roupas. Resolveu aceitá-la, pois não vislumbrava oportunidade de crescimento na primeira empresa e considerava a segunda, detentora de uma boa imagem, de um “posicionamento”¹²³ marcante no mercado. Tinha “estilo” e uma boa estratégia de Marketing por trás. Outra razão para aceitar o novo emprego residia na expectativa que tinha em mudar de área, de conseguir ser estilista, uma vez lá trabalhando. E tal aposta acabou funcionando: na época em que fiz a entrevista, Fernanda havia acabado de conquistar o cargo de estilista há 15 dias. Seus planos para o futuro consistem em seguir na nova carreira, sem descartar, no entanto, a possibilidade de, em algum momento de sua trajetória, vir a trabalhar com cinema, algo que a “encanta”.

2. Felipe, 36 anos, solteiro, morador da Zona Sul, compartilhando um conjugado duplex (sala em baixo e mezanino com quarto em cima) com um amigo, formado em Letras. No início da faculdade, cursava simultaneamente Direito e Letras, mas acabou optando pela segunda devido à sua paixão por inglês. O entrevistado trabalhou 15 anos como professor deste idioma em um renomado curso norte-americano. Deu aulas para diversos tipos de turmas, com propósitos e gerações diferentes. Disse que só não lecionou no curso de formação de professores mantido pela instituição, porque o mesmo exigia um mestrado que Felipe não possuía. Segundo o informante, ao longo da carreira, foi surgindo uma “insatisfação muito grande”. Passou a achar que suas oportunidades de mobilidade profissional eram escassas e que iria “morrer professor”. Chegou a trabalhar em um outro curso de inglês, também renomado, para ver se teria mais chances, mas conta que deu-se conta de “que, na verdade, era a mesma coisa, só que em uma outra

¹²³ Expressão da área de Marketing significando que uma empresa exerce um papel definido no mercado, ou seja, sua essência (a “personalidade de marca”) é reconhecida por seus concorrentes e pelos consumidores, distinguindo-a das demais.

instituição”. Quando sua vivência como professor de inglês começou a lhe parecer demasiado restrita, iniciou a busca por novas oportunidades. Inicialmente, pensou em fazer um Mestrado em Letras, mas logo percebeu que este lhe traria apenas a oportunidade de dar aulas no curso para formação de professores. Surgiu, então, a idéia de fazer Psicologia; uma coisa bem diferente de dar aulas de inglês. Contou que sentia-se um pouco cansado de lecionar, pois “você tem que ser o tempo todo meio artista” para motivar o aluno. Durante a faculdade de Psicologia, diz não ter pensado se iria, de fato, trabalhar como psicólogo. Queria apenas ampliar seus horizontes. A decisão pela nova carreira deu-se em função de sua experiência prévia com Psicanálise (como analisando) e também para se “entender um pouco mais”. Queria fazer algo diferente e de que gostasse. Acabou, no entanto, se apaixonando por Psicologia e encarando a atividade de professor de inglês como complementar – por possibilitar o desenvolvimento de um outro lado seu. Felipe diz que seu trabalho como professor era muito voltado “para o exterior”, pois precisava o tempo todo estar “no palco”. Já na Psicologia, as relações são mais voltadas para o interior e o foco recai sobre o analisando. O entrevistado também encara a Psicologia como uma continuidade de seu trabalho como “profissional da linguagem”, pois a Psicologia não deixa de lidar com a linguagem do inconsciente. Ele conta que deu-se conta disso enquanto escrevia sua monografia sobre Lacan e que tal entendimento o fez desejar abandonar a antiga carreira. Pediu para ser demitido da empresa em que trabalhava por anos a fio, para tornar-se autônomo. Na época da entrevista, Felipe dava muitas aulas particulares de inglês (responsável pelo “grosso” do seu orçamento) e atendia a alguns poucos clientes, em Psicologia, embora já atuasse na área há uns dois anos e meio – desde a época do estágio supervisionado. O “projeto” de Felipe consiste em reduzir as aulas de inglês e aumentar o contingente de analisandos, dentro de algum tempo. A psicanálise é o que o “move” atualmente, profissão que acredita combinar mais com ele, por seu

- temperamento irrequieto e questionador. Para tanto, investe em cursos de especialização e freqüenta escolas de psicanálise – no intuito de construir a rede de relações que lhe possibilitará o aparecimento de novas oportunidades de emprego – e faz trabalhos comunitários em Psicologia, visando acumular experiência. O entrevistado também pretende sempre continuar estudando, se aprofundando em psicanálise, buscando, atualmente, opções de mestrado na área.
3. Paulo Henrique¹²⁴, 38 anos, é jornalista e morador de Copacabana. Definiu sua família de origem como humilde e com pouca escolaridade e não possuindo grandes expectativas com relação a seu ingresso em uma profissão de nível superior. Conta, no entanto, que desde adolescente desejava ser jornalista. Ele passou no vestibular para Comunicação Social (especialização em Jornalismo), formou-se e trabalhou em vários veículos: em redações de jornal, em emissoras de rádio e em televisão. Relata que sempre gostou de mudar de trabalho, apesar de querer permanecer na carreira escolhida, até que uma “crise” o fez questionar esta opção. Recebeu uma proposta – para ser jornalista exclusivo de uma sucursal de um renomado jornal de outro estado – financeiramente “irrecusável” (ganharia três vezes mais do que no emprego onde estava, mais ajuda de custo para transporte, moradia, telefone etc.) mas, para tanto, teria que mudar sua forma de produzir. Ao invés de trabalhar em uma redação, cercado por pessoas e em um ambiente dinâmico, escreveria suas matérias de casa, a partir das demandas feitas por telefone por seu chefe, que estava sediado em outro estado. Apesar de todas as vantagens do novo emprego, não sentia-se muito realizado pessoalmente, pois lhe fazia falta a interação com outros profissionais. Paulo Henrique afirma que até mesmo o ritmo de trabalho era diferente das redações, muito mais leve, o que o permitiu voltar a estudar. Resolveu investir na área de Educação, na qual cursou especialização,

¹²⁴ Esta trajetória é também mencionada no 2º capítulo desta dissertação, na descrição do tipo ideal “navegadores sem leme”.

apenas por curiosidade. Para formar-se neste curso, era obrigatória a realização de um estágio. Com este intuito, ele encaminhou-se para a universidade na qual desejava estagiar como professor de jornalismo. Mas, para sua surpresa, lhe ofereceram um emprego, e não um estágio. Como Paulo Henrique havia acabado de deixar seu emprego na sucursal do jornal (com um ótimo fundo de reserva) e estava meio “em crise” com a profissão –, tampouco vislumbrando alguma oportunidade no jornalismo do Rio de Janeiro que lhe empolgasse – resolveu aceitar o desafio, tornando-se, então, professor. Menciona, no entanto, que obteve um êxito inesperado na nova atividade e que, em pouco tempo, já estava identificado com o novo papel – tanto que era dessa forma que se identificava profissionalmente, por ocasião da entrevista. Contudo, seus planos para o futuro estavam “em aberto”. Disse que gostava de ser professor, mas que não estava fechado para outras oportunidades. Pensava até em trabalhar com arquivos e documentação, por conta de um Mestrado que estava fazendo em História – mas sem ter um plano traçado para ingressar na nova atividade. Na época da entrevista, não mencionou espontaneamente desejar retornar à antiga profissão, mas quando perguntado se esta possibilidade existia, disse que caso a proposta fosse interessante, poderia considerá-la, pois não havia deixado de gostar do jornalismo. Mais tarde, eu soube que ele voltou a trabalhar como jornalista, embora continue a lecionar como atividade secundária.

4. Elizete, 45 anos, separada, com um filho, moradora da Zona Norte, em apartamento próprio. A entrevistada é oriunda de uma família humilde e de baixa escolaridade, mas possuidora de grande prestígio no meio artístico, sendo seus avós pessoas influentes no mundo do samba – seu avô foi um importante e renomado compositor da música popular brasileira. Por ser muito ligada aos avós (com eles chegando a morar na adolescência e juventude), e eles transitarem por diversos mundos – devido à fama de seu avô, ele era amigo de políticos e intelectuais ligados ao samba – Elizete era estimulada a conquistar uma mobilidade social e

econômica e a seguir uma carreira de nível superior. Gostava muito de inglês e de lecionar. Costumava brincar de professora com os irmãos e chegou a dar aulas para crianças menores em seu prédio, em troca de uma pequena remuneração. Pensou em tornar-se professora, mas foi desestimulada pelos próprios professores da escola que freqüentava, pois o magistério vinha perdendo prestígio e a remuneração não era considerada boa. Fez um teste vocacional cujo resultado recaiu sobre área biomédica. Medicina demandava muito tempo de estudo e era muito dispendiosa. Com Enfermagem, não se identificava. Resolveu, então, cursar nutrição. No meio da faculdade, fez vestibular para Letras e passou. Queria seguir este curso por causa do inglês e como uma homenagem à poesia de seu avô. Mas não chegou a se formar, pois logo começaram os estágios em Nutrição – e, posteriormente até mesmo oportunidade de trabalho – e ela não conseguiu conciliar sua rotina com mais duas faculdades. Elizete levou em consideração a questão prática: demoraria dois anos para formar-se em Letras e Nutrição já começava a abrir-lhe as portas. Ela achava que precisava ganhar dinheiro para dar conforto para a avó, especialmente após a morte de seu avô. Trabalhou em várias empresas de nutrição que prestavam serviço para cozinhas industriais em hospitais e também possuía um emprego público na área de saúde – que um político, amigo de seu avô, lhe havia arranjado. Com relação à carreira, minha entrevistada investiu bastante na formação complementar logo depois de formada, fazendo diversos cursos na área. Depois, dedicou-se ao trabalho, ao casamento (que, segundo ela, só durou um ano e dez meses), e às atividades na comunidade onde viveu com seus avós. Só retornou aos cursos de especialização quinze anos depois, quando já se questionava sobre o seu futuro profissional em Nutrição. Durante todo este tempo, dedicou-se ao trabalho (trabalhando muitas horas por dia) e galgou vários cargos de chefia. A rotina de gerenciar a cozinha industrial de um hospital era bastante “estressante”, segundo conta. Com todas as angústias advindas da pressão no trabalho,

Elizete chegou muitas vezes a se perguntar se iria ou não suportá-la, não pensando contudo – ao menos não nesta época – em abandonar a carreira trilhada, pois, para ela, chegar ao lugar no qual chegou era uma afirmação, uma conquista – sendo ela negra (auto-afirmação da própria entrevistada) e oriunda de uma família de baixo poder aquisitivo. Afirmou, também, durante a entrevista, querer “dar certo” para honrar a memória de seus avós, pois segundo acredita, herdou o “bastão de guerreira” (palavras de Elizete) de sua avó. Depois de passar por diversas experiências e desafios, de ter de “colocar ordem na casa” em diversos hospitais e ser bem sucedida na profissão – não sem custo pessoal (sentia-se envelhecida e consumida) – achou que “já não tinha que provar nada para ninguém” (palavras da informante), queria dedicar-se a outras coisas. Pensou em fazer um Mestrado em Nutrição e dar aulas. Mas neste íterim, foi convidada por uma pessoa que estava escrevendo a biografia de seu avô para trabalhar em uma instituição voltada para área cultural, pois já tinha experiência em cuidar de um acervo na comunidade em que atuava. Logo depois disso, houve uma mudança política e, devido à sua experiência como administradora e gestora (nas cozinhas hospitalares), ela foi convidada para assumir a direção desta mesma instituição. Para aperfeiçoar-se na área, ingressou em um Mestrado em História, ligado a bens culturais e fez diversos cursos complementares. Na época da entrevista, Elizete também estava à frente de um outro centro cultural relacionado à memória de seu avô. Os planos de Elizete consistiam em continuar na área cultural e social e, cada vez mais, dedicar-se ao projeto de reconstituição de sua memória familiar e da comunidade onde morou com os avós. Apesar de ter sido convidada a voltar para a área de Nutrição – inclusive em uma vaga fora do Brasil – Elizete não aceitou. Considerava aquele ciclo já encerrado e queria investir na nova carreira que estava construindo. Apesar de ser diretora de uma renomada instituição cultural, Elizete ainda estava buscando sua “zona de conforto”, por ser aquela uma mudança recente em sua vida – e

também por desejar atuar menos na questão política e mais na atividade cultural em si, como fazia com o centro em memória de seu avô.

5. Camila, 49 anos, solteira, mora sozinha em um apartamento na Zona Sul. Nascida em uma cidade do Nordeste, veio para o Rio de Janeiro com 21 anos, para uma residência em Enfermagem, profissão na qual se formou. O interesse da entrevistada em trabalhar na área de saúde devia-se à vontade de cuidar das pessoas. Desejava, no entanto, fazer Enfermagem e não Medicina, por considerar que os médicos se ocupam da doença e não de cuidar efetivamente dos pacientes. Tal opção foi contrária à opinião familiar, especialmente de seu pai, que não a apoiou (nem emocional, nem financeiramente) na escolha da carreira por achar que “já que queria ir para área de saúde, que fosse, então, para a Medicina”. Após formar-se, Camila passou no concurso para residência no Rio de Janeiro e por aqui ficou. Durante os dois anos de especialização, passou por todos os setores, sentindo-se mais identificada com o trabalho no CTI, pelo fato de demandar do enfermeiro “cuidados de cabeceira” — na época em que ela se formou, manuais mesmo, pois não havia tantos equipamentos disponíveis (o que a agradava, por propiciar uma atenção mais individualizada para cada paciente). Exerceu este trabalho em Hospital Público — para o qual ingressou por concurso — por 11 anos, até que foi transferida de setor, seu primeiro desapontamento com a carreira exercida. Não gostava das outras áreas hospitalares porque não permitiam um atendimento e um contato mais personalizado com o doente. Ainda retornou ao CTI, como chefe, função que também não a agradou. Ao gerenciar uma área, Camila teve que se ocupar mais das reuniões e das funções administrativas, políticas e burocráticas, do que dos doentes, o que realmente gostava de fazer. Um tempo depois, trabalhando em outro setor — o de controle de infecções — e por conta do trabalho neste lugar, descobriu que tinha uma doença crônica, incurável, que diminuiu significativamente sua imunidade. Precisou ser transferida mais uma vez, para uma área em que não circulassem

doentes com infecção, mas somente aqueles que seriam submetidos a pequenas cirurgias. Camila gostou desta nova função, pois podia orientar o paciente na dieta a ser seguida, acompanhar seu histórico etc. Por outro lado, este foi um momento em que enfrentou muitos problemas políticos com os médicos, que não queriam cumprir os procedimentos exigidos, o que Camila não aceitava, brigando para fazer valer o que estava escrito nos regulamentos. Depois de algum tempo, nova mudança. O setor cirúrgico que chefiava mudou de perfil, começaria a fazer grandes operações com maior risco de infecções, por conseguinte. Fato temeroso para a saúde de Camila, que teve de comunicar à chefia imediata sua situação delicada. Se desgastou e não contou com a compreensão de seus superiores. Foi, então, nesta época, que teve de entrar de licença médica. Resolveu não mais voltar: pediu aposentadoria proporcional (nunca quis pedir licença por invalidez, para não ser rotulada por sua doença) e começou a trabalhar na parte administrativa (que por sinal, odiava) de empresas de *home care*. De vez em quando, era convidada para ministrar algumas aulas e treinamentos, ocupação que lhe agradava. Camila conta que para pagar suas contas e complementar o salário como enfermeira, sempre precisou trabalhar em dois lugares, chegando a ter turnos de 12 horas diárias. Foi neste período de sua vida que descobriu a loga. No início, começou a praticá-la para fortalecer seu organismo, para ganhar mais disposição. Depois, começou a pensar na loga do ponto de vista profissional e investiu em cursos de formação. Paralelamente continuava a trabalhar em empresas de *home care*, como enfermeira, mas cuidando da parte administrativa. Surgiu, então, uma oportunidade para dar aulas de loga. Ela resolveu abandonar o trabalho de enfermagem, o que já queria fazer há algum tempo, e viver apenas da nova atividade. Seus planos futuros consistem em continuar dando aulas de loga e usar seus conhecimentos de enfermagem apenas para orientar seus alunos em relação à saúde e à alimentação.

6. Vania, 51 anos, casada, com um filho. A entrevistada cursou o Normal, durante a década de 70. Conta, durante a entrevista, que tentou exercer a profissão de professora primária, chegando a trabalhar em duas escolas, por um curto espaço de tempo (quatro meses em cada). Mas, a “realidade”, muito diferente da que imaginava durante o curso, lhe desagradou bastante e ela acabou abandonando o ofício. Resolveu, então, dois anos depois, prestar vestibular para Psicologia — matéria do curso Normal da qual gostava bastante — mas não foi aprovada. Alguns anos mais tarde, por influência de seu marido (na época, seu namorado) prestou novamente vestibular, só que, dessa vez, para Biologia. Dessa vez, deu certo. Tão certo que, ainda na faculdade, já dava aulas para o 2º grau — e afirma que trabalho nunca lhe faltou — lecionando tanto em Biologia, quanto em Química. Desejava, nesta época, dedicar-se ao magistério, ao contrário da maior parte de seus colegas de classe que se imaginavam como pesquisadores. Vania relata que não conseguia ficar mais do que oito anos em uma mesma escola, tendo, por isso, trabalhado em vários locais em sua trajetória como professora. Entrava nos colégios empolgada, mas quando se cansava, optava por sair e ir para outro lugar. Alega que precisava mudar, variar de ambiente e de pessoas. No total, atuou no magistério (lecionando no 2º grau) por cerca de 20 anos. Trabalhou tanto na rede privada, quanto na pública, para a qual fez concurso no início da década de 80. Em 1995, deixou a atividade docente. Nesta época, lecionava apenas em um colégio estadual. Ela aponta a morte de sua irmã como o “momento de ruptura”, a partir do qual passou a questionar os caminhos em direção aos quais estava direcionando sua vida — e desejou dar “uma grande virada” nela. Abandonou a matrícula do Estado e resolveu dedicar-se a atividades mais prazerosas: “nadar, ouvir música, ir a um concerto no meio da semana”. Por “vergonha” de dizer que tinha deixado o trabalho, e que não estava exercendo nenhuma atividade remunerada, ficou por seis meses corrigindo prova discursiva de vestibular. Depois abandonou também a

correção das provas e foi aventurar-se por outros caminhos. Trabalhou durante um tempo como voluntária no laboratório de uma faculdade federal e foi aluna ouvinte no Mestrado, mas sua tentativa de ingresso na pós-graduação foi frustrada e resolveu parar de insistir neste rumo. Nesta época, foi convidada a participar de um grupo de estudos sobre Psicologia Analítica — aliás, pouco tempo antes, já tinha resolvido também começar a fazer terapia, para superar a morte da irmã. Neste momento, disse ter “redescoberto a Psicologia” e se “apaixonado” pela abordagem Junguiana. Solicitou ingresso em uma universidade particular, formando-se no final de 2002. Ainda na faculdade, iniciou uma pós-graduação em Psicologia Analítica, recentemente concluída (em meados de 2004). Fez alguns estágios em Psicologia e, durante seu primeiro atendimento, percebeu que aquela era sua “verdadeira vocação”, que tinha ficado adormecida até então. Hoje em dia, Vania trabalha em um consultório que divide com uma ex-colega da turma da pós-graduação. Faz atendimentos duas vezes por semana, já contando com oito pacientes. Nos demais dias da semana, dedica-se a estudar. Seus planos para o futuro incluem prosseguir na profissão de psicóloga e a criar cursos e grupos de estudo voltados para a mulher e para a questão feminina.

4.2- Identificando a vocação: as angústias e sacrifícios durante a mudança

O perfil dos entrevistados que estão vivenciando o processo de mudança engloba aspectos bastante diversificados (como a presença de ambos os gêneros neste segmento, sua distribuição por distintas faixas etárias (de 28 a 51 anos), estados civis diferenciados (casados, separados e solteiros) e heranças familiares variadas — alguns tendo recebido mais recursos financeiros e educacionais do que outros) — até mesmo quando referentes a questões mais subjetivas, como a particularidade de suas experiências, os tempos internos

distintos — em relação às idades e ao momento de vida em que resolveram “mudar” — e as posições e distâncias variadas em relação ao projeto individual (alguns estando mais perto, outros mais longe de alcançar o que desejam. Alguns já conseguiram atuar na nova carreira, outros ainda precisam conciliá-la com a antiga) .

Mas o que uniria vivências, assim, tão diversificadas? Que valores e ideais se assemelhariam? A valorização da felicidade e a disposição para buscá-la é, sem dúvida, comum aos entrevistados. Eles compartilham a percepção de que a felicidade depende da realização pessoal e profissional, visto que a carreira é concebida como uma expressão do “self”, conforme descrito no segundo capítulo desta dissertação. É como uma “segunda pele”, que deve se amoldar às transformações internas e externas do sujeito.

Outra importante questão que emerge do relato dos entrevistados, é a idéia de que a felicidade é conquistada quando se ouve “a voz interior”, não deixando-se, portanto, seduzir pelas pressões e “padrões niveladores” do mundo exterior.

Esta “voz interior” manifestaria-se, no entanto — de acordo com os informantes — somente após alguma experiência, alguma vivência, muitas vezes traumática. Alguns dos entrevistados relatam acontecimentos marcantes como a morte de um ente querido (relatada por três pessoas¹²⁵), uma depressão inesperada (reportada por três outras¹²⁶) como desencadeadores do processo de questionamento individual. Outros mencionam a finalização de um ciclo já desgastado, que muitas vezes culmina com a perda de um emprego já

¹²⁵ Por Fábio, que começou a questionar-se a partir da morte da mãe, por Vania, que resolveu abandonar o magistério após o falecimento da irmã e por Marcelo, que também reviu sua hierarquia de valores a partir das mortes do pai e de um amigo querido.

¹²⁶ Caso de Marcelo, João Carlos e Javier (cuja descrição pormenorizada da trajetória, encontra-se no 4º capítulo desta dissertação).

insatisfatório¹²⁷ ou com a consciência desta insatisfação, a partir da conquista de determinado “estoque de conhecimento”¹²⁸.

Fábio, um dos entrevistados, declara, por exemplo, que, com o falecimento da mãe, perdeu seus “apegos” (expressão dele) e resolveu viajar para Londres, movido simplesmente pelo desejo. Antes de sofrer essa perda, ele só pensava em ter êxito na carreira de advogado e nem ao menos cogitava empreender uma viagem como essa. Costuma pensar: “Poxa, eu vou largar tudo?”. Ao defrontar-se, no entanto, com a experiência da morte, descobriu que “tudo era nada”. A mesma sensação é descrita por Vania, outra informante. Ela já se encontrava há algum tempo insatisfeita com a profissão de professora de biologia, mas não fazia nada para mudar. Quando a irmã morreu, abandonou sua matrícula no estado, porque realizou que não poderia seguir fazendo algo que a deixava infeliz, que a vida era “muito breve para não tentar ser feliz”. Os informantes que vivenciaram uma depressão, também usaram o “sofrimento” como mola propulsora para a mudança de atitude com relação à carreira, ou ao menos, com relação à hierarquia de valores, passando a estarem abertos a novos interesses que ampliaram sua perspectiva diante do mundo. João Carlos menciona que após ter vivenciado “o lado negro da força” (expressão dele), aprendeu com a depressão e, passando a não focar-se tanto na profissão e a dedicar-se mais à música e a outras atividades prazerosas. O desejo de fazer Psicologia, no entanto, só surgiria muitos anos mais tarde. Segundo seu relato, no entanto, a depressão configurou um “marco” para que ele passasse a dedicar-se à descoberta de si mesmo.

Só depois de experimentarem durante algum tempo a primeira escolha profissional e serem personagens de acontecimentos marcantes, os informantes expandem suas visões de mundo, permitindo-se reflexões que podem por em

¹²⁷ Caso de Paulo Henrique, Marta e Leila (as duas últimas mencionadas mais detidamente no 4º capítulo, a seguir).

¹²⁸ Entendido como a experiência que já se armazenou, como o que sabe, o que se tem à mão (SCHUTZ, 1979).

xeque as antigas “zonas de relevância”¹²⁹. Vários dentre eles afirmam estarem migrando para segundas carreiras por “vocação”, não as tendo seguido, quando da primeira escolha, por não terem, na ocasião, maturidade suficiente para identific -las. Analisando o relato dos entrevistados, vários, de alguma forma, consideram o investimento na nova carreira um resgate de seus desejos originais não atendidos — seja pelo motivo acima exposto ou por considerarem que a profissão desejada não lhes traria recursos financeiros suficientes para seu sustento, ou ainda, por falta de conhecimento sobre aquela profissão.

Ganhei de presente uma paciente que era uma ex-menina de rua. Quando ela sentou na minha frente e começou a falar comigo, não teve jeito. Eu vi que nasci para isso. É aquela coisa de voca o mesmo¹³⁰.
(Vania).

Os informantes desta pesquisa consideram que o ingresso na primeira carreira costuma ocorrer muito cedo, com pouca idade, ainda sem a maturidade e a vivência necessárias para reconhecer seus próprios desejos e divisar o que seria, de fato, individualmente relevante — se a realiza o profissional ou a segurança financeira. Aliás, a preocupa o com a “realiza o profissional” só passa a ocupar o horizonte dos entrevistados após alguma vivência, ao experimentarem os dois lados de uma carreira e poderem avaliar se o saldo ainda permanece positivo, ou seja, se o prazer supera o desprazer com as coisas ruins. Muitos deles, inclusive, mencionam interesse pela primeira carreira, desgastado, no entanto, na vivência do dia-a-dia da profissão, na maior parte das vezes, muito diferente daquilo que se costuma idealizar.

¹²⁹ Para Schutz (1979), é o problema vivenciado pelo ator social que direciona, num dado momento, a relevância de determinado conhecimento para ele.

¹³⁰ A entrevistada tinha, nesta época, mais de 45 anos e já havia exercido por mais de vinte anos outra profissão. Sua primeira op o, na juventude, teria sido, no entanto, Psicologia, que ela só veio a cursar quase trinta anos depois.

(...) A profissão está muito ligada ao autoconhecimento. Para definir o que você vai fazer da sua vida, você tem que se conhecer muito bem e acho que a gente não se conhece muito bem até ficar mais velho (Fábio).

Além disso, muitos escolheram a primeira profissão em função de uma perspectiva de carreira e de ganho financeiro, mas depois de vivenciarem o dia-a-dia, perceberam que lhes faltava algo, passando a repensar as escolhas anteriormente efetuadas. Há até os que chegaram a fazer testes vocacionais¹³¹, mas os mesmos não foram muito conclusivos no direcionamento da carreira, justamente pela falta de vivência dos entrevistados. Os entrevistados reconhecem que poderiam, de fato, possuir as habilidades indicadas pelo teste, mas muitas vezes seus desejos — que só vão sendo lentamente descobertos — não condizem com estas escolhas originais.

Conforme o relato de alguns informantes:

Eu acho que a vocação estava lá. Durante muito tempo, eu fiquei ressentida com essa questão. Era porque eu queria fazer psicologia e [era] como se ele¹³² fosse o responsável em dizer pra mim: ‘*não faz*’. Quando, na verdade, era eu quem deveria ter ido fazer (...) Hoje, eu me conheço, sei que a melhor época de ter feito a faculdade¹³³ foi agora. Agora tenho conteúdo, não conteúdo de teoria, mas de vida (Vania).

Eu acho que a vocação está dentro da gente. Ela dá a sua cara, dá o seu toque. Nós é que não estamos preparados para ouvir porque existe uma demanda, uma estrutura familiar. Um pai que quer que um filho seja isso, uma mãe que quer que o filho seja aquilo. O que não incentiva (...) A gente tem vários caminhos a trilhar (Ana Cristina).

¹³¹ No caso, dois entrevistados mencionaram a realização de testes vocacionais. Elizete, que foi direcionada para a área de saúde e Marta (cuja trajetória será descrita no 4º capítulo, a seguir), cujo resultado recaiu sobre estatística e exatas.

¹³² Referindo-se ao marido.

¹³³ Faculdade de Psicologia.

Na teoria, o direito também é lindo porque não tem a questão política do tribunal, o desembargador que é comprado, o juiz que se vende. Então eu quero entrar neste mundo para ver se realmente aquilo¹³⁴ combina com o que eu projetei (Fabio).

Na realidade, quando fiz vestibular, não tinha muita idéia do que fazer. Mas algumas profissões foram descartadas porque, para mim, naquele tempo, graças à minha educação, não eram profissões. Sempre gostei de sociologia, se pudesse ter escolhido esta profissão, lá atrás, teria sido sociologia. Só que naquela época, sociologia para mim não era profissão (Helena).

Descobri isso com essa experiência¹³⁵. Eu achava que poderia ficar numa boa, fazendo algo que me desse muita satisfação pessoal, mas que pagasse bem e isso iria me compensar. Chegou num ponto que eu vi que não compensava (...) Ficou claro para mim que não era meu caminho (Thomas).

Queria ter feito Belas Artes, mas não fui encorajada por causa do mercado. Meus pais também estavam com um pouco de medo. Fiquei um pouco influenciada pelas informações, achando que fazendo Belas Artes eu só poderia ser artista plástica; aí não fiz. Cheguei a pensar em fazer Desenho Industrial também, mas achei que com Publicidade, eu iria ganhar mais dinheiro, por isso que eu fiz (Fernanda).

A importância da experiência nas avaliações é ressaltada por Strauss (1999:42) e algumas de suas observações dialogam com os depoimentos dos entrevistados analisados. Para o cientista social norte-americano, “os valores não estão nos objetos, mas constituem avaliações dos objetos, segue-se que as pessoas, para fazerem sua própria avaliação, devem ter sua própria experiência”. O autor chama a atenção para o fato de que esta avaliação é

¹³⁴ Marketing, no caso.

¹³⁵ De não querer mais continuar trabalhando com Informática.

constantemente sujeita à mudança, na medida em que os sujeitos “sofrem” e reavaliam seus antigos conceitos. Para Strauss, a vida é como uma “escola”, na qual os atores sociais estão em constante aprendizado e, por isso, alterando sua percepção em relação aos conceitos anteriormente absorvidos.

Tal concepção também se aproxima daquela formulada por Schutz (1971 e 1979), que enfatiza a importância da experiência, na forma de se olhar o mundo. O modo de lidar com diversas questões internas e externas estará sempre embebido da vivência do sujeito cognoscente que, por sua vez, estará sempre em interação com outros indivíduos, em um processo de intersubjetividade permanente.

No caso dos entrevistados, o desejo de mudar e de exercer uma nova profissão decorre da experiência, aparecendo com o tempo, com a vivência cotidiana. A descoberta do desejo acontece, em muitos casos, a partir do aprendizado de algum tema iniciado como lazer, sem que houvesse, inicialmente, uma intenção efetiva de mudança. O contato com este novo aprendizado é transformador, fazendo-os repensar suas vidas e o que para eles seria, de fato, relevante.

Eu não tinha me dado conta, ainda. Acho que a ficha caiu para valer durante a pós¹³⁶; foi esse processo que foi sendo digerido. De repente, eu olhei assim, caramba, o que eu fiz? E agora, o que eu faço? Foram cinco anos de faculdade, mais a especialização: o que eu faço com isso agora? Chorei muito, sentei e chorei (Ana Cristina).

A expectativa também é outro fator que interfere no processo de mudança. Os entrevistados expressam o desejo de sentirem-se “preenchidos”, emocional e financeiramente. Muitas vezes, no entanto, o progresso material não acompanha a satisfação pessoal, acarretando uma sensação de vazio que, em algum momento, se expressa na vontade de mudar ou, nos casos mais radicais, de

¹³⁶ Em Recursos Humanos, Administração.

interromper definitivamente a carreira. Há relatos, inclusive, de sensações físicas — dores no corpo, enjôo, dores de cabeça — devido à convivência estressante com uma atividade insatisfatória, que já não tinha “mais a ver” com seu “self”.

A percepção da vida como um processo, no qual a transformação é permanente, está presente nos relatos das trajetórias dos entrevistados. Naturalmente, alguns sentem-se mais confortáveis com as mudanças do que outros, embora todos as considerem inexoráveis. A idéia de transformação está presente — como valor positivo — nos escritos de cientistas sociais como Simmel (1971) e o já citado Strauss (1999:44). Este último afirma ser “exatamente essa necessidade contínua de reavaliação que permite que a vida humana se inove e renove”.

Tais mudanças, no entanto, não são consideradas fáceis, tampouco simples pelos atores sociais. Em vários relatos, os entrevistados associam sofrimento ao processo de escolha, dizem ter chorado, “entrado em crise”, procurado um terapeuta para lidar com a insatisfação com a primeira carreira e com o desejo de mudança.

O conflito é inerente ao processo de transformação e constitui uma forma de interação, sendo integrante da vida social. Conforme alega Simmel (1971), possui uma dimensão complexa (tendo várias perspectivas) e ambígua, que pode ser positiva (levar a uma negociação) ou negativa (provocar uma ruptura). Também na esfera subjetiva, o conflito interno seria constitutivo da complexidade do indivíduo, de sua vivência em várias “províncias de significado” (SCHUTZ, 1971 e 1979) e diferentes mundos.

Com isso entende-se a dupla identidade vivenciada, muitas vezes, pelos entrevistados, durante a fase de questionamento e aprendizado da nova profissão. No ambiente de trabalho, ligado à primeira profissão, costumam dizer que estão fazendo, por interesse pessoal, uma outra faculdade ou algum curso diferente da sua área de atuação, não revelando suas verdadeiras intenções

futuras – estas só confessas para os amigos e familiares (e assim mesmo, somente para alguns deles). De fato, os grupos profissionais não possuem apenas certas regras de pertencimento¹³⁷ – que restringem o campo a alguns profissionais – mas reforçam sempre esta “adesão”, este fazer parte de um grupo fechado, que se manifestaria por intermédio da dedicação ao trabalho, do investimento contínuo em especialização dentro da área, ou mesmo do convívio com a rede de relações profissionais fora do trabalho – onde a conversa acaba sempre girando em torno de assuntos relacionados ao métier – mesmo que seja apenas uma troca de confidências sobre um momento ruim ou uma “fofoca” a respeito de alguém.

Fabio menciona ter desistido de dividir seus planos com os amigos do trabalho, pois eles, não só não entendiam suas motivações para a mudança (“como ele pode, com tanta gente desempregada, não querer mais o Direito e ir para Marketing?!”), como acabaram contando seus planos dentro do trabalho e o prejudicando junto a seus superiores. João Carlos diz ter se arrependido ao contar para seus colegas de trabalho que também era músico profissional, pois, a partir de então, quando as vendas na empresa em que trabalha estão indo bem, os diretores são os primeiros a perguntar quando vai ser o próximo show. Mas, quando ao contrário, o resultado comercial não é o esperado, são os primeiros a dizer que a música o está atrapalhando nas vendas. Por isso, as pessoas até sabem que João Carlos está fazendo faculdade de Psicologia, mas ele nunca lhes contou que quando terminá-la, pretende deixar o cargo de executivo de contas no mercado publicitário. Thomas também relata que as pessoas de seu trabalho acham muito interessante o fato dele fazer Psicologia, mas imaginam que ele cursa outra faculdade por interesse pessoal e não por desejar trocar de carreira. Conta que não pretende comunicar suas intenções

¹³⁷ “Profissões são comumente concebidas como ocupações que possuem monopólio de algum corpo de conhecimento esotérico e difícil (...)Supõe-se que apenas as pessoas mais capazes terão a habilidade mental e o temperamento apropriado para absorver tal conhecimento(...)O recrutamento é controlado, inicialmente, através de cuidadoso afastamento de possíveis candidatos, e depois, através de um processo educacional lento e difícil, que elimina aqueles que foram selecionados por engano” (BECKER apud RUSSO, 1993:146-147).

para os colegas, pois teme que a empresa não invista mais em treinamento e promoções, congelando sua carreira. Mesmo desejando e planejando suas saídas, os entrevistados não querem sentir-se preteridos no campo de trabalho em que ainda atuam. Querem voluntariamente deixar a profissão e não serem coagidos a tanto, por pressão do grupo.

Além disso, os entrevistados, especialmente os que estão em pleno processo de mudança – justamente por suas experiências estarem mais vívidas – relatam que os questionamentos e planos para o futuro estão sempre apoiados em caminhos em aberto, em possibilidades, em “zonas de ambigüidade” (STRAUSS, 1999), ou na definição de Gilberto Velho, “[em] mapas de orientação para vida [que] são ambíguos” (1999), o que provoca incertezas no caminho. Diante deste quadro, não fechar as antigas “portas” passa a ser, conseqüentemente, muito importante.

Durante esta fase, ocorre um intenso questionamento de alguns aspectos relacionados ao “eu”, o sujeito encontrando-se em uma zona de liminaridade, entre o perigo da perda de referência e a oportunidade da descoberta de si mesmo. No relato de alguns entrevistados¹³⁸, menciona-se o investimento na carreira vigente (em cursos de especialização e pós-graduações), ainda que as dúvidas quanto a prosseguir ou não naquela profissão já tivessem surgido. Era como se fosse preciso dar “mais uma chance” às antigas carreiras, ter uma prova concreta da “perda da paixão”, do “fim de caso” (expressões dos informantes) para permitir-se aventurar por algo novo. O tempo todo estava em jogo o risco da perda da antiga identidade – e a ausência de uma nova, que ainda deveria ser construída e poderia não dar certo. Seria muito mais fácil – pelo menos segundo disseram vários informantes ao longo das entrevistas – encarar a insatisfação como uma crise passageira e tentar uma reaproximação com a profissão exercida, antes de decidir-se por uma nova conquista.

¹³⁸ Thomas, Fábio, Marcelo e Inês (esta última será mencionada no 4º capítulo, a seguir).

A pós [graduação] foi uma maneira de começar a tomar a decisão, eu ainda estava muito perdido e muito dividido. Aí comecei a fazer um curso de extensão em Direito na UERJ (...) Eu ia para aquele curso e não tinha mais a menor vontade de aprender aquilo. Pensava: 'Meu Deus, acho que realmente estou certo, eu não quero isso mesmo (...)'. Aí eu falei: 'bom, acho que está na hora de começar a fazer tentativa e erro, queimar etapas, fazer um curso de Marketing porque, se eu não fizer, também vou ficar a vida inteira com esta dúvida na cabeça (Fábio).

Eu fui fazer a pós em Segurança de Sistemas. Durante o curso, eu ainda estava muito voltado para a Informática. Mas, assim que ele acabou, a motivação que eu tinha, de "dar um gás", de ir buscar uma mudança na área, foi uma enorme queda de estímulo. E aí comecei a pensar: 'vou buscar outra coisa realmente' (Thomas).

Citando Strauss (opus cit.:51), "a reavaliação de atos passados e o aparecimento da surpresa em atos presentes conferem aos homens futuros indeterminados". Contudo, tal incerteza, apesar de causar uma certa confusão e aumentar a insegurança e os receios, abre uma janela para o novo e uma perspectiva criativa, aumentando o "potencial de metamorfose" (VELHO, 2003).

Me deu uma insegurança, por incrível que pareça. Caramba, você com quase 50 anos estar insegura! Mas é porque você está entrando em um ramo, em uma coisa totalmente nova pra você. Por mais que você pense, 'estou estudando', é um campo novo que já tem um monte de gente com experiência de 30 anos (...) É medo de não conseguir (...) retorno financeiro e poder viver disso (Camila).

Há vários relatos de sacrifício por parte dos que vivenciam o processo de mudança. As privações descritas são de vários tipos, desde a financeira até as relacionadas ao tempo e ao lazer. Há, no entanto, uma visão romântica quanto ao futuro, de que a "dor" é parte importante para a valorização da felicidade futura. Na verdade, alguns entrevistados afirmaram que estudar todos os finais

de semana e sacrificar seus relacionamentos pessoais eram contingências necessárias, não apenas para revalidar permanentemente seu desejo pela nova carreira, mas para além disso, sentirem-se, de fato, merecedores de uma “nova carreira”. É como se o sacrifício fosse um presságio positivo, os habilitando à conquista da felicidade futura, os ajudando a lidar com o medo contínuo de não terem êxito na nova empreitada e perderem seu lugar na antiga profissão.

Estou disposto a trabalhar até de graça, desde que depois de algum tempo, se eu fizer um bom trabalho, tenha chances (...) Eu me preparei, eu juntei um dinheiro para poder viver durante esta transição (...) Já que dinheiro é tão importante na vida da gente, [isso] anuncia bem o sacrifício que [eu] estaria disposto a fazer (Fábio).

Vou te falar, é muito difícil. Eu para fazer isso, abri mão da minha vida pessoal. Simplesmente, assumi que durante este período — de estar conciliando trabalho com estudo — eu iria me tornar uma máquina. Então, eu não faço praticamente nada do que me dá prazer, nada do que eu queira fazer, não tenho uma vida propriamente. Só exerço alguns poucos papéis. Então, sou o funcionário da empresa, sou o estudante de Psicologia, sou o resto de alguma coisa que sobrou durante o dia, caindo na cama, dormindo. E, no final de semana, se eu quiser chegar até o final do curso, eu tenho que aproveitar o meu tempo livre para estudar (...) Constantemente, coloco isso em questão, e sempre fica muito claro pra mim que o caminho é esse mesmo (...) Se fosse algo que eu tivesse avaliado mal, certamente não continuaria motivado depois disso tudo, depois de um ano e meio sem viver (...), depois de ter me custado dois relacionamentos. Isso teve um custo razoável para mim (...) Acho que posso ter a certeza absoluta de que a Psicologia é o caminho que tenho que seguir (Thomas).

A preparação para a nova profissão inclui tanto o aprendizado, quanto as restrições e limitações que o acúmulo de atividades impõe. Este processo é percebido pelos entrevistados como parte integrante do novo trabalho. Funciona

como uma forma de exercitarem-se na nova profissão e também de formar um caráter compatível à prática da nova carreira. Wacquant, em *Corpo e Alma* (2002), uma etnografia sobre a carreira do lutador de boxe - realizada em um ginásio de boxe, em uma comunidade negra e de baixo poder aquisitivo, em Chicago - descreve o papel do sacrifício na relação do boxeador com o seu treinamento. Sacrifício do qual fazem parte a disciplina rigorosa, a dor física, as restrições (dietas alimentares rígidas, sem gordura, álcool etc.; abstinência sexual antes das lutas), o controle das emoções e a rotina de preparação física, que inclui muitas horas diárias de exercícios pesados. Tal rotina constitui-se, — mais do que as lutas, propriamente — em elemento modelador do lutador de boxe. Um bom boxeador se forma por intermédio de seu comprometimento com este processo, responsável por instaurar-lhe o “caráter” necessário para o exercício de tal atividade.

Outra questão, presente no discurso dos que estão planejando¹³⁹ ou que estão em meio à mudança de carreira, é aquela relativa aos desafios enfrentados no processo de “metamorfose” profissional. Em geral, os compromissos com a carreira em curso direcionam os rumos, funcionando como uma “âncora identitária”, em torno da qual gravitam os grupos de filiação.

Everett Hughes (1971) nos lembra que uma carreira não inclui somente o aprendizado de habilidades e técnicas, mas direciona um “ethos” e uma “visão de mundo”. Constitui-se em uma “província de significado” (SCHUTZ, 1971 e 1979), até porque o engajamento na primeira escolha profissional pressupõe um investimento prévio, adesão, comprometimentos¹⁴⁰, adaptações emocionais e relacionamentos com determinados grupos, definindo uma imagem, uma identidade, um “status” anterior (ver BECKER, 1977 e STRAUSS, 1999).

¹³⁹ Em geral, os sentimentos de medo e desconforto encontram-se mais vívidos entre os que estão na fase de questionamento ou em meio à mudança profissional.

¹⁴⁰ No sentido de “commitment”, como empregado por Becker. O autor define o conceito como relativo àqueles mecanismos específicos que provocam constrangimentos ao comportamento do ator social (1977:273) e como um “processo através do qual diversos tipos de interesse, tornam-se ligados à preservação de certas linhas de conduta que lhes parecem ser formalmente afastadas” (1963:27), tradução minha.

Para mudar de profissão é preciso abandonar um antigo “status” e aventurar-se por um novo caminho que pode ou não dar certo. É dar um salto de uma “província de significado” para outra. A aposta faz parte do processo e está implícita no discurso de todos os entrevistados, sendo considerada “de alto risco” pois, conforme pontua Hughes (opus cit.), o trabalho é uma dos aspectos considerados mais importantes na constituição da identidade do sujeito. Uma ocupação não apenas indica a natureza das tarefas e atividades exercidas por uma pessoa, mas também investe este sujeito de um valor e de um prestígio específicos. Além disso, como lembra Howard Becker, “o quadro de referências do estudo de carreiras é, ao mesmo tempo, o quadro de referências das identidades pessoais” (1977:259), (tradução minha).

Os entrevistados relatam, em um primeiro momento — quando ainda na fase de planejamento da mudança — estarem em busca de — novas habilidades pessoais e de maiores informações sobre outras carreiras — muitas vezes passeando por diversos cursos e “flertando” com várias possibilidades. Conforme relatam, é quando ocorre a identificação com um dos caminhos, com uma das alternativas buscadas, que ocorre o momento decisivo, no qual sentem o imperativo de mudar de rumo. Identificam ser este o momento de correr o risco. Como nos lembra Howard S. Becker (opus cit.), as identidades profissionais não são fixas, mas se movem, se alteram e se (re)constroem a cada momento, oferecendo renovadas oportunidades — tanto de sucesso, quanto de fracasso — devido a este caráter dinâmico.

A participação em grupos de referência profissional diferentes do seu, também é apontada pelos informantes como um aspecto importante no direcionamento da mudança, por provocar uma ampliação da percepção, um olhar para novas “zonas de relevância” e de interesses (inclusive relativos a novas profissões) e um aumento no “estoque de conhecimentos”. É através da interação com

múltiplas “províncias de significado” (SCHUTZ, 1971 e 1979) que o sujeito se individualiza, aumentando o potencial de cultivo de si (*bildung*).

Simmel, no texto “Group expansion and development of individuality” (1971), ressalta que uma pessoa aumenta sua possibilidade de subjetivação e de individualização quando participa de vários grupos, com interesses diversos. Ampliando sua participação em diferentes círculos sociais, os indivíduos ampliam suas fronteiras, tornando-as mais elásticas, na medida em que são expostos a uma multiplicidade de formas de viver e pensar. Tal exposição à diversidade, permite aos indivíduos selecionar as matrizes ideológicas que mais se coadunam com as suas próprias, individuais, proporcionando, desta forma, a singularização destes sujeitos. Strauss também menciona este alargamento da experiência individual produzido pela diversidade de interações em múltiplos grupos, argumentando que “se alguém se associa apenas com seus pares tem menos chance de uma mudança conceitual radical” (1999:47).

A vivência em grupos mais amplos também possibilita maior mobilidade e diversidade na escolha de papéis e identidades. Quanto menor é o grupo, mais ele impõe ao sujeito o seu “ethos” e a sua “visão de mundo”, restringindo os “potenciais de metamorfose” individuais.

Pode-se dizer que os entrevistados visaram, em suas trajetórias individuais, o incremento de suas “culturas subjetivas”, conceito de Simmel que se traduz na medida de desenvolvimento pessoal e espiritual. Ao conhecerem-se melhor e experimentarem o mundo, os informantes começaram a desejar mais “autenticidade” (termo usado por um deles) em suas vidas, a querer algo que lhes expressasse o “self”.

Essa busca por um alargamento da experiência pessoal — aí incluída a vivência de novos caminhos profissionais — configura, de certa forma, o modo como os entrevistados compuseram a narrativa de suas vidas, utilizando-se dos

instrumentos disponíveis na cultura objetiva para aprimorarem-se e cultivarem-se, mas também para encontrarem uma maior harmonia (e sentido na) com a realidade exterior, ou seja, um novo lugar no mundo.

Na verdade, é como se a antiga profissão — ou a forma de relacionar-se com ela — fosse causadora de infelicidade por ser “espúria”, não autêntica, não expressar o “self”, não vestir o sujeito como uma “segunda pele“. Os entrevistados procuram, de fato, o que Sapir denominou “cultura autêntica”, “harmoniosa, equilibrada e a si mesmo satisfatória” (1970:291), e que se contrapõe à “cultura espúria”, tecnologicamente desenvolvida, mas não harmônica. Neste mesmo texto, Sapir se utiliza do exemplo do índio e da telefonista, alegando que o primeiro, apesar de viver em uma sociedade tecnologicamente menos desenvolvida, está em harmonia com a sua cultura, pois todos os artefatos disponíveis para seu trabalho fazem sentido para ele; o mesmo não ocorre com a telefonista, que se sente “esgotada” por esta cultura, pois perdeu o contato com a essência criadora de seu trabalho.

De uma certa maneira, os entrevistados sentem-se — no momento em que estão questionando suas carreiras e buscando uma nova representação para si próprios — como a telefonista de Sapir: alienados sobre si mesmo, “despossuídos de si”, praticando uma atividade que não combina com suas buscas internas e espirituais. É este descompasso entre o “eu” interior e o trabalho praticado que causa o “mal estar” e promove a busca por um novo caminho.

Se eu não tivesse, hoje, tanta certeza de que eu vou mudar de carreira, que é o meu desejo, eu já tinha ‘surtado’ (Ana Cristina).

Agora, eu descobri que a loga é melhor do que a Enfermagem. Lida com um canal de energia mais profundo (Camila).

5 - CAPÍTULO 4: Configurando um sentido para a trajetória. Um olhar retrospectivo

Pode-se conciliar identidades passadas ou fazer com que pareçam uniformes, apesar de sua aparente diversidade, se, pelo menos, puderem ser abarcadas em uma interpretação unificada. Anselm Strauss, 1999.

O objetivo deste capítulo é o de refletir sobre a mudança a partir do olhar retrospectivo de sete informantes que realizaram deslocamentos em suas carreiras, já há algum tempo. Falar sobre o passado, sobre acontecimentos no pretérito, necessariamente tangencia as questões relativas à memória, à capacidade de recapitular eventos já ocorridos. Também coloca a questão da ordenação desta memória, de como estes eventos são alinhavados entre si, sofrendo contínuas reavaliações ao longo do tempo.

Nas palavras de Strauss (1999:147), “equipado com novas experiências, todo mundo descobre novos sentidos e ordenamentos em sua carreira”, sendo a memória constantemente “negociada”, como nos mostra Portelli (2002:103-130)¹⁴¹, à medida em que se dão novos acontecimentos. Os sujeitos, ao vivenciarem novas experiências, transformam-se a si próprios, passando a atribuir novas hierarquias a seus interesses, unindo-se a novos grupos e afastando-se de outros. Este processo modifica suas opiniões sobre os eventos passados e interfere na forma de ordenar e narrar os episódios anteriormente vivenciados¹⁴².

¹⁴¹ Analisando um episódio ocorrido em 1944, na cidade de Civitella Val Del Chiana, Toscana, Portelli mostra como a memória sobre um mesmo evento pode ser diversificada, contraditória e sofrer deslocamentos ao longo do tempo. Trata-se da rememoração de um massacre de vários civis italianos pelas tropas alemães, em represália ao assassinato de 3 soldados germanos por membros da Resistência Italiana. Este mesmo episódio abrigou diversas versões, muitas vezes conflituosas e contraditórias, das partes envolvidas. Logo após o massacre, os grupos (civis sobreviventes e membros da resistência) possuíam uma determinada versão sobre o ocorrido e sobre as atribuições de responsabilidade aos grupos que participaram do episódio. Anos depois, no entanto, as opiniões eram completamente diferentes e influenciadas pela posição destes atores no jogo político momentâneo.

¹⁴² A reavaliação operada pelos informantes, ao longo do tempo, também faz parte da reflexão de Willian Foote Whyte, que consta do anexo de *A Sociedade da Esquina* (2005), escrito 50

Os eventos só são ordenados após terem-se tornado passado, depois da ação já ter sido realizada. Esta classificação, como todo processo de ordenação, é arbitrária, sendo, em parte, determinada pelo sujeito do discurso, que agrupa os acontecimentos, emprestando-lhes um sentido que melhor se adequa à sua “apresentação de si”; por outro lado, a classificação deve ser também entendida dentro de um contexto sócio-histórico específico. Assim, os relatos que os informantes produzem a respeito de suas carreiras são simbolicamente ordenados, hierarquizados e “editados” conforme suas “visões de mundo” e, tanto devem ser coerentes com a “imagem” de si que pretendem apresentar, quanto dialogar (mesmo que de forma conflituosa) com os personagens de seu tempo.

anos após sua publicação original, em 1943. O autor relata, nesta parte do livro, como alguns dos principais líderes dos grupos por ele estudados mudaram de opinião com o decorrer dos anos. Doc, por exemplo, foi mais do que um informante-chave, tornou-se “colaborador” de White, fornecendo durante a pesquisa “acesso” à comunidade e às redes de sociabilidade locais, contribuindo com interpretações sobre os acontecimentos e dando opiniões na leitura dos originais. Depois que a pesquisa terminou, houve, no entanto, um afastamento entre Doc e Whyte — em parte natural, devido aos diferentes estilos de vida e carreiras trilhadas, mas por outra, causado pelo efeito que as memórias foram tendo sobre Doc, conforme o tempo foi passando. Logo após a publicação do livro, Doc aceitava convites de Whyte para falar para estudantes universitários e chegaram a se encontrar algumas vezes, nas ocasiões em que Whyte ia a Boston. Passados alguns anos, no entanto — na última vez em que Whyte procurou por Doc — ele esquivou-se de um encontro. Whyte especula que tal afastamento se deva ao fato de *Sociedade da Esquina* ter trazido prestígio para seu autor, mas não necessariamente para Doc. Outra hipótese levantada pelo autor é a de que, talvez, as memórias sobre “os rapazes da esquina” tenham ficado num passado tão distante, que Doc já não queira mais falar sobre elas ou relacionar-se com pessoas que, de alguma forma, tenham a ver com aquele contexto. No mesmo anexo, Whyte também narra seu encontro com Chick Morelli, representante dos “rapazes formados”, cujo projeto de ascensão social dava-se por intermédio da educação formal superior e pelo esforço em enquadrar-se nos códigos ditados pelo “*american way of life*”, bastante distintos dos da “comunidade italiana”. Whyte procurou Chick, alguns anos depois, preocupado com “o efeito que o livro poderia ter produzido nele” e ficou surpreso com o que encontrou. Chick, que na época da pesquisa mostrava-se extremamente ambicioso, ainda se encontrava no distrito, embora não no bairro (não havia se mudado para áreas mais influentes) e apresentava uma atitude bem diferente da narrada nos tempos da observação-participante. Ele, inclusive, lidou com sua descrição no livro de uma forma bem melhor do que a esperada por Whyte. Admitiu que o que havia sido escrito era “verdade”, ponderando, apenas, que as narrativas poderiam ter sido melhor contextualizadas e “suavizadas”, afinal, eles eram jovens, estavam em uma situação de descontração e ele não se via exatamente como o “tipo duro” e insensível descrito por Whyte — além disso, já havia mudado bastante desde aquela época, talvez, como sugere o autor, até mesmo por influência da própria leitura do livro.

O procedimento de falar a respeito de si próprio, com um olhar retrospectivo, não deixa de remeter a um processo de “arquivamento da própria vida” (ver ARTIÈRES, 1998:9-34), pois o sujeito que narra, manipula seus dados no “banco da memória”, suprimindo ou destacando certos acontecimentos em detrimento de outros, da mesma forma como costumamos proceder ao elaborar um *curriculum vitae* ou uma carta de apresentações. Naturalmente, este “arquivamento de si” não constitui uma prática neutra e imparcial, sendo também, segundo Artières, uma “prática de construção de si mesmo e de resistência” (opus cit.:11). Saber “narrar-se” de forma coerente e consistente faz parte da constituição do “self”.

Bourdieu (2002) alerta para o risco da “ilusão biográfica” na narrativa das trajetórias, tanto por parte dos informantes, quanto por parte do pesquisador, que não deve naturalizar ou aceitar como “verdade” o que está sendo relatado. O autor argumenta que as autobiografias tendem a reconstituir as trajetórias como uma sucessão de acontecimentos lineares — como uma “estrada” — ordenadas de forma lógica e coerente, com início, meio e fim. A cronologia acaba sendo um “fio condutor” a unir entrevistado e entrevistador, fazendo crer que a vida é uma história e tem um sentido, no qual as incoerências e ambigüidades ficam de fora.

Para Bourdieu, a autonarrativa é sempre uma “ilusão”, por partir do pressuposto da constância sobre si mesmo, de que há uma unicidade no sujeito que enuncia — não considerando as contradições, as pluralidades e as fragmentações vivenciadas pelos indivíduos em seus diversos papéis. Chama a atenção para o fato de que a descontinuidade faz parte da trajetória, embora haja um esforço do narrador em omiti-la, pelo fato do mundo social identificar a normalidade nos sujeitos que se expressam de forma coerente. Bourdieu também adverte sobre a impossibilidade de se reconstituir uma trajetória sem a análise e a compreensão das “relações objetivas”, ou seja, sem entender o contexto em que a trajetória se

desenrolou e os espaços que ligam um “agente” a outros, interagindo em um mesmo “campo”.

O entendimento das restrições e das possibilidades que os informantes desta pesquisa experimentaram deve se dar, naturalmente, dentro do contexto sócio-histórico em que se desenrolaram. Neste universo, as transformações vivenciadas são sempre positivadas, encaradas como um meio de acompanhar as mudanças individuais e sociais, havendo uma enorme valorização da “flexibilidade” e da capacidade de reinvenção no contexto ocidental moderno. A possibilidade da escolha e de ser sujeito e agente é socialmente privilegiada. No entanto, como nos lembra Elias, “nem sempre cabe à pessoa decidir se seus desejos serão satisfeitos ou até que ponto o serão, já que eles estão sempre dirigidos para os outros e para o meio social” (1995:13).¹⁴³

Em uma “sociedade complexa” como a nossa, convive-se, evidentemente, com múltiplos planos e dimensões da “realidade socialmente construída”(ver VELHO, 2003:24-30). Os sujeitos transitam por várias esferas da vida, exercendo diversos papéis, muitas vezes conflitantes entre si. É esta multiplicidade de experiências em grupos distintos, este trânsito permanente por diferentes dimensões que proporciona uma maior individualização ao sujeito e intensifica o “potencial de metamorfose”, que se traduz em uma possibilidade de reinvenção em meio a um processo de “negociação da realidade”. Conforme ressalta Facina (2004:30-31), o conceito de “metamorfose”, elaborado por Gilberto Velho, é importante por não postular a “coerência do sujeito”, não reivindicar uma

¹⁴³ Em *Mozart. Sociologia de um Gênio*, Norbert Elias (1995) nos mostra como as concepções de genialidade e de talento são socialmente construídas. Mesmo em uma época de transição, há anseios que são factíveis dentro de um “campo de possibilidades” e outros que não os são. Mozart desejava estabelecer-se como artista autônomo em meio a uma sociedade que ainda não estava preparada para reconhecer o talento individual. Beethoven, que nasceu 15 anos depois de Mozart, conseguiu — não sem constrangimentos — certa independência em relação à estrutura da corte, tendo mais possibilidades de demonstrar seu talento. Na época em que Mozart viveu (na Alemanha, do séc XVIII) já existia um mercado livre embrionário para a arte literária, dando espaço para o surgimento de um “escritor autônomo”, mas ainda não havia lugar para os músicos à margem da estrutura cortesã. De uma certa forma, Mozart antecipou o seu tempo e acabou experimentando as conseqüências de seu desejo de mudança: tornar-se independente antes do tempo.

identidade congelada e imutável e, por outro lado, tampouco encará-lo como portador de uma plasticidade sem limites.

As identidades, assim como as carreiras, apesar de preverem “um curso mais ou menos ordenado”, não são “fixas em termos de pontos de vista ou direção”, carregando consigo as possibilidades de metamorfose e de mudanças ao longo da vida (HUGHES apud FACINA, 2004:212). Sendo a carreira constitutiva da história de vida de um sujeito, sua elaboração considera os projetos e a “negociação da realidade”. Nesse sentido, as “metamorfoses” não deixam de ser uma forma de lidar com a construção social da realidade e de dar conta dos dinamismos dos projetos (ver VELHO, 2003).

Os informantes aqui analisados, ao falarem sobre si, demonstram enquadrar-se exemplarmente no processo de “metamorfose” descrito por Velho (2003), pois, ao “mudarem”, sempre “guardam algo da forma anterior” (VELHO, opus cit.:8). Os entrevistados relatam não sentir-se rompendo com o passado ao adotarem uma nova identidade profissional, vendo-se como agentes e vetores de uma transformação elaborada, inclusive, a partir dos conteúdos de sua própria experiência. Assim, concebem-se como pessoas “em transformação permanente”, mas que mantêm sua essência, sua coerência. Aliás, as transformações profissionais ocorrem justamente para que tal coerência seja preservada, para que eles continuem sintonizados com seus “verdadeiros selfs”. Por isso, defendem sua “essência mutante”, de pessoas flexíveis e abertas ao novo, percebendo a atividade profissional como uma expressão desse “eu”.

A nova mudança já está acontecendo. Na realidade, acho que sou uma pessoa em crise. Eu vivo as crises, elas aparecem. Então, eu sou um estado de crise constante, na medida em que vou permitindo as mudanças (...) Mas eu não rompo com as coisas. Acho que sempre tive esse negócio da Engenharia Metalúrgica, essa coisa de transformação (...)Eu costumo dizer para as pessoas que eu não estou mudando, estou acrescentando um olhar (Inês).

Nunca tive medo de mudança. Sempre me arrisquei, ousei. Só não sou irresponsável (Hugo).

A minha profissão está intimamente ligada à minha história de vida. Todas essas mudanças não estão só na área profissional, são mudanças minhas mesmo, na minha forma de pensar, na minha forma de me relacionar, de ver o mundo (Inês).

Ao longo de suas vidas, os informantes desta pesquisa vivenciaram eventos diversificados, interagindo com outros grupos e novas situações. Tal experiência os afetou, expandindo suas consciências e fazendo com que adquirissem novas percepções a respeito de si próprios. Este processo é por eles entendido não de forma “fatalista”, mas como parte integrante da própria vida. Para meus informantes, esta “afinação” e receptividade “ao destino”, no sentido empregado por Simmel (1986), é um sinal de sabedoria e um “traço” que identificam e valorizam em suas personalidades.

Em “El problema del destino”, Simmel (1986) afirma que os indivíduos estão submetidos a um duplo movimento: por um lado, encontram-se direcionados por suas próprias inclinações subjetivas e, por outro, “entregues à mobilidade cósmica” (opus cit.:37-38). O destino seria a síntese destes dois fatores, apenas “determina[ndo] a vida de um sujeito, por ele ter escolhido, em virtude de certa afinidade, se ligar a determinados acontecimentos e lhes [dar]desse um sentido através do qual ele se transforma em ‘seu destino’” (idem:40).

Ao falarem de suas vidas no pretérito, os entrevistados compuseram suas “ilusões biográficas”, procurando destacar elementos que demonstravam a constância de si e recortando acontecimentos que marcaram seus “destinos”. Alguns episódios internos (como depressão, insatisfação) e externos (como a perda de um emprego ou a morte de um familiar) foram utilizados, em conjunto ou separadamente, para justificarem o “momento da mudança”, ressaltando uma

forma particular – mas, ao mesmo tempo compartilhada, já que várias pessoas produziram relatos semelhantes – de organizarem os acontecimentos de suas vidas. Quando se olha a partir de uma posição específica e reflete-se sobre os eventos que marcaram, até então, uma determinada trajetória, é preciso selecionar alguns episódios que, apesar de vividos, encontravam-se fragmentados, não possuindo necessariamente alguma conexão. Esta justaposição de fatos é realizada a *posteriori* e reflete os projetos do sujeito-narrador, naquele momento particular de produção da narrativa. Assim, pinçar pedaços do passado torna-se fundamental para dotar de sentido uma determinada história de vida. Um sentido que apresente os sujeitos não como fragmentados, à beira de uma ruptura individual, mas como pessoas múltiplas, porém inteiras¹⁴⁴.

¹⁴⁴ Esta “edição” das experiências passadas – a partir dos interesses do momento atual, do papel que desempenham e da “apresentação de si” que desejam transmitir – efetuada na construção das histórias de vida, é relatada tanto em trabalhos acadêmicos, como encontrada em entrevistas sobre a trajetória dos próprios cientistas sociais, como Becker e Geertz. Becker, em entrevista à revista *Estudos Históricos* (1990), realizada por Gilberto Velho, Alzira Alves de Abreu, Maria Ignez Duque Estrada e Vera Costa, relata como tornou-se um acadêmico. Segundo suas próprias palavras, um pouco por acaso, sem querer muito este caminho. Na verdade, desejava ser músico. Tocava piano desde os 12 anos de idade e, quando foi para a universidade, ingressou também para o mundo do jazz, tornando-se profissional. Nesta época, chegou a pensar em abandonar os estudos universitários. Só não o fez porque seu pai “não queria nem ouvir falar nisso”. Terminou a faculdade e foi para a pós-graduação, prosseguindo com a carreira de músico e usando-a como “experiência etnográfica” em sua dissertação de mestrado. Depois seguiu adiante com o doutorado e tornou-se assistente de pesquisa. Chegou uma hora, como ele mesmo diz, que já havia estudado tanto e se “comprometido” tanto com o meio acadêmico, que optou por continuar nesse caminho. Clifford Geertz, em “Paisagem e acidente: Uma vida de aprendizagem” (2001), também relata como tornou-se antropólogo, situando sua trajetória no contexto da época. Ele era um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, que crescera no meio rural durante a depressão e que teve a oportunidade de ingressar na universidade devido às bolsas concedidas pelo governo para veteranos de guerra. Nesta época, desejava ser escritor, mas acabou abraçando a oportunidade – sugerida por um ex-professor de inglês – de ingressar no ensino superior. No final da graduação, como não tinha um emprego à vista e já estava casado, resolveu candidatar-se ao doutorado, junto com a sua mulher. Pediu sugestão de curso a um professor e este sugeriu antropologia. É assim, com este jeito *blasê* que ele descreve sua entrada na “antropologia”, da mesma forma como conta, com relação à sua pesquisa em Bali (1989), como ele e a mulher tornaram-se aceitos pelos nativos, “deixando de ser invisíveis” Foi um golpe de sorte: ao assistirem a uma briga de galos em praça pública, correram e se esconderam da batida policial como se fossem balineses (a briga de galos, apesar de ser constituinte do estilo de vida balinês, é ilegal). Com relação à análise da construção de trajetórias efetuada em trabalhos acadêmicos, Karina Kuschnir – em *O Cotidiano da Política* (2000) – nos apresenta o relato da história de vida de Marta Silveira e a forma como ela menciona ter entrado para a política (para ajudar o pai e por influência de Marcelo Alencar, não necessariamente por um projeto próprio). Mas já que era candidata, resolveu “entrar para

Em alguns relatos, há repetições de características e de padrões de comportamento e os narradores fazem questão de enfatizá-los para demonstrar que eles teriam sido os responsáveis pelo que, em última instância, eles acabaram se tornando no presente. Na verdade, seguiram sua “essência”. Frases como eu “sempre tive um temperamento empreendedor” e “nunca me importei em correr riscos” (presentes no discurso de Hugo, descrito a seguir); ou ainda, “tenho dois lados e precisava me desenvolver nos dois”, “sou meio camaleoa”, “não tenho medo de mudar” (encontradas no depoimento de Elisa) foram recorrentes e, de alguma forma, permearam todos os discursos com o intuito de justificarem a orientação para a mudança.

Eu acho que tenho todas essas partes em mim. O lado engenheiro que acomete o lado racional, em determinados momentos muito fortemente, e tem esse lado artístico, que parece que não combina, mas é também muito forte (...) Hoje, eu posso fazer uma avaliação que desde criança eu tinha todas essas coisas dentro de mim. Algumas, pela minha formação, foram sufocadas e tampadas por esta coisa de ganhar dinheiro (Javier).

Os entrevistados, em seus relatos, mostraram mais do que um direcionamento para a mudança, a entendendo como constitutiva de suas próprias personalidades. Pelo menos quatro dentre eles (Elisa, Inês, Leila e Hugo) mudaram mais de uma vez de profissão e estão abertos para novos caminhos, para onde “o destino” os levar. Outros três (Marta, Pedro e Javier) declararam estar pensando em novas transformações. Javier diz querer fazer algo diferente e tem alguns planos em mente, Marta acredita que seu ciclo como acadêmica – ligada à Administração de Empresas – esteja terminando e Pedro deseja investir em algo diferente da música, ainda que somente por hobby.

ganhar” , procurando alinhavar sua experiência como psicóloga (saber ouvir as pessoas) às demandas de sua nova atividade.

Com certeza, eu acho que meu ciclo de professor pesquisador vai se encerrar. Não sei quando, como o ciclo de Informática encerrou (...) Acho que deve ser daqui a uns seis ou sete anos. Não sei, mas devo começar um novo ciclo em alguma outra área que não tenho a menor idéia. Pode ser que eu vá fazer Filosofia, por prazer de estudar, de estudar em nível de abstração cada vez mais alto, pode ser também que eu vire uma ceramista. Pode ser que eu resolva viajar. Não tenho a menor idéia (Marta).

- *Você pensa em uma quarta profissão?*

- Penso! (exclama). Eu tenho 49 anos. Quantos anos mais eu vou viver? Até uns 80, 75. Tenho mais 30 anos. Vou ficar fazendo só uma coisa? Não! (risos). Eu gosto muito de mudar (...) Não sou japonês que entra na empresa, passa nela a vida e só sai na aposentadoria. Eu quero fazer coisas diferentes (...) Mas não acho que seja uma coisa volúvel não. Porque tudo o que eu fiz teve começo, meio e fim (Leila).

5.1 – Uma descrição das trajetórias

*Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo* (Raul
Seixas – letra da música Metamorfose Ambulante)

1. Pedro, 38 anos, casado, com um filho, morador da Zona Norte, oriundo de uma família de origem “muito humilde”, “uma família de negros” (palavras do entrevistado), que morava no subúrbio, em um bairro relativamente próximo (cerca de 20 minutos, segundo seu depoimento) à Madureira. O cotidiano de Pedro ficava bastante restrito ao bairro: ir à escola, andar de bicicleta, conversar com amigos. Conta que uma pessoa do subúrbio fica “meio alheia a tudo” e acaba se fechando no próprio bairro. Influenciado, no entanto, por sua mãe – que era professora de

ginásio¹⁴⁵ – cursou o 2º grau em Edificações, em uma reconhecida escola técnica da Zona Norte. A saída do bairro para fazer o 2º grau abriu seus horizontes e, segundo Pedro, o impulsionou a tentar a universidade e a ter um futuro bem distinto do de seus amigos (ele conta que um deles foi pai aos 18 anos, outro foi assassinado pela polícia e outro, ainda, “fazia muita besteira”). Ele foi o primeiro da família a chegar ao curso superior. Na época do vestibular – que prestou sem ter feito cursinho, apenas com a base do 2º grau técnico – inscreveu-se em Arquitetura (1ª opção) e Geologia (2ª opção), por gostar de desenho e por estas profissões estarem mais próximas ao curso técnico que havia feito. Passou para a primeira opção (2º semestre) em uma universidade federal. Neste ínterim, fez o estágio requisitado pelo curso técnico. Até entrar na universidade, Pedro ainda não havia tido um apelo muito forte pela música. Seu contato mais freqüente com ela dava-se durante os cultos evangélicos, quando assistia algumas pessoas tocando instrumentos musicais. A ida para a faculdade, segundo ele, “abriu definitivamente sua cabeça”. Lá, passou a ter contato com “pessoas de outros mundos”, conviver com “uma mistura bem heterogênea” de estilos de vida e classes sociais. Também foi na faculdade que começou a interessar-se por música, pois lá eram freqüentes as apresentações gratuitas de conjuntos famosos, às quais ele sempre assistia. Também ouvia muito rock e ia com amigos (da faculdade) a shows de “heavy metal” no Circo Voador. Começou a circular neste ambiente onde fez amigos e, a partir daí, montaram um grupo de rock “pesado”. Vendeu sua bicicleta para comprar um baixo (resolveu investir neste instrumento porque violão era comum demais e bateria, inacessível a seu poder aquisitivo). Continuava, no entanto, a assistir a shows. Em um deles (de música instrumental) conheceu um músico profissional e pediu que ele lhe desse aulas. Começou, então, a investir no aprimoramento técnico, aprendendo também contrabaixo com outro professor. Deixou o grupo de rock, pois, com o estudo, seu estilo

¹⁴⁵ Tendo feito um curso de Licenciatura mais curto, que lhe permitia lecionar no ginásio.

havia evoluído mais do que a banda amadora comportava. Continuava a estudar em toda brecha que aparecia. Durante a faculdade, cursava as disciplinas (contou que era bom aluno, tendo se formado com média oito), estagiava e, nas horas vagas, ainda estudava música. Também começou a “puxar” matérias de música como eletivas, fora de seu departamento. Pedro relatou ter estagiado em Arquitetura em dois ou três lugares, tendo sido contratado pelo último – uma empresa de franquias de lanchonetes – como prestador de serviços, projetando lojas que deveriam ter a mesma identidade visual de todas as demais unidades. Nesse meio tempo, continuava ensaiando, estudando música e tocando quando era convidado. Foi nesta mesma época que seu ex-professor e amigo começou a lhe arrumar alguns trabalhos e sua carreira de músico começou a deslanchar. Naturalmente, deixou de trabalhar como arquiteto. Diz que sua paixão era, de fato, a música, mas gostava de Arquitetura, embora nunca conseguisse estabelecer uma relação formal com ela, devido à restrição deste mercado de trabalho. Conta que, dentre os 50 alunos de sua turma de Arquitetura, apenas três saíram da faculdade com empregos formais. Anteriormente, no entanto, a música não era encarada por ele como uma profissão. Sua família torcia pelo “Pedro arquiteto” e achava que música era coisa de “vagabundo”. Essa visão só se transformou, segundo o entrevistado, após ter conseguido firmar-se no mercado da música, fazer sucesso. Pedro diz que como músico, no Brasil, já chegou ao local onde poderia chegar, tendo tocado com grande parte dos cantores conhecidos e lecionando. Ele gostaria de dedicar-se mais a seu trabalho como músico instrumental (ele é também compositor). Mas acredita que tal empreendimento só seria bem sucedido no exterior, visto que, no Brasil, não há mercado para a música instrumental. Seus projetos incluem estudar outras coisas, abrir outros campos para além da música. Pensa em fazer Mestrado em Arquitetura para poder dar aula, mas sem abandonar a música. Pelo menos, era isso

- o que desejava no momento em que me concedeu a entrevista para esta pesquisa.
2. Elisa, 44 anos, casada, sem filhos, moradora da Barra da Tijuca, mineira, oriunda de uma família de classe média. Foi para São Paulo cursar a Faculdade de Letras. Os pais pagavam o curso universitário e ela morava com a avó, mas a renda para a manutenção pessoal ficava por conta da entrevistada que, para ganhar dinheiro, trabalhou, em meio expediente, como recepcionista, secretária e operadora de telefonia bilíngüe, enquanto estudava. Conta, inclusive, que neste período costumava financiar suas saídas noturnas de final de semana, cantando e tocando violão em bares. Depois de formada, chegou a dar aulas de inglês, mas por pouco tempo. Conseguiu um emprego no setor de aviação, trabalhando na área de importação e exportação de cargas. Conheceu seu marido em um curso de transportes aéreos na Alemanha e, segundo ela, “assim teve início a sua vida nômade”, pois o marido trabalhava em área internacional, sendo constantemente transferido. Elisa morou na Alemanha, na Arábia Saudita e, quando retornou ao Brasil – para o Rio de Janeiro – resolveu cursar a faculdade de Comunicação Social por desejo de ser jornalista (sempre gostou de escrever, de ouvir e de contar histórias) e por considerar a profissão flexível, podendo ser exercida em qualquer lugar, sem muito vínculo (o jornalista pode ser correspondente internacional, *freelancer* etc.). Estagiou em grandes jornais durante a faculdade, mas não gostou do ritmo e do caráter descartável da notícia de jornal. Para ela, escrever tem que estar associado ao “prazer”. Saiu do jornal, indo trabalhar em uma revista destinada à saúde e à educação da família. Ficou um tempo nesta revista e saiu, novamente, a convite de sua chefe, para montar um projeto social de divulgação, desmistificação e ajuda aos pais de crianças portadoras da Síndrome de Down. Depois de um ano trabalhando na editora que publicava estes livros, voltou a acompanhar o marido, desta vez, transferido para o Cairo. Durante o tempo em que ficou no Cairo, não conseguiu trabalhar como jornalista

(não obteve o credenciamento necessário). Resolveu, então, fazer um Mestrado em Sociologia, enquanto estava por lá, porque sempre “gostou da vida acadêmica” e era uma “possibilidade de continuar estudando”. Considerou a experiência “fascinante”, empolgando-se muito com o estudo de uma cultura tão diferente da sua e com a multiplicidade de caminhos existentes para a vida social. Foi quando recebeu um convite de um amigo do marido para trabalhar em sua empresa de mudança para expatriados. No início, segundo ela, ficou relutante, queria dedicar-se a terminar o Mestrado e a escrever sua dissertação (sobre a relação das mulheres com os filhos portadores da Síndrome de Down no Cairo). Mas, conforme suas palavras, recebeu “uma proposta indecente” em termos salariais e aceitou porque ficou seduzida pela perspectiva de, “pela primeira vez na vida, estar ganhando bem e em dólar”. Continuou trabalhando como executiva em empresas de mudanças de expatriados mesmo quando acompanhou o marido à Alemanha (em uma de suas transferências) e, depois, quando de volta ao Rio de Janeiro. O tempo em que trabalhou nesta atividade foi bem “desafiador”, conforme disse a entrevistada, lhe possibilitando desenvolver diversas habilidades que antes não possuía (conhecimento técnico, fluência em alemão, trabalho sob pressão e visando atingir determinadas metas, gerência de equipes, atribuição de tarefas etc.). No entanto, depois de trabalhar sob tanta pressão, sendo obrigada a cumprir metas, começou a sentir-se “sugada” e não mais recompensada. O dinheiro já não lhe trazia mais satisfação, tanto que, quando recebeu a proposta para voltar a trabalhar na editora voltada para temas relacionados à inclusão social — a que divulgava informações sobre a Síndrome de Down — resolveu aceitar, mesmo com a enorme redução salarial, em troca de sua satisfação pessoal. Trabalhar em atividades sociais ainda faz parte dos projetos de Elisa. Também cogita dedicar-se a algo que a conecte com um sentido espiritual maior, não propriamente ligado à religião (ela afirma não ser adepta de nenhuma

religião), mas algo relacionado a terapias holísticas, que ajude as pessoas a se autotransformarem.

3. Leila, 49 anos, casada e mãe de duas filhas, oriunda de uma família de classe média. Graduou-se, em Economia, no final da década de 70. Na época do vestibular, ficou em dúvida entre Economia e Arquitetura, mas optou pela primeira em função da maior proximidade do campus da universidade de sua residência. Sua opção, reconhece, foi também influenciada pelo *glamour* que a Economia representava, no período em que Simonsen foi Ministro do Planejamento do governo Geisel —1975, ano em que prestou vestibular. Durante o curso, passou por diversos estágios e, ao formar-se, foi contratada por um banco multinacional para trabalhar na área de Análise de Crédito, na qual permaneceu por 10 anos e meio. Durante este tempo, mudou de ambiente (foi transferida para outra agência) e foi promovida, chegando a chefe do Setor de Crédito. No início da década de 90, durante o governo Collor, o Banco em que trabalhava - cuja operação no Brasil estava focada em pessoas jurídicas - sofreu uma reestruturação, reduzindo o seu quadro funcional, fato que afetou a área em que Leila atuava. Lhe foi oferecida a possibilidade de mudar de função, de ser gerente no atendimento a pessoas físicas, mas ela não aceitou¹⁴⁶, preferindo ser demitida. Após a demissão, chegou a receber uma proposta para trabalhar em outro banco multinacional, próximo à sua residência, em posição bastante semelhante a que atuava anteriormente. Percebeu, no entanto, que seu ciclo de vida relacionado à Economia já se havia encerrado, desejando um trabalho que lhe permitisse mais tempo livre para, dentre outras coisas, dedicar-se às suas filhas¹⁴⁷; queria mais realização pessoal. Entendeu sua saída como uma

¹⁴⁶ O escopo da nova função era muito diferente, segundo a entrevistada, requerendo habilidades políticas e de representação. Leila gostava mais da parte técnica do trabalho.

¹⁴⁷ A atitude de Leila, com relação ao trabalho, foi o que me levou a escolhê-la como informante. Não se trata de alguém que tenha sido “dispensada” e mudado de rumo por não conseguir outro emprego. Apesar do desejo de mudança ter se concretizado a partir de uma demissão (que funcionou como um momento de “tomada de consciência”), foi decisão sua não mais continuar a exercer o papel de economista — tanto que descartou outras oportunidades que surgiram neste mesmo campo.

oportunidade de repensar a carreira e fazer outras coisas. Leila menciona que, enquanto ainda trabalhava no Banco, havia iniciado um curso de tarô, como hobby. Quando deixou a Economia, não optou imediatamente por dedicar-se a esta atividade. Ficou, por um tempo, pensando no que iria fazer, chegou mesmo a cogitar abrir um negócio próprio com a indenização recebida, mas logo percebeu que comércio não era a sua “vocação”. A profissão de taróloga, segundo diz, surgiu “naturalmente”, após ter participado de um evento como “consultora de tarô” — a pedido de seu professor —, no qual conquistou algumas clientes que, por sua vez, indicaram outras. Nesta ocasião, também investiu no aprendizado de outras terapias alternativas, como florais, parapsicologia, cristais, cromoterapia e aromaterapia. É importante assinalar que na época em que atuava como “consultora de tarô”, não se identificava como tal. No início costumava definir-se como uma economista que não estava trabalhando. Depois, como terapeuta alternativa, especializada em Florais de Bach. Conta, aliás que, até hoje, só se apresenta como “taróloga” caso a outra pessoa já saiba de sua atividade, pois, segundo afirma: tarô “é uma coisa muito discreta”, que “não se pode ficar falando” para não comprometer os clientes. Na realidade, Leila resolveu partir para uma terceira profissão. Fez vestibular para “Design de Interiores”, tendo sido aprovada em uma universidade pública, na qual formou-se no ano 2000. Resgatou, de alguma forma, um “desejo” que remonta a 1975, quando prestou seu primeiro vestibular e ficou em dúvida entre Economia e Arquitetura. Hoje em dia, a entrevistada atua em diversos campos: elabora projetos de obras e de decoração, dá cursos nesta última área, e ainda trabalha como consultora de tarô e terapeuta de florais, possuindo clientes regulares em todas estas atividades. No entanto, planeja para breve trabalhar apenas com design de interiores. Leila também não fecha seu horizonte de possibilidades futuras. No momento, seu interesse volta-se para o design de interiores, mas ao longo do tempo, pode mudar.

4. Inês, 50 anos, divorciada, um filho, moradora da Zona Sul, oriunda de uma família de classe média (pai com nível superior; mãe, dona de casa). Formou-se em Engenharia Metalúrgica no final da década de 70. Seu pai queria que ela fizesse um curso superior e que este lhe proporcionasse uma “carreira de futuro”. Sua mãe imaginava para ela o magistério ou uma profissão “mais feminina”. Inês conta que sua opção por Engenharia deveu-se a um conjunto de fatores: primeiro, porque o exame psicotécnico realizado, apontou habilidade para a matemática; depois, por influência de seu pai, afinal, a Engenharia era uma profissão tradicional (“imperialista”, conforme a denominação da entrevistada). Além dos motivos já mencionados, o contexto da época também teve influência sobre sua escolha. Vivia-se a valorização das grandes obras, do discurso de um Brasil grande e forte (Inês identifica-se, inclusive, como “filha do milagre econômico”), aliadas a uma ditadura militar que, segundo afirma, também pesou em sua decisão de ingressar na área tecnológica — pelo fato da área de humanas estar mais sujeita à vigilância do governo. Como engenheira, trabalhou inicialmente em fábricas, lidando com operários; depois foi trabalhar como consultora em empresas que prestam serviços para a esfera pública (construção de hidrelétricas, termoeletricas etc.), exercendo a função de planejamento de projetos. Nesta nova função, uma de suas atribuições era a de organizar equipes para projetos e, por isso, tinha que lidar com funcionários de todos os níveis hierárquicos, desde o pessoal de “chão de fábrica” até o dono da empresa, incluindo também o cliente final. Nesta época, Inês resolveu fazer um Mestrado em Administração Pública, sobre o qual tomou conhecimento por intermédio de um cartaz, que viu exposto no metrô. Durante o Mestrado, Inês resolveu deixar o emprego. Uma parte do seu tempo passou a dedicar ao trabalho em consultoria. No tempo restante, começou a ler mapa astral, atividade que lhe permitia “pagar as contas” (expressão sua). — até porque separou-se nesta mesma ocasião. Quando terminou de cursar as disciplinas do Mestrado — mas antes de começar a redigir a dissertação

— achou que toda orientação que recebera, até então, era muito técnica e não se aplicava nem à vida, nem ao cotidiano das pessoas. Trancou a matrícula e foi tentar fazer uma graduação em Psicologia. Uma das faculdades em que procurou ingressar sem vestibular (por já possuir um diploma universitário, não a aceitou por ela vir da área tecnológica. Conseguiu, por fim, ser aceita em outra faculdade. Quando terminou o bacharelado em Psicologia, veio “resgatar” (palavras da informante) o Mestrado e, finalmente, elaborar a dissertação em organizações (sobre estilo gerencial). Nesta época, já estava trabalhando na área Psi, como “arte-terapeuta”, formação que não requer o diploma de Psicologia e que concluiu quando ainda estava na faculdade. Após o curso de Psicologia, Inês fez uma especialização em Psicologia Analítica¹⁴⁸ — já desejava ser terapeuta junguiana, antes mesmo de ingressar na faculdade. Ficou por um tempo dedicada à clínica, atendendo em consultório. Depois disso, foi convidada por uma amiga para dar aulas de arte-terapia em uma pós-graduação, iniciando, então, esta nova atividade ligada ao ensino. Logo em seguida, surgiu o convite de uma outra faculdade. Resolveu investir na formação de professora, cursando uma especialização em docência de ensino superior. Por sete anos conjugou as atividades de professora, psicóloga (clínica) e consultora da parte organizacional (um misto de Psicologia com Administração, voltado para a administração de pessoas nas organizações). Por ocasião da entrevista, entanto, contou-me que fazia um ano que havia deixado o consultório, não sabendo se algum dia voltaria a trabalhar com o “indivíduo”, pois sentia-se mais envolvida com a questão da organização do trabalho e orientação vocacional, do que com a prática terapêutica em si. Estava cursando, também, um outro Mestrado, em Psicologia Social, e pensando no doutorado para um futuro

¹⁴⁸ A Psicologia Analítica foi criada por Carl Gustav Jung, distinguindo-se da Psicanálise por sua visão expandida do conceito de libido e pela introdução do conceito de inconsciente coletivo. Jung, diferentemente de Freud, definia a psique como simultaneamente positiva e negativa, um repositório não só das memórias e das pulsões reprimidas, mas também uma instância da dinâmica da divindade. Informações retiradas do site <http://pt.wikipedia.org>, consultado em 10/02/2006.

próximo. Inês passou recentemente em um concurso para o Ministério Público, no qual irá trabalhar como analista de qualidade de vida. A entrevistada também pretende continuar a lecionar, só que diminuindo sua carga horária.

5. Marta, 51 anos, separada, com dois filhos, moradora da Zona Sul, oriunda de uma família de classe média. Fez Engenharia Elétrica na década de 70, mas nunca chegou a exercer a função de engenheira, especializando-se na área de Informática e Sistemas. Escolheu Engenharia porque não sabia ao certo que carreira desejava para si, durante o 2º grau. Fez um teste vocacional, aos 14 anos, que sinalizou para profissões que demandassem raciocínio lógico, recomendando Estatística. Quando Marta iria inscrever-se em Estatística, no vestibular, um amigo de seu pai a aconselhou a fazer Engenharia, que também iria lidar com raciocínio lógico e teria mais mercado de trabalho. Ela achou que o conselho fazia sentido e acabou optando pela Engenharia. Ainda cursando o básico na faculdade, começou a estagiar na área de sistemas, trilhando esta carreira, meio que por acaso, emendando estágios e posteriormente empregos na área. Trabalhou em diversas empresas e em vários setores, implantou sistemas, desenvolveu programas, lidou com usuários e coordenou projetos. Após 10 anos de profissão, desmotivou-se. Já estava trabalhando como coordenadora de projetos, função que não lhe agradava pois, segundo ela, não “tinha desejo de poder”. Percebeu, dessa forma que tampouco ambicionava ascender naquela profissão: ela não queria mais poder para si, e sim mais aprendizado técnico. De acordo com Marta, quanto mais se cresce hierarquicamente nas organizações, mais a pessoa vai se distanciando da parte técnica. Ficou por um tempo muito insatisfeita — segundo ela, por uns quatro anos, aproximadamente. Continuou trabalhando na mesma empresa, sentindo-se muito “infeliz” (termo da entrevistada), até que foi demitida em uma das reestruturações realizadas. Disse ter sido um “alívio” para ela. Foi uma das melhores sensações, a de sair daquele “trabalho horroroso”. Nesta ocasião, ficou

uns seis meses em casa — apenas curtindo os filhos — e decidiu-se a voltar a estudar. No início de carreira, havia feito um Mestrado em Engenharia Industrial; havia cursado as disciplinas, mas não chegou a defender a dissertação. Neste momento posterior, optou por uma pós em Administração. Fez Mestrado, Doutorado e seguiu a carreira acadêmica. Prestou concurso público e atualmente é professora da pós-graduação de uma universidade federal, na qual já trabalha há cerca de 10 anos. Conta que, depois que saiu da última empresa, quando ainda estava cursando o Mestrado, recebeu várias propostas de emprego. Nunca desejou, no entanto, retornar à vida corporativa, nem mesmo quando ainda “nem sabia” que queria tornar-se professora. Durante este período, Marta era casada e tinha consciência de que poderia dedicar-se somente aos estudos, pois seu marido possuía uma situação financeira confortável. Marta afirma gostar de ser professora, ressaltando, no entanto, que estudar, pesquisar e orientar lhe dão mais prazer do que lecionar. Seus planos para o futuro estão em aberto, mas ela acredita que daqui a uns sete ou oito anos, o “ciclo de professora” vai se encerrar — assim como ocorreu com a Informática — e ela irá partir em busca de outros caminhos, ainda desconhecidos.

6. Javier, 52 anos, casado, com filhos, oriundo de uma família de imigrantes espanhóis, de classe média alta. Javier conta que seu pai era oriundo de uma família rica, mas imigrou para o Brasil, aos 17 anos, fugindo do serviço militar espanhol (que enviava os jovens para colônias africanas), de uma Europa em crise (em pleno período entre guerras) e da guerra civil espanhola. Trabalhou muito e “fez fortuna no Brasil”. Apesar da boa situação econômica, seu pai não tinha uma educação formal, embora tampouco fosse “bronco” (expressão do entrevistado). Javier ingressou na faculdade de Engenharia Mecânica no final da década de 60. A escolha por esta profissão deu-se, segundo conta, porque naquela época só havia duas atividades profissionais de grande prestígio, a Medicina ou a Engenharia. Como gostava de Matemática e odiava Medicina, acabou

optando pela Engenharia. Gostava muito de música e era incentivado pelo pai que gostava de cantar. Toca acordeão desde os 13 anos e costumava tocar piano nos bailes, na juventude, mas confessa que jamais pensaria em ser músico, por achar que “isso é coisa de vagabundo”. A música para ele era só diversão, para “fazer sucesso com as moças”. Conta, também que, até terminar a faculdade, costumava tirar fotografias e revelá-las, ele próprio. Tinha um pequeno laboratório em casa e chegou, na adolescência, a ganhar dinheiro com isso. Seu conhecimento nesta atividade era todo autodidata, comprava os livros de fotografia e reproduzia as técnicas, na base da tentativa e erro. Quando começou a trabalhar, no entanto, deixou as atividades artísticas para trás. Foi recrutado como *trainee* por uma empresa automobilística multinacional e começou a ascender profissionalmente. Nesta época também, perdeu seu pai e viu-se obrigado a assumir a família do ponto de vista “emocional”, por ser o “mais velho de cabeça”, o mais responsável — embora não tenha precisado ajudar a família economicamente, pois seu pai os havia deixado em boa situação financeira. Ainda bem jovem, com vinte e poucos anos, foi subindo na profissão e aos 25, já era diretor. No final da década de 70, no entanto, houve uma crise no setor de produção automobilística, provocada pelas crises internacionais anteriores (do petróleo) e Javier acabou sendo cortado da empresa — segundo acredita, por ser o mais novo, com futuro promissor (seus colegas com o mesmo cargo, todos tinham mais de 40 anos) e o que menos precisava do emprego. Na época, ficou deprimido com a demissão, pois era tido como um dos melhores profissionais de sua empresa e, ainda assim, foi o escolhido para ser cortado no momento de crise. Recebeu, no entanto, uma boa indenização, o que o permitiria passar o tempo que desejasse sem fazer nada. Recebeu, então, o convite para ser representante de uma empresa automobilística inglesa, que desejava um profissional com boa formação técnica e que falasse línguas estrangeiras (Javier era fluente em inglês e espanhol). A remuneração, segundo ele, era três

vezes maior do que o salário da multinacional na qual trabalhava anteriormente. Ficou uns três anos nesta função, até que a empresa resolveu fechar seu escritório do Brasil. Quando saiu deste último emprego, Javier já tinha juntado bastante dinheiro e queria dedicar-se a outra coisa, mas não sabia bem qual. Não conseguia pensar em ficar sem trabalhar, embora tivesse dinheiro suficiente para tanto. Disse ser esta, uma “marca do imigrante”. Surgiram outras propostas para voltar a trabalhar como engenheiro em empresa, mas ele não aceitou. Resolveu voltar a dedicar-se a atividades artísticas. Comprou um órgão e começou a estudar. Chegou a tocar profissionalmente em jantares sofisticados, mas afirma não ter gostado da experiência. Retomou, então, uma “antiga paixão”: a fotografia, que também havia praticado quando estudante. Começou a buscar cursos de profissionalização, chegando até um conhecido fotógrafo de publicidade (por indicação de seu irmão, que trabalhava em uma agência de propaganda). Conversou com ele, ofereceu-se para trabalhar de graça, estudou técnica fotográfica, ajudou o parceiro na área comercial (da qual o fotógrafo não gostava e com a qual o informante tinha alguma experiência) e, em cinco anos, transformou-se em seu sócio. Algum tempo depois, o fotógrafo resolveu aposentar-se, deixando seus clientes para ele, que foi em busca da ascensão, de abrir mais espaço para si. Conta que era inteiramente “apaixonado” pela fotografia e que trabalhava muito — como costumava fazer na Engenharia, no início da carreira — só que, agora, com prazer. Hoje em dia, já se vão 20 anos de trabalho com fotografia publicitária. Javier considera-se bem sucedido na profissão, possuindo clientes importantes e uma remuneração atraente. No entanto, sente-se inquieto, atualmente; encontra-se em meio a “outro processo de mudança”, mas diz não ter mais coragem para começar “tudo do zero” — já tendo mais de 50 anos e também sem saber ao certo o que gostaria de fazer; acha, no entanto, que se mudasse mais uma vez, iria para o campo, dedicar-se à criação de algum tipo de animal.

7. Hugo, 51 anos, casado, com filhos (um menino e uma menina), morador da Barra da Tijuca. Hugo conta que, quando adolescente, morou na Zona Norte e até mesmo no subúrbio. Sua família era, no entanto, de classe média e incentivava que ele fizesse um curso superior. Embora fosse estimulado a conquistar o diploma universitário, o entrevistado afirmou sempre ter tido “um lado prático”, trabalhando como office-boy, desde os 14 anos de idade, para ganhar o “seu” próprio dinheiro. Seu relato ressalta essa “característica empreendedora” (nos termos dele) precoce e constante em sua personalidade: quando “garoto”, costumava fabricar pipas e as vendia na vizinhança. Prestou vestibular no início da década de 70 e foi aprovado para Meteorologia, que escolheu por gostar de Matemática e por não se considerar preparado para entrar para uma faculdade de Engenharia. Hugo, no entanto, nunca chegou a se formar, nem a trabalhar na área escolhida. Ainda no início da faculdade, deparou-se com um anúncio procurando universitários para trabalhar em um campo recente no Brasil: a Informática. Resolveu investir na área e ainda novo, com 18 ou 19 anos (segundo seu relato), já ganhava bastante bem, tanto que já havia conseguido comprar seu primeiro automóvel. Afirmou, no entanto, que não era o ganho financeiro o que o motivava a trabalhar nesta área, mas o prazer de fazer parte de um campo novo e profissionalizar-se em “uma carreira promissora e muito prazerosa”. O seu foco voltava-se para a atividade profissional, e não para a faculdade¹⁴⁹. Virava a noite trabalhando, foi diminuindo o número de créditos e “empurrando” as matérias para mais adiante. Conta que seu desinteresse pela faculdade devia-se ao fato de sentir-se muito à frente de seus colegas de turma — enquanto eles ainda estavam aprendendo o básico sobre computadores, Hugo já operava um *main frame* há muito tempo. Durante a faculdade, mudou de emprego várias vezes, sendo, na última delas, transferido para Brasília. Disse não ter pensado duas vezes:

¹⁴⁹ Hugo vivenciou o *boom* da Informática em nosso país e, apesar de não dar-se conta disso, na ocasião, sentia a presença de algo novo acontecendo, que iria transformar muita coisa no futuro.

aceitou o emprego e mudou de cidade. Como trabalhava no horário comercial e a UNB não tinha vaga à noite, saiu de uma federal no Rio de Janeiro para uma faculdade particular em Brasília, mudando de curso para Matemática. Foi em Brasília, também, que viria a conhecer sua futura mulher, na verdade, a sobrinha de seu chefe. Começaram a namorar. Na ocasião, para vê-la, vinha todos os finais de semana para o Rio de Janeiro (gastava todo seu dinheiro em passagens aéreas e interurbanos). Resolveu largar o emprego muito bem remunerado em Brasília e voltar para o Rio de Janeiro, sem um único trabalho à vista. Relata, no entanto, que as coisas “conspiraram a seu favor”: só ficou duas semanas sem emprego, sendo convidado para trabalhar em uma multinacional de petróleo, para ganhar mais do que em seu emprego anterior. Disse que em apenas cinco anos, sua ascensão profissional neste novo emprego foi “absurda”, conseguindo — por desempenho — galgar várias promoções, ainda que a empresa possuísse um plano formal de carreira e exigisse nível superior para se ocupar determinados cargos. Hugo menciona também que, por esta ocasião, transferiu sua matrícula para outra faculdade particular no Rio de Janeiro, mudando novamente de curso (desta vez, para Engenharia Civil). Nesta época, com 23 anos, já pensava em casar-se e teve a idéia de “construir um prédio” para fugir do aluguel. Conta que todos o acharam “louco” por insistir nesta idéia. Levou anos para viabilizar o projeto; reunir a quantidade suficiente de cotistas; convencê-los a participar do empreendimento; substituí-los por outros, quando alguns desistiam; mediar discussões quando brigavam; conseguir financiamento na Caixa Econômica Federal; agilizar a papelada e, por fim, acompanhar a obra. Diz ter até trabalhado de graça em uma corretora de imóveis, nos finais de semana, para aprender mais sobre o assunto. O esforço deste empreendimento lhe valeu uma promoção na multinacional em que trabalhava, mesmo sem ter terminado o curso superior (naquela altura,

Hugo já havia desistido do mesmo)¹⁵⁰. Seu chefe ficou tão impressionado, que o promoveu a gerente. Ficou mais 10 anos nesta empresa multinacional, lidando com computadores de grande porte. Durante este tempo, no entanto, começou a estudar micro-informática¹⁵¹ e a fazer umas programações como “free-lancer”. No período das férias, começou a refletir sobre seu futuro profissional e constatou que não queria continuar naquele trabalho. Não queria mais ser promovido na companhia de petróleo, achava a vida empresarial muito competitiva e não se sentia seduzido por status e dinheiro. Resolveu pedir demissão e trabalhar como autônomo. Montou duas empresas: uma de prestação de serviços em micro-informática e a outra, de serviços em geral¹⁵². Resolveu seguir sua “verdadeira vocação” que, segundo ele, era a de solucionar problemas. Ficou por um tempo administrando estas empresas até que sua mulher¹⁵³ — que era jornalista — começou a fazer reportagens defendendo a inclusão dos portadores da Síndrome de Down na sociedade. Ela acabou abraçando a causa e tornou-se especialista no assunto, dando palestras e escrevendo livros. Acreditando na causa e no “talento” (palavra usada pelo entrevistado) da esposa, Hugo montou uma terceira empresa, uma editora, para publicar os livros escritos pela mulher. O novo projeto o absorveu tanto, que acabou deixando para trás as duas outras empresas. Conta que abriu mão da sua carreira em Informática para apoiar o projeto social da mulher. Uma mudança significativa em sua vida. Hoje em dia, Hugo é responsável por uma editora que publica vários títulos sobre inclusão social. Seu projeto futuro consiste em “construir” uma cidade alternativa e solidária, que não use dinheiro como meio de troca e que se

¹⁵⁰ Configurando uma exceção na empresa em que trabalhava, que exigia a formação superior para ocupar cargos gerenciais.

¹⁵¹ Isto ocorreu, de acordo com seu relato, no início da década de 90, quando os micro computadores estavam começando a ser mais utilizados nas empresas

¹⁵² Uma espécie de empresa “quebra-galhos”, que resolvia todo tipo de problemas: desde levar um carro para a oficina, um parente para o médico, até acompanhar obras, entregar documentos importantes, etc.

¹⁵³ Hugo é um dos únicos informantes que, ao falar de sua carreira, entremeia detalhes de sua vida pessoal, inclusive aqueles relacionados à construção da carreira da cónyuge.

apóie no trabalho comunitário. Para a tal cidade ideal, até já imaginou um nome e esboçou um projeto inicial.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não gosto do trabalho, ninguém gosta; mas gosto do que é no trabalho a ocasião de se descobrir a si próprio Joseph Conrad em *O Coração das Trevas*.

O que está por trás do discurso das segundas escolhas profissionais? O que move pessoas, de 28 a 52 anos, oriundas de diversas profissões, a aventurarem-se por outros caminhos, distintos dos que construíram até então? A busca pela felicidade, através da auto-realização, é uma das principais motivações para os deslocamentos nas carreiras. Utilizando-me dos conceitos de Arendt (2004) apresentados no 1º capítulo desta dissertação, a satisfação pessoal está, neste caso, vinculada a se encontrar uma ocupação que **não seja**, de forma alguma, percebida como “labor”, como uma atividade imposta pelo imperativo da necessidade, da subsistência, do desgaste físico. Estas pessoas desejam transformar suas profissões em algo mais do que um mero “trabalho”, uma atividade que se traduza pela “ação” sobre si mesma, **uma expressão da própria identidade**. Segundo esta concepção, o trabalho constitui uma oportunidade de autodescoberta e uma marca de autenticidade.

Para os informantes desta pesquisa, o indivíduo é a referência básica e as escolhas não configuram apenas um direito e um dever do sujeito moderno, mas uma forma de autocultivo e de exploração das dimensões psicológicas individuais. Trabalhar, para estas pessoas, transcende a concepção do trabalho-valor que, no mundo moderno, imprimiu sentido a esta atividade – conforme discutido no 1º capítulo. Significa bem mais do que uma necessidade moral ou ética, ou ainda uma forma de integrar uma determinada rede de sociabilidade. É por intermédio do trabalho que estes pesquisados **atribuem um sentido a si próprios**. Daí ser tão importante que sejam **prazerosas** as suas ocupações e que **tenham “a ver”** com suas essências e com o momento que estão vivendo.

Os deslocamentos na carreira, as metamorfoses profissionais são uma forma dos informantes continuarem sintonizados com as demandas do “self”, de se sentirem inteiros, coerentes. Afinal, o trabalho não é exterior às suas personalidades, mas parte integrante delas, encontrando-se amalgamado às demais esferas da vida, como a psicológica e a afetiva. É como se fosse uma **segunda pele, que se ajusta às formas do corpo, funcionando como sua extensão**. Esta aderência não é, no entanto, estática, vai mudando conforme as experiências, daí a necessidade de “trocar de pele” quando a atividade exercida já não se encaixa mais, já que os projetos mudam ao longo de uma trajetória. A mudança é constituinte da própria dinâmica da vida social, permeando a vida do sujeito como um todo, ligando-se aos questionamentos afetivos e às crises existenciais. Nesse sentido, as transformações profissionais espelhariam mudanças mais profundas, de interesses e de atitudes em relação à vida, podendo ou não estar diretamente associadas a uma separação ou dissolução de grupos, relacionamentos ou sociedades, mas certamente acompanhando as transfigurações do sujeito.

Reinventar-se é preciso. É uma forma de autocultivo, da “*bildung*”, de buscar a integração da “cultura objetiva” à “subjetiva”, de eliminar a cultura “espúria” e resgatar a autenticidade. No caso desta pesquisa, os entrevistados escolheram “metamorfosear-se” por intermédio da atividade profissional. De uma forma geral, as transformações acompanharam as demandas individuais. No caso de um dos entrevistado, no entanto, a mudança foi motivada pelo projeto de outra pessoa (sua mulher, no caso). Ele abraçou por vontade própria uma nova atividade, mas com a motivação inicial de ajudar a cônjuge.

O conjunto de vinte pessoas, aqui analisado, tem em comum a reflexividade e o espírito de transformação. Naturalmente, este processo de transformação não é vivenciado da mesma forma por todos os informantes e também apresenta

diferenças específicas em relação a gênero, estado civil, origem familiar e faixa etária, conforme discutido na Introdução deste trabalho.

Procurando refletir sobre as formas diferenciadas de lidar com os projetos profissionais e, de acordo com o grau de adesão demonstrado em relação à mudança profissional, defini três “tipos ideais” – com base nos discursos dos informantes – que indicam perfis distintos na forma de encarar e buscar o “novo”, conforme discutido no 2º capítulo. Admito, no entanto, que tal interpretação é arbitrária e sujeita a simplificações da complexidade humana. Os três grupos esquematizados foram os “parceiros do destino”, o “planejador” e o “navegador sem leme”.

A categoria “**parceiros do destino**” abriga os informantes que **não fizeram planos a longo prazo** em suas vidas profissionais, suas metamorfoses acompanhando o fluxo dos acontecimentos. A nova profissão não pressupõe um cronograma definido com datas e uma meta futura, sendo escolhida ao longo do caminho, quando uma possibilidade atraente é vislumbrada. São pessoas que valorizam mais o momento vivido, o instante presente, sem se preocuparem muito com o planejamento do futuro. Por analogia, conforme ilustrado no 2º capítulo, os “parceiros do destino” comportam-se como “aventureiros” da vida, no sentido empregado por Simmel (1974), sendo levados pelo fluxo do destino, sem, no entanto, deixarem de estar conscientes durante todo o processo, aproveitando os lances e as oportunidades que se apresentam. Este é o grupo que concentra o maior número de entrevistados que já fizeram a segunda mudança há algum tempo e falam de suas trajetórias com olhar retrospectivo. Talvez para conseguirem “sintonizar-se” com o destino, tenham sido necessárias as experiências prévias, o fato de já terem atravessado um processo de autotransformação.

Os informantes do tipo “**planejador**” encontram-se principalmente nos estágios liminares da mudança, entre os que estão investindo na transformação ou a

estão realizando no momento presente. O “planejador” **tem uma meta definida, calcula a posição em que deseja chegar a longo prazo**, que cursos precisa fazer, que redes de sociabilidade precisa construir, enfim, detalha os passos e os procedimentos necessários para conquistar um lugar na nova profissão. Age programadamente para atingir seu objetivo final. Naturalmente, os informantes deste grupo admitem nem sempre conseguir alcançar as metas idealizadas, dentro dos prazos e das maneiras planejadas. Mas consideram tais obstáculos acidentes de percurso, que retardam, aceleram ou produzem desvios no projeto original. Mesmo quando algo não dá certo, continuam esforçando-se, mantendo a coerência no direcionamento de seus planos. São orientados para o futuro, para a ação e reivindicam autoria em seus destinos.

Apenas dois informantes integram o tipo “**navegador sem leme**”. Relatam ter chegado à segunda carreira **meio por acaso, por ajuda do destino**. Não se posicionaram, em seus discursos, como autores ou co-autores de seus destinos, mas como “personagens”, levados à nova profissão “pela correnteza”, sem muita consciência ou controle sobre o fluxo dos acontecimentos. Não utilizaram expressões afirmativas, a exemplo dos outros grupos, como “eu quis”, “eu fiz” ou “eu preferi”, mas empregaram termos mais vagos como “aconteceu”, “não sei”, “tive sorte”, “foi assim”. Durante as entrevistas, ao falarem sobre as suas trajetórias, percebia-se que outras escolhas profissionais poderiam ter sido feitas, em vários momentos. Na construção de suas carreiras optaram, sim, por um caminho – até pelo fato de não terem se posicionado em direção contrária – mas os acontecimentos não foram verbalizados desta forma, eles não se preocuparam em atribuir-lhes uma “assinatura de escolha” ao proceder a seu ordenamento.

No entanto, independente do grupo, a **mudança** é sempre vista como algo **positivo e inexorável**. As transformações são encaradas como necessárias para que se possa acompanhar a dinâmica da vida. Há uma valorização social da mudança, pois ela se insere em um projeto de modernidade, afinada com o

modelo individualista e psicologizado característico das camadas médias urbanas intelectualizadas. Palavras de ordem como **flexibilidade**, **autenticidade**, **reinvenção** e **criatividade** são encontradas tanto no discurso dos entrevistados, quanto em profissionais que trabalham em empresas e na mídia especializada em administração de carreiras.

A *aproximação* dos entrevistados com o campo **psi** e com as práticas terapêuticas da “**nova era**”, conforme explorado no 2º capítulo, também foram **fundamentais** para que o projeto de mudança tomasse forma entre eles e para que cultivassem uma visão mais positiva das autotransformações. Estas são práticas que atendem a um apelo existencial, à busca da coerência interna. Fato relevante é que a grande maioria dos entrevistados estava, de alguma forma, ligada ou à Psicologia (como analisando e/ou como estudante); às práticas alternativas – (como ioga, taoísmo tarô, astrologia etc.) – ou, ainda, a atividades sociais e comunitárias.

Entre os entrevistados foram encontradas **quatro direções de mudança** que podem estar conjugadas em uma mesma profissão. Referem-se ao **autoconhecimento**; à oportunidade de **ajudar ao próximo**; ao **aprimoramento intelectual** e à **criatividade**. Estas são as razões que justificam a mudança. Os entrevistados sentem necessidade de uma profissão que também dê conta de suas dimensões existenciais; de uma atividade na qual sintam-se úteis, ajudando a outras pessoas; de uma ocupação criativa e artística e/ou de um trabalho no qual possam estudar, refletir e pensar.

O processo de mudança não é fácil, de modo algum. São vários os relatos – descritos no 3º capítulo – de sacrifícios, medos e sofrimentos vivenciados durante os deslocamentos nas carreiras. Mas passar por estas privações e desconfortos e continuar convicto sobre o novo projeto é parte do processo, constituindo uma espécie de rito de passagem do estado **de “sujeito irrequieto” a “construtor da mudança”**. O fato de suportar as dificuldades os

torna merecedores de uma nova identidade profissional. Muitos entrevistados partem do pressuposto de que a “sorte” só irá lhes agraciar, caso vençam os desafios e saiam inteiros das provações. Só podem singularizar-se e terem certeza de que suas vidas valeram a pena, se tiverem experimentado as “trocas de pele” no sentido mais profundo, se entregando ao processo de metamorfose.

Mas **as mudanças não são necessariamente encaradas como rupturas**, na visão dos que já passaram por elas e constroem suas “ilusões biográficas”, conforme discutido no 4º capítulo. Naturalmente, ao falar de si, o narrador manipula aspectos de sua vida pessoal, “editando-os” e imprimindo um sentido que procura suprimir as incoerências e as ambigüidades. No entanto, as identidades, assim como as carreiras, não são fixas ou congeladas, pressupõem mudanças e deslocamentos que passam a ser constituintes da vida dos sujeitos.

Os informantes, ao elaborarem suas retrospectivas, refletem sobre o fluxo dos acontecimentos – e sobre seu papel neles – a partir do momento específico de realização da entrevista. Fazem questão de se apresentarem como pessoas “em aberto”, constantemente “por fazer-se”, sujeitas à ação das mudanças, mas não, por isso, fragmentadas. Percebem-se como **seres múltiplos, porém inteiros**. Os deslocamentos nas carreiras são experimentados e vistos como transformações, “metamorfoses” e “alquimias”. Há um núcleo e uma essência que permanecem coesos nos entrevistados e que eles identificam como perenes, embora admitam que nem sempre souberam reconhecer seus sinais – e que estes só passaram a ser percebidos a partir de certa experiência de vida. Em todas as entrevistas, houve uma preocupação com a coerência, com a valorização de certos padrões e de alguns traços permanentes. A principal constância apresentada é, no entanto, a do compromisso com a mudança, com não ter medo de ousar e de transformar-se; a de serem “metamorfoses ambulantes”, embora não de forma irresponsável e incoerente, alegando que todas as etapas de suas vidas tiveram “começo, meio e fim”.

Estou ciente de não ter esgotado, no presente estudo, a discussão sobre as transformações e reinvenções na carreira. Todo trabalho acadêmico está circunscrito a um tempo e pressupõe uma escolha, opta por uma linha de abordagem em detrimento de outra. Procurei explorar a dimensão existencial da mudança e refletir sobre os significados da mesma nas trajetórias de um conjunto de entrevistados das camadas médias urbanas do Rio de Janeiro, em determinado período histórico e social. Enfim, espero ter contribuído um pouco para a reflexão sobre os “projetos”, os desejos, as aspirações e as transformações nos deslocamentos intencionais, nas carreiras profissionais – e sobre o sentido que a atividade profissional possui para estes informantes, atuando como uma marca identitária, uma expressão do próprio “self”. É importante ressaltar que apesar de ter discutido um “modelo de representação” e de “apresentação de si” não pretendo fazer nenhuma “apologia” da categoria “mudança”, apenas apresentar o “ponto de vista do nativo”.

Reitero, uma vez mais, não ter sido uma preocupação desta dissertação, o aprofundamento de temas como as transformações e as novas condições oferecidas pelo mundo do trabalho na contemporaneidade, tampouco foi incluída a discussão sobre o desemprego e a precarização do trabalho assalariado.

Partindo, uma vez mais, da premissa do ator que experimenta subjetivamente a vida social e elabora as suas próprias escolhas, creio que ainda haja bastante espaço para futuras reflexões aprofundando a temática do “permanecer versus mudar” (ver VELHO, 1998 e RUSSO, 1993) em relação a outras esferas da vida pessoal (os encontros e desencontros afetivos, os estilos de vida, a constituição das redes de sociabilidade, a classificação através do consumo etc.), ou ainda outras possíveis transformações nas “carreiras” – como as mudanças de orientação sexual – e, por último, a inclusão das classes com menor poder aquisitivo neste debate.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de & ROCHA, Dora (orgs.). *Elas ocuparam as redações. Depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.
- ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro. Um estudo antropológico sobre o envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo, Ática, 1989.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.
- ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, LTC, 1981.
- ARTIÈRES, Phillipe. “Arquivar a própria vida”. In: *Estudos Históricos*, vol. 11, número 21. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.
- BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira e QUINTANEIRO, Tânia. “Max Weber”. In: QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira e MONTEIRO DE OLIVEIRA, Márcia Gardênia. (orgs.) *Um toque de clássicos. Marx, Durkheim e Weber*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
- BARTH, Frederik. “Análise da cultura nas sociedades complexas”. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, Contracapa, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- BECKER, Howard S. Part III. “The processes of personal change”. In: *Sociological work. Method and substance*. Chicago, Aldine Publishing Company, 1970
- _____ . *Outsiders. Studies in the sociological deviance*. New York, The Free Press, 1996.
- BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.
- BITTAR, Lorena Teixeira. O sentido do trabalho – algumas reflexões sobre o trabalho e o mundo do trabalho. Dissertação de Mestrado em Administração de Empresas. Área de concentração: Organização, Recursos Humanos e Planejamento. EASP/FGV, São Paulo, 1997.
- BODY-GENDROT, Sophie. “Uma vida privada francesa segundo o modelo americano”. In: ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges. (orgs.) *História da vida privada – da primeira guerra a nossos dias*. Volume 5. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasilense, 1990.

- _____ . "A ilusão biográfica". In FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.
- _____ . "Condição de classe e posição de classe". In *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2004.
- CALDEIRA, Jorge; MARCONDES, Claudio e PAULA, Sergio Góes de. *Viagem pela história do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- CALLIGARIS, Contardo. "Verdades autobiográficas e diários íntimos" In: *Estudos Históricos*. Volume 11, número 21. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário*. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.
- CASTRO, Celso. *Os militares e a República. Um estudo sobre a cultura e a ação política*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- CRAPANZANO, Vincent. *Tuhami. Portrait of a moroccan*. Chicago, The University of Chicago Press, 1980.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. "Três ensaios sobre a pessoa e a modernidade". In: Boletim do Museu Nacional, Antropologia, número 41, agosto de 1983.
- _____ . *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1986.
- _____ . "O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna". In: HEILBORN, Maria Luiza. (org.) *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- _____ . *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo, EDUSP, 1992.
- ELIAS, Norberto. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____ . *Mozart. Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- FACINA, Adriana. *Santos e Canalhas. Uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. "Memória política e história do Rio de Janeiro". In: *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.
- _____ . "Por trás da fusão". In: Revista *Nossa História* – Ano 2 – Número 19 – maio de 2005, páginas 60-63.
- FIGUEIRA, Sérvulo A. "O 'moderno' e o 'arcaico' na família brasileira. Notas sobre a dimensão invisível da mudança social". In: FIGUEIRA,

- Sérvulo A (org.). *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
- FOCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2002.
 - _____. *Microfísica do poder*. São Paulo, Graal, 2003.
 - GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989.
 - _____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
 - GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Editora Unesp, 1991.
 - _____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
 - GIUBERTTI, Adriana Maria. Trabalho para que te quero? Espaço ocupado pelo trabalho na vida do indivíduo contemporâneo. Tese de Doutorado em Sociologia – Universidade de Brasília (UNB), Brasília, julho de 2004.
 - GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1989.
 - GOMES, Angela, PANDOLFI, Dulce e ALBERTI, Verena (orgs.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, páginas 496-529.
 - GOMES, Laura Graziela; BARBOSA, Lívia; DRUMMOND, José Augusto. “Introdução”. In: _____. (orgs.) *O Brasil não é para principiantes*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001.
 - HEILBORN, Maria Luiza. *Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2004.
 - HIRSCHMAN, Albert. *As paixões e os interesses: argumentos políticos para o capitalismo antes de seu triunfo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
 - HUGHES, Everett C.. “Part III – Work and self”. In: *The sociological eye. Selected papers*. Chicago, Aldine. Atherton, Inc., 1971.
 - KONDER, Leandro. “Marx fundamental”. In: *O Globo. Caderno Prosa e Verso*. Rio de Janeiro, sábado, 02 de outubro de 2004.
 - KOSSELECK, Reinhart. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro, EdUERJ/Contraponto, 1999.
 - KUSCHNIR, Karina. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
 - LEIRNER, Piero de Camargo. *Hierarquia e individualismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003 (Coleção Descobrimos o Brasil).
 - MAGNANI, José Guilherme. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000 (Coleção Descobrimos o Brasil).
 - MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia. Volume I*. São Paulo, EPU e EDUSP, 1974.

- MEDEIROS JÚNIOR, Elcio de. "A Política econômica na cidade do Rio de Janeiro". In: *Rio Estudos*, nº 123, Coleção Estudos da Cidade. Rio de Janeiro, Instituto Pereira Passos, Secretaria Municipal de Urbanismo, Prefeitura do Rio de Janeiro, novembro de 2003. Disponível para download http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/rio_foco/index.htm. Acesso em 26/05/05.
- MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. "Capitalismo tardio e sociabilidade moderna". In NOVAIS, Fernando A e SHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). *História da vida privada no Brasil*, volume 4. São Paulo, Companhia das Letras, 2000
- MINAYO, Maria Cecília de S. e SANCHES, Odécio. "Métodos qualitativos e quantitativos: oposição ou complementaridade?". In: *Cadernos de Saúde Pública*, julho/setembro, volume 9, número 3, 1993.
- MOTTA, Marly. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2004.
- OLIVEIRA, Luis R. Cardoso. "Entre o justo e o solidário. Os dilemas dos direitos de cidadania no Brasil nos EUA". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, número 31, 1996.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação. As origens da nossa época*. São Paulo, Editora Campus, 2000.
- PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944); mito, política, luto e senso comum ". In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.
- RAMOS, Lauro e BRITTO, Marcelo. "O funcionamento do mercado de trabalho metropolitano brasileiro no Período 1991-2002: tendências, fatos estilizados e mudanças estruturais". Texto para discussão número 1011. Rio de Janeiro, IPEA, Março de 2004.
- ROCHA, João César de Castro. "Dialética da marginalidade – caracterização da cultura contemporânea". *Folha de São Paulo, Caderno Mais*, 29 de fevereiro de 2004.
- RUSSO, Jane. *O corpo contra a palavra. As terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1993.
- _____ *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002 (Coleção Descobrimos o Brasil).
- SALEM, Tânia. "A despossessão subjetiva': dos paradoxos do individualismo". *Revista RBCS*, número 18, ano 7, fevereiro de 2002.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Razões da desordem*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- SAPIR, Edward. "Cultura 'autêntica' e 'espúria'". In: PIERSON, Donald. (org.). *Estudos de organização*. São Paulo, Martins, 1970.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. "As origens do racionalismo ocidental". In: SOUZA, Jessé de (org.). *O malandro e o protestante*. Brasília, UNB, 1999.
- SCHUTZ, Alfred. "On multiple realities". In: *Collected papers*. The Hague:Martinus Nijhoff, 1971.

- _____ *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Record, 2004.
- SIMMEL, Georg. *On individuality and social forms*. Chicago, Chicago University, 1971.
- _____. *El Individuo y la libertad: ensayos de crítica de la cultura*. Barcelona, Ediciones Península, 1986.
- _____. "O conceito e a tragédia da cultura". In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998.
- SILVA, Regina Coeli Machado e. *Pessoa e trabalho: ética e saberes nas organizações industriais do Ocidente contemporâneo*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1999.
- SOARES, Luis Eduardo. "A duplicidade na cultura brasileira". In: SOUZA, Jessé de (org.). *O malandro e o protestante*. Brasília, UNB, 1999.
- SOUZA, Jessé de. "A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro". In: ----- (org.). *O malandro e o protestante*. Brasília, UNB, 1999.
- STRAUSS, Anselm. *Espelhos e máscaras. A busca de identidade*. São Paulo, EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- VELHO, Gilberto. *Nobres & anjos. Um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.
- _____ *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- VELHO, Gilberto; ABREU, Alzira Alves de; DUQUE ESTRADA, Maria Ignez; COSTA, Vera P. "Uma entrevista com Howard S. Becker". In: *Estudos Históricos*. volume 3, número 5, 1990.
- VILHENA, Luís Rodolfo. *O mundo da astrologia. Estudo antropológico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. "Romeu e Julieta e a origem do estado". In: VELHO, G. (org.), *Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- WACQUANT, Löic. *Corpo & alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Martin Claret, 2002.
- _____. *Ciência e política. Duas vocações*. São Paulo, Martin Claret, 2004.
- WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005

Jornais, Revistas e Sites pesquisados

Jornais e revistas

- GOMES, Maria Thereza e SILVEIRA, Mauro (colaboração). “Sucesso: a paixão faz diferença”. *Revista Você S.A*, agosto de 2002.
- KOPSCHITZ, Isabel. “De ‘hobby’ a profissão. Quando o profissional começa uma atividade por lazer e descobre uma nova vocação”. *Caderno Boa Chance. Jornal O Globo*, 21 de março de 2004.
- RIBEIRO, Fabiana. “Na hora da virada. Como fazer para começar uma nova carreira no meio da vida profissional”. *Caderno Boa Chance. Jornal O Globo*, 24 de novembro de 2002.
- “Mudar rumos da carreira traz riscos. Mas pode valer a pena” (sem autor). *Caderno Boa Chance. Jornal O Globo*, 21 de dezembro de 2003.

Sites consultados

- <http://pt.wikipedia.org>
- <http://www.ecosbr.com/indexframe.html>
- <http://www.sindpubrj.org.br>
- <http://www.letrefreudiana.com.br>
- <http://www.cprj.com.br>
- <http://www.crsp.org.br>
- <http://www.psicologia-online.org.br/main/index.cfm>
- <http://www.fibromialgia.com.br>